



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E
TERRITÓRIO

MARIA LEAL PINTO

HISTÓRIAS QUE OUVI CONTAR: A GUERRILHA DO ARAGUAIA NAS
NARRATIVAS DO POVO DE SANTO DA REGIÃO ARAGUAIA – TOCANTINS

ARAGUAÍNA

2018

MARIA LEAL PINTO

HISTÓRIAS QUE OUVI CONTAR: A GUERRILHA DO ARAGUAIA NAS
NARRATIVAS DO POVO DE SANTO DA REGIÃO ARAGUAIA – TOCANTINS

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós – Graduação em Estudos de Cultura e Território da universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína, para obtenção do título de Mestre em Estudos de Cultura e Território.

Área de concentração: em Paisagens, Narrativas e Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Dornival Venâncio Ramos Júnior

ARAGUAÍNA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

P659h Pinto, Maria Leal.
 HISTÓRIAS QUE OUVI CONTAR: A GUERRILHA DO ARAGUAIA NAS
 NARRATIVAS DO POVO DE SANTO DA REGIÃO ARAGUAIA –
 TOCANTINS. / Maria Leal Pinto. – Araguaia, TO, 2018.
 127 f.
 Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
 – Câmpus Universitário de Araguaia - Curso de Pós-Graduação (Mestrado)
 em Estudo de Cultura e Território, 2018.
 Orientador: Demival Venâncio Ramos Júnior
 Coorientador: Euclides Antunes de Medeiros
 1. Guerrilha do Araguaia. 2. Memória. 3. Povo de Santo. 4. Encantados. I.
 Título

CDD 306

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

MARIA LEAL PINTO

HISTÓRIAS QUE OUVI CONTAR: A GUERRILHA DO ARAGUAIA NAS
NARRATIVAS DO POVO DE SANTO DA REGIÃO ARAGUAIA – TOCANTINS

Dissertação apresentada ao Programa de
Estudos de Cultura e Território, avaliada para
obtenção do título de Mestre em __/__/__, e
aprovada em sua forma final pelo Orientador e
pela Banca examinadora.

Data da aprovação __/__/__

Banca examinadora:

Prof. Dr. Dernival Venâncio Ramos Júnior – UFT Presidente da Banca

Profª. Dra. Kênia Gonçalves da Costa – UFT Membro Titular

Prof. Dr. Jerônimo da Silva e Silva– UNIFESSPA Membro Titular

Os professores contribuem para a nossa formação acadêmica, mas os especiais, também conseguem deixar marcas para a vida inteira. Dedico ao meu Professor Orientador Dornival Venâncio que é esse professor especial.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente o Professor Dernival Venâncio Ramos Júnior, pela orientação, apoio e confiança. À Professora Sariza Oliveira Caetano Venâncio pelas contribuições e conversas sobre encantados. Sou grata ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território por oportunizar às minorias o sistema de cotas, pelo qual ingressei no curso.

Dedico meus agradecimentos também à Professora Kênia Costa, pela amizade e carinho e por suas valiosas e ricas contribuições com este trabalho. Ao Professor Jerônimo Silva, pelas grandes contribuições e ensinamentos e pela disponibilidade em ser avaliador deste trabalho. Às Professoras e Professores, com os quais tive a honra de conviver direta e indiretamente ao longo desses dois anos. À secretária do curso Adriana, por sempre me receber com sorriso no rosto.

Não poderia deixar de mencionar os depoentes que se dispuseram a ceder parte do seu tempo para dialogar e contribuir com a pesquisa. O meu muito obrigada, às companheiras e os companheiros do NEAF/UFT. Ao Professor João Batista de Jesus Félix. Aos colegas de curso que me proporcionaram horas de convívio prazeroso ao longo das disciplinas, em especial alguns que se tornaram mais próximos: Izarete, Sheyla, Aloísio, Fernando, Graziane e Grazielly.

Agradeço também ao Professor César Alessandro Sagrillo Figueiredo pela confiança, amizade, parceria, carinho e por sempre me incentivar a prosseguir os estudos.

Agradeço ao Professor Bruno Hammes pela amizade, incentivo e carinho.

Agradeço aos meus filhos João Paulo e Gabriel pelo carinho e companheirismo. Aos irmãos pelo incentivo, em especial ao meu irmão Francisco Antônio pelo suporte emocional e financeiro, sem os quais seria muito difícil continuar. Às colegas de trabalho Regina Helena, Márcia e Maristela que lutaram junto comigo para a concessão do afastamento para aperfeiçoamento profissional. Aos meus pais Antônio Zozimo (in memoriam) e Francisca Gomes (in memoriam), por terem me dado à vida e incentivo enquanto estiveram ao meu lado.

Minha gratidão vai também à todas as professoras e professores que fizeram parte da minha formação desde o Ensino Básico até os dias de hoje, que sempre me foram o exemplo para seguir adiante. À todas as pessoas que participaram direta ou indiretamente da elaboração deste trabalho, forneceu informações, contribuindo com materiais de estudo e

suporte geral. À minha vizinha Maria Rodrigues por ser parceira quando precisei para cuidar de Gabriel.

Ao meu amigo e anjo da guarda Lucas Costa, que me deu socorro no dia em que sofri um acidente de moto a caminho de Marabá. Também agradeço o meu amigo e guia Eduardo Pereira, sem o qual possivelmente não teria chegado a tantas pessoas. Às (os) vigias, auxiliares de serviços gerais, motoristas, terceirizados e toda comunidade UFT.

OSVALDÃO, O POEMA.

Por Paulo Fonteles Filho.

Não me matarão.

Sou as gentes simples da Gameleira à Faveira,
as mãos camponesas de Santa Cruz e São Geraldo,
e nos garimpos de Itamirim e Xambioá, antevejo
nos candeeiros dos meus iguais
a mineral resistência das noites.

Sou as pedras pontiagudas e esverdeadas
do caudaloso rio dos Karajás
e na metálica lua
forjo
entre irmãos de armas,
a insubmissa manhã
e a palavra libertada.

Não me matarão.

Sou a mais proletária de todas as raças,
tenho o dorso nu, negro,
e na rebeldia das ideias
desvendei os segredos da floresta, os caminhos do maracajá
e as profundezas da terra silenciosa.

Fui regatão e pratiquei preços justos.

Sou o batuque do terecô, o bailado que me fecha o corpo,
as rubras espingardas e a consciência da mata.

Dê-me Mãe Preta, o babassuê dos invisíveis,

o feitiço do medo,
os sonoros tambores e Xangô, o mais justo dos ancestrais,
meu pai dos raios e dos trovões.

Dê-me Mãe Preta, a proteção para o lobo,
o fogo para o amor, a água para a sede
e o vento que denuncia as camarilhas em fardas.

Dê-me Mãe Preta, o machado de duas faces,
que protege e pune,
a agitação das maracás, a vibração dos atabaques
e o transe das abatás, pois,
só assim serei cordel e motim,
e escreverei meus dias
como o mais brasileiro
entre os que arderam no combate.

Não me matarão.

Evoluo ao pé dos Martírios,
como um vento dirigido
e tomo, nas lentidões dos invernos,
os igarapés onde decifro
as botas do tirano.

Durmo nas redes e me faço povo, povo da mata!

Teço, irmãos laborais,
as guerrilhas e as esperanças,
os versos e os romances da liberdade,
a plena vida que o coração do homem ilumina.

Não me matarão.

RESUMO

O presente trabalho se fundamenta em pesquisa de campo realizada na região dos rios Araguaia e Tocantins, junto ao Povo de Santo que aí reside e também na literatura da Guerrilha do Araguaia. A pesquisa desenvolvida propõe – se analisar, interpretar e registrar as memórias da Guerrilha do Araguaia entre o Povo de Santo da região e a forma como estas vem sendo registradas, repassadas e ressignificadas tanto nas narrativas bem como nos referenciais acessados. Assim foi realizada uma pesquisa exploratória mapeando terreiros, dirigentes e pessoas pertencentes ao grupo Povo de Santo tendo como ponto de partida as obras de Sader (1990), Telles (2014) e Studart (2013), posteriormente foram escolhidos alguns terreiros e dirigentes para o desenvolvimento da pesquisa, que localizam – se principalmente nas cidades de Tocantinópolis – Tocantins, Brejo Grande – Pará e Marabá – Pará. O objetivo é compreender a construção dessa memória dentro do grupo Povo de Santo. Dos resultados encontrados, foi possível constatar que há sim uma memória sobre a guerrilha entre o Povo de Santo, essas memórias confirmam as transformações de Osvaldão, sua vivência com povo de terreiro e com destaque para o protagonismo do Povo de Santo, no episódio que marca os últimos capítulos da guerrilha, que é a morte de Osvaldão. A metodologia utilizada para interpretação e leitura das fontes foi o entrecruzamento entre Etnografia e História Oral.

Palavras – chave: Guerrilha do Araguaia, Memória e Povo de Santo.

ABSTRACT

The present work is based on field research carried out in the Araguaia and Tocantins rivers region, with the Povo do Santo who live there and also in the literature of the Araguaia Guerrilla. The research developed proposes to analyze, interpret and record the memories of the Araguaia Guerrilla among the people of Santo of the region and the way in which they have been recorded, transferred and re - signified both in the narratives as well as in the referentials accessed. An exploratory research was carried out, mapping terreiros, leaders and people belonging to the Povo do Santo group, starting with the works of Sader (1990), Telles (2014) and Studart (2013). Later, some terreiros and leaders for the development of the research, which are located mainly in the cities of Tocantinópolis - Tocantins, Brejo Grande - Pará and Marabá - Pará. The objective is to understand the construction of this memory within the Povo de Santo group. From the results found, it was possible to verify that there is a memory about the guerrilla among the Povo do Santo group, these memories confirm the transformations of Osvaldão, his experience with the people of the terreiro and with a prominence of the Povo do Santo, in the episode that marks the last chapters of the guerrilla, which is the death of Osvaldão. The methodology used for interpreting and reading the sources was a cross-over between Ethnography and Oral History.

Keywords: Araguaia Guerrilla, Memory and Povo do Santo.

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1: Distâncias das cidades percorridas.....	33
Gráfico 1: Representação da harmonização nos terreiros de umbanda a partir de seus princípios e fundamentos.....	50
Tabela 2: Festas do Terreiro de Brejo Grande (PA).....	75

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Carteira de garimpeiro de Arlindo Piauí.....	17
Figura 2: Terreiro da cidade de Brejo Grande (PA).....	23
Figura 3: Festa de Iemanjá, Praia do Tucunaré na cidade de Marabá (PA).....	24
Figura 4: Primeira representação espacial que construí das rotas percorridas.....	28
Figura 5: Representação espacial refeita das viagens Araguaia – Tocantins.....	29
Figura 6: Representação espacial atualizada.....	34
Figura 7: Fotograma de Osvaldão, supostamente em um altar de terreiro.....	48
Figura 8: Representação das frentes de ocupação da Pré – Amazônia.....	56
Figura 9: Osvaldo em tempos de boxeador.....	60
Figura 10: Osvaldo em traje oficial.....	61
Figura 11: Representação das rotas percorridas.....	62
Figura 12: Porco solto próximo ao quintal do seu José da Prata.....	65
Figura 13: Festa de Nossa Senhora Imaculada Conceição – Terreiro de Brejo Grande – Pará.....	76
Figura 14: Guerrilheira Dina.....	77
Figura 15: Memorial Massacre de Eldorado dos Carajás, feito po Oscar Niemyer.	127
Figura 16: Parede da UNIFESSPA, registra o monumento feito por Niemyer e destruído por “grupo não identificado”	128

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
IDAS E VINDAS - CAMINHOS DA PESQUISA E AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DA PESQUISA EXPLORATÓRIA.....	16
PERCURSO METODOLÓGICO	38
O que propõe a Pesquisa?.....	40
A pesquisadora e a pesquisa	40
Esmeralda, Diamantina, José da Prata e Rubi: e suas preciosas contribuições na construção dessa pesquisa.....	42
Seguindo as trilhas de Studart, mas não concordando com todas suas percepções.	43
CAPÍTULO 1	44
GUERRILHA DO ARAGUAIA E SUAS MEMÓRIAS.....	44
1.1 – Memórias.....	44
1.2 – O lugar e suas peculiaridades.....	49
1.3 – Ocupação da amazônia oriental	56
1.4 – No remanso do Araguaia	61
CAPÍTULO 2	67
A BUSCA DOS ENCANTADOS NA REGIÃO ARAGUAIA – TOCANTINS.....	66
2.1 – O Povo de Santo é apontado pela literatura da Guerrilha do Araguaia.....	66
2.2– Ele virava onça, entrava no meio da terra, no meio do cipó.	68
2.3 – Se foi ele que falou incorporado que baixava aqui é mintiroso e se foi alguma pessoa que falou é mintiroso.	72
2.4 - Sim, ele transformava em barrão, pedaço de madeira, qualquer coisa que ele quisesse... ..	76
2.5 - O home era o diabo, ninguém achava ele não!	82
2.6 – Observações Preliminares.....	85
CAPÍTULO 3	95

NEM MILITARES, NEM MATEIROS: O POVO DE SANTO E SEU PAPEL DE FINDAR A GUERRILHA DO ARAGUAIA	90
3.1 - A Guerrilha do Araguaia: brevíssima contextualização.....	90
3.2 - Povo de Santo: a vida antes e depois da Guerrilha	92
3.2.1 - “Eu chorei na barriga da minha mãe”	92
3.2.2 - <i>Gato me roubava não pagava direito botava pra trabalhar não pagava aí eu ia embora pra frente aí trabalhava mais outro ganhava mais um pouquinho tocava mais pra frente.</i>	94
3.1.3 - <i>Toquei fogo em farda, toquei fogo em maracá, em guia, em tudo. Eu toquei fogo</i>	96
3.3 – Povo de Santo e sua eficácia na caçada final.....	97
3.4 – Entre encantados, fadistas e a Oração da Cabra Preta.	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119
ANEXOS	123

INTRODUÇÃO

IDAS E VINDAS - CAMINHOS DA PESQUISA E AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DA PESQUISA EXPLORATÓRIA.

[...] O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas (POLLAK, 1989, p. 3).

Era agosto de 2016 quando da minha entrada no Programa de Pós – Graduação em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins do campus da cidade de Araguaína – Tocantins, o Professor Orientador Dornival Venâncio Ramos Júnior me sugere algumas mudanças na trajetória da pesquisa que apontaram caminhos pouco conhecidos e desafiadores. Imediatamente me interessei, tendo em vista que sempre tive interesse em ambos os temas sugeridos e que acabaram convergindo na proposta de trabalho.

Em um primeiro momento, parti da premissa de investigar a existência do combatente Osvaldão¹ como encantado nos terreiros de religiões de matriz africana, nas imediações e proximidades onde se desencadeou o conflito conhecido como Guerrilha do Araguaia. Embora a pesquisa margeasse o conflito esse não era e não é o objeto em si da pesquisa, mas sim a memória do Povo de Santo sobre a Guerrilha do Araguaia. Partindo desse pressuposto e em razão das evidências encontradas, a pesquisa se dá em torno das memórias da Guerrilha do Araguaia nas narrativas do Povo de Santo da região dos rios Araguaia – Tocantins.

Entretanto, para se chegar ao recorte atual, a pesquisadora e o orientador fizeram um grande percurso exploratório. Partindo do estado da arte, em que as primeiras pistas encontradas no artigo de Teles (2014), que apontavam para o encantamento de Osvaldo. No entanto, fornecia apenas caminhos para suspeição de Osvaldo ter se encantado no Araguaia. Essas evidências encontradas em Sader (1990) foram possíveis de serem constatadas também em Studart (2006) e Studart (2013), não que os autores assim afirmassem, mas os indícios encontrados vejam o trecho em que Teles menciona o encantamento.

¹ Osvaldão – assim ficou conhecido o mineiro de Passa Quatro Osvaldo Orlando que chegou a região do Araguaia no ano de 1966, das muitas atividades que desenvolveu foi garimpeiro, mariscador, caçador, comerciante de tecidos, pequeno proprietário de terras. Mas ganhou fama principalmente pelo seu tamanho avantajado e sua valentia. Assim é a descrição do guerrilheiro encontrada em boa parte da literatura da guerrilha e dos relatos orais.

[...] Os primeiros relatos a respeito de Osvaldão como alguém “encantado” ou “imortal” figuram nos testemunhos militares. Esta informação confirmada publicamente por um oficial anônimo, entrevistado pelo jornalista Fernando Portela, em 1979: segundo o relato, os soldados que participaram das 1ª e 2ª campanhas contra a guerrilha, além de terem medo dos combatentes, “[...] vinham de famílias humildes dali do Norte mesmo, e tinham medo de Saci, Mãe de Fogo, Lobisomem [...]” (PORTELA, 2002, p. 100 *apud* TELES, 2014, p. 469).

Logo em seguida as primeiras visitas pré-campo e não encontrando entre o Povo de Santo a narrativa do encantamento de Osvaldo, e sim a afirmação de sua morte, que segundo relatos se deu por trabalho realizado por dirigentes de terreiros da região. E diante do que afirmam Venâncio (2013), e também Maués (2005), sobre a categoria de encantados que “são pessoas que não passaram pela morte, apenas se encantaram”. Dessas evidências consultadas e também dos primeiros relatos e informações, nasce a desconfiança de que para que Osvaldo estar entre os encantados precisaria de uma explicação plausível para a forma como ocorrera seu encantamento. Pois, boa parte das narrativas afirma que Osvaldo foi morto por um mateiro², conhecido na região por Arlindo Piauí.

A figura retrata o mateiro Piauí, ao observar essa fotografia o que chama a atenção são as palavras iniciais do documento do mateiro e a relação com Curió, pois, como é do conhecimento de todos, após a guerrilha o major não só se fixou na região como também tornou pessoa influente chegando a ocupar cargos políticos, e também a dirigir o Garimpo de Serra Pelada (PA), tamanha influência rendeu homenagens ao ponto seu nome dar origem ao nome de uma cidade daquele estado, Curionópolis (PA).

Figura 1 - Carteira de garimpeiro de Arlindo Piauí



Fonte: Studart (2006)

² Mateiro – camponeses ou pessoas da região com bom conhecimento da geografia e mata local que foram “recrutados”, pelos militares para “ajudar” no combate aos guerrilheiros.

Assim como descreve Nossa (2012), Portela (1986), Studart (2006) e (2013), Teles (2014) e boa parte da literatura sobre a guerrilha e também das narrativas que ouvi. “Coube ao guia da equipe, o camponês Arlindo Piauí, acertar com um tiro o peito aberto de Osvaldão. Ele teria urrado antes de tombar ao chão”. (Studart, 2013, p. 93). Piauí, segundo consta, ao se deparar com seu feito, teria caído em convulsão, reforçando ainda mais o imaginário local sobre Osvaldo. Para muitos, naquele instante Piauí teria recebido uma espécie de castigo, em uma reação a morte de Osvaldo.

Se Osvaldo foi abatido com um tiro, obviamente não poderia se encantar, sendo que Maués (2005), explica assim, “os encantados, ao contrário dos santos, são seres humanos que não morreram, mas se ‘encantaram’”. Sim, mas na narrativa da sua morte existe um problema, “Osvaldo urrou”, aqui ele não emite uma reação humana, mas de animal, assim como existe um ponto de convergência nas narrativas de suas transformações em onça, porco, cachorro e até lobisomem, percebe – se aqui algo de inquietante.

Urrar ao contrário de gritar ou chorar? Teria Osvaldo se encantado no ato de sua morte? Mas como poderia tal fato ocorrer? Essas e tantas outras inquietações vão surgindo à medida que a pesquisa avança. Novos problemas e novos apontamentos. No entanto, nas conversas e leituras a afirmação de sua morte é reafirmada a todo instante, em alguns relatos orais percebemos toda a ilustração de um cenário, chamado por Pollak (1992) de “lugares de memória”. Esses lugares de memória, podem se apresentar de diferentes maneiras. Nas memórias do Senhor José da Prata, ao rememorar o acontecimento e para justificar o local de morte de Osvaldo, o depoente faz menção a uma “árvore³” que marca o local de seu assassinato.

Partindo dessa hipótese preliminar e após diálogos entre eu (orientanda) e professor orientador Dernival Venâncio, parti para a pesquisa exploratória junto ao Povo de Santo. Em busca de vestígios ou respostas que orientassem os rumos a serem seguidos. Iniciei o levantamento de informações de terreiros na cidade Tocantinópolis (TO). Foi com a dirigente da Tenda São Jorge Guerreiro⁴, que apareceram alguns apontamentos e orientações para prosseguir na caminhada rumo ao desconhecido.

³ A árvore ou pé de pau onde Osvaldo teria sido morto foi citado recentemente por uma dirigente de terreiro da região de Marabá como ponto de referência do ocorrido.

⁴ A Tenda São Jorge Guerreiro segundo a dirigente não está mais funcionando pelo fato de não contar com médiuns para realização dos trabalhos, que de acordo com a mesma, alguns se mudaram para outras cidades, outros estão frequentando terreiros em Porto Franco – Maranhão e alguns tornaram – se evangélicos.

É importante lembrar que em razão de nosso compromisso firmado com os entrevistados seus nomes serão trocados por codinomes. Em muitos casos não fomos autorizados a gravar imagens, sons ou colher assinaturas dos entrevistados por vários fatores que abordaremos um pouco mais adiante.

Na primeira visita de cunho exploratório e em uma conversa informal com a dirigente da Tenda São Jorge Guerreiro em Tocantinópolis (TO), me foi dado às primeiras esperanças de que seria possível encantamento, e que talvez topássemos com Osvaldo em algum terreiro, inclusive a mesma sugeriu pelas condições das narrativas de transformações do guerrilheiro em cachorro, porco, macaco, árvore e outros, tudo indicaria sua presença no panteão dos “encantados das matas”.

É importante informar que ao invés de citar os depoentes ou colocar nome suprimido serão usados nomes fictícios e no caso da já mencionada dirigente da Tenda São Jorge Guerreiro a denominarei Maria da Prata, posteriormente explicarei a razão da escolha dos nomes aqui mencionados. Maria da Prata muito gentil medisse saber parte da história da guerrilha, entretanto os militantes do PC do B são conhecidos por ela como terroristas, assim como eram tratados pelos militares. Porém, não esboçou muito conhecimento acerca do fato histórico em questão e sugeriu que eu fosse para a região onde ocorrera o conflito que certamente obteria sucesso em minha jornada.

Voltando do primeiro contato e na certeza de estar no caminho certo. Procurei por outra dirigente de terreiro em Araguaína, com intuito de obter mais informações acerca da busca empreendida no encalço de Osvaldo ‘o encantado’. Em um brevíssimo diálogo e sem uso de quaisquer mídias. A dirigente me afirmou com veemência que Osvaldo Orlando não está encantando e nem ao menos baixa em terreiros, ainda confidenciou que na época da guerrilha vivia com sua família na região do conflito. Para a dirigente de Araguaína usarei o nome Safira.

Dona Safira expõe sua opinião, tanto de quem conheceu de perto a história, como conviveu com muitas conversas e informações sobre Osvaldo. Não só por na época morar na cidade de Araguatins (TO), como por ser também esposa de militar que trabalhava na região e conheceu Osvaldo. Safira concebe Osvaldo com um homem qualquer, sem dom ou poder que o diferenciassse dos outros. Em sua acepção era apenas ‘comunista’.

Insatisfeita e querendo encontrar um caminho seguro para ir adiante, no passeio rumo às faces ocultas dessa história resolvi fazer uma visita ao Vale do Amanhecer em Porto Franco – Maranhão. Assim, em um sábado em que estava na cidade de Tocantinópolis (TO),

resolvi atravessar o Rio Tocantins e ir até o Vale do Amanhecer em busca de possíveis respostas ou encaminhamentos que viessem a contribuir com minhas investigações. Ao chegar ao Vale do Amanhecer depois de me apresentar a um dos responsáveis, fui orientada a conversar com o presidente do Vale. Na conversa ficou claro que no local não se realiza nenhum culto ou prática ritual que viessem ao encontro de minha investigação. Segundo o presidente a dinâmica dos rituais não permite a identificação⁵ dos espíritos que por ali passam.

Embora o presidente do Vale do Amanhecer de Porto Franco (MA), tenha sido muito prestativo e simpático. As contribuições adquiridas naquele espaço se deram mais elucidação de que no Vale do Amanhecer a pesquisa não teria o êxito pretendido, mais uma vez a certeza de que se existisse um local para certificação de evidências do encantamento de Osvaldão, seria nos terreiros das religiões de matriz africana e especificamente nos terreiros da região Araguaia – Tocantins.

Como assevera Maués (2015, p.131), “a invisibilidade dos encantados é fato, embora incorporado nos pajés”, e entendendo que como percebemos a transitoriedade dos encantados tanto em Maués (1994), como em Silva (2015), e agregado a essas e outras evidências. É salutar entender que as religiões de matriz africana existentes na região amazônica, em especial na área em que se desenvolve esse estudo. Situam-se na região conhecida por Amazônia Oriental, e “são constituídas a partir de elementos diversos que se originam das mais diversas correntes religiosas com forte influência do tambor de mina, kardecismo, catolicismo, umbanda, terecô e pajelança” (CAETANO, 2013, p.187).

Todavia, em todas as Casas de Santo que visitei, e assim como também em CAETANO (2013), os dirigentes se autodenominam umbandistas e não cabe a mim enquanto pesquisadora desconstruir essa identificação a que os mesmos se sentem agasalhados em se apresentarem desta maneira, pelo fato de que esta pesquisa não estar baseada em minúcias e detalhes atribuídos a esta ou aquela prática religiosa. Mas sim, na compreensão de como as memórias da Guerrilha do Araguaia são representadas nos terreiros e pelo Povo de Santo da região.

Ainda em Tocantinópolis (TO), me foi indicado uma pessoa conhecida na cidade como mãe de santo, aqui chamada Esmeralda⁶, e em uma oportunidade em que eu estava em

⁵ Os espíritos que são atendidos no Vale do Amanhecer não se identificam por nome, não é possível saber de quem se trata. As identificações só são feitas pelas entidades que trabalham ali, como pretos velhos, princesas, caboclos, etc.

⁶ Esmeralda a anciã visitada e consultada em Tocantinópolis perdeu a visão anos atrás. O fato de a mesma não poder enxergar me levou a desconfiança que entre muitos fatores, pode ser esta a causa da recusa em assinar ou

Tocantinópolis (TO), mais uma vez segui em busca de dados que corroborassem com a pesquisa. Em uma residência simples em uma esquina do bairro de nome Alto Bonito localizei uma senhora aparentando entre 75 a 85 anos. Ao questionar sobre sua idade, nem Esmeraldo e nem seus filhos souberam a idade precisa, e estabeleceram uma média entre 79 e 80 anos de idade.

Com ares de desconfiança, fui recebida em sua residência, e após expor o motivo da visita, a anciã disse que pouco poderia contribuir com a pesquisa, o que poderia fazer seria me fornecer algumas informações. Todavia, não seria permitido filmar, gravar e que também não assinaria documento algum. E o que foi contado por Esmeralda lançou novos horizontes a pesquisa, inclusive dando estímulos para prosseguir mesmo que fosse necessário dar novos contornos ao trabalho.

Insatisfeita com as primeiras respostas e com o objetivo de continuar a pesquisa, continuei em busca da “botija de ouro” como em Lima (2003), em mais uma incursão rumo ao incerto, durante as férias do mês de julho parti em uma viagem bem ao estilo aventureiro, saindo de motocicleta da cidade de Araguaína (TO) até Xambioá (PA), em uma distância aproximada de 121 km em busca de terreiros ou pessoas ligadas a terreiros ou que conhecessem pessoas de terreiros que corroborassem com o trabalho. Consegui chegar a informações significantes que posteriormente vieram a cruzar com futuras descobertas. Mas em Xambioá (TO), não encontrei nenhum terreiro em funcionamento⁷.

De volta à Araguaína e continuando a pesquisa sobre trabalhos que me desse um norteamento para continuação da pesquisa, um dia lançada a sorte e jogadas algumas palavras no Google, tive a sorte de encontrar a tese de doutoramento de Studart (2013). Foi a partir da tese que apareceram os nomes de dirigentes e localização desses terreiros. Tendo como referência inicial a cidade de Brejo Grande – Pará. E no final do mês de julho, fiz longa viagem saindo de Araguaína (TO), passando por Tocantinópolis (TO), Araguatins (TO) até Brejo Grande do Araguaia (PA). Encontrada a casa de santo mencionada na tese de Studart (2013), foi grande a satisfação e bem maior ainda a frustração quando com firmeza a dirigente da tenda afirmou que Osvaldo Orlando, mencionado⁸ na em nota de rodapé da tese de Studart (2013), como entidade que possivelmente baixava em seu terreiro, nunca teria passado por lá.

aceitar filmagem ou gravação da conversa que tivemos. Essa recusa pode ser pelo fato de a depoente não poder ver e registrar o rosto da pessoa com quem estabelece o diálogo.

⁷ Justificando que apenas não conseguimos identificar a presença de terreiros naquela cidade, isto é, não afirma que são inexistentes, em outra oportunidade farei uma nova investigação acerca.

⁸ A referência de Studart é Abelinho.

Com certo descontentamento, em não encontrar um terreiro, no qual, Osvaldo como entidade trabalhasse. Segui firme com o propósito de continuar a pesquisa, mesmo que fossem necessários alguns ajustes.

Com presteza a senhora aqui chamada de Diamantina, concedeu um pouco do seu precioso tempo me informando que embora sua vida tenha sido transformada com a Guerrilha, e principalmente pelo fato de ter conhecido o guerrilheiro Osvaldão, o mesmo não desce⁹ em sua tenda. Para a dirigente essa informação se trata de uma “mentira, uma fofoca”. Diamantina relatou que antes de se instalar em Brejo Grande (PA), havia morado próximo a Palestina e depois na OP3¹⁰. E foi da OP3, que veio para a cidade de Brejo Grande, onde reside até os dias de hoje.

Já de volta ao micro-ônibus¹¹, que retornaria para Araguatins (TO), a sorte me sorriu, o cobrador da lotação que se apresentou como Eduardo, curioso com a presença forasteira na região discretamente lançou a isca para saber as razões de estar tão distante de casa. Logo após explicar o motivo de minha breve viagem, o mesmo me disse saber de um senhor para as bandas do Povoado 40 (PA), que com certeza me ajudaria bastante. De posse dessa informação trocamos os números de telefone e ficou acertado que em breve retornaria para ir fazer uma visita ao dirigente indicado.

Já no mês de agosto, aproveitando o convite de Diamantina retornei para uma sessão de tambor – a mesma nos informou que trabalha¹² tanto de mesa como de tambor e que as sessões acontecem de 15 em 15 dias se iniciando ao meio dia e indo até às 18:00 horas. No dia marcado, na quinta – feira, segui de Araguaína (TO), para Tocantinópolis (TO), perfazendo um total de aproximado de 149 km de motocicleta e fazendo pouso para no dia seguinte continuar a viagem.

E no dia seguinte continuando de Tocantinópolis (TO), para Brejo Grande (PA), perfazendo um total de 150 km, neste dia assisti o primeiro trabalho no terreiro de Diamantina. Encerrado o trabalho, sentadas na varanda da cozinha em um momento de descontração e bate – papo foi possível observar que as médiuns¹³ logo após terminar a sessão e sentando um pouco para descansar, também aproveitam o momento para vender bijuterias,

⁹ Assim como baixar o termo descer diz respeito às incorporações nos terreiros.

¹⁰ OP3 – é uma das três estradas operacionais abertas pelos militares durante a guerrilha.

¹¹ O transporte público na região é feito por micro-ônibus que mantêm com ligação das cidades próximas dos estados de Pará, Maranhão e Tocantins.

¹² O uso do termo “trabalhar” em terreiros significa desenvolver trabalhos espirituais nestes espaços, como dirigentes, médiuns ou outros em que recebem incorporação de seus guias e através destes se dispõe a resolver problemas diversos de quem os procuram desde doenças a soluções de problemas amorosos.

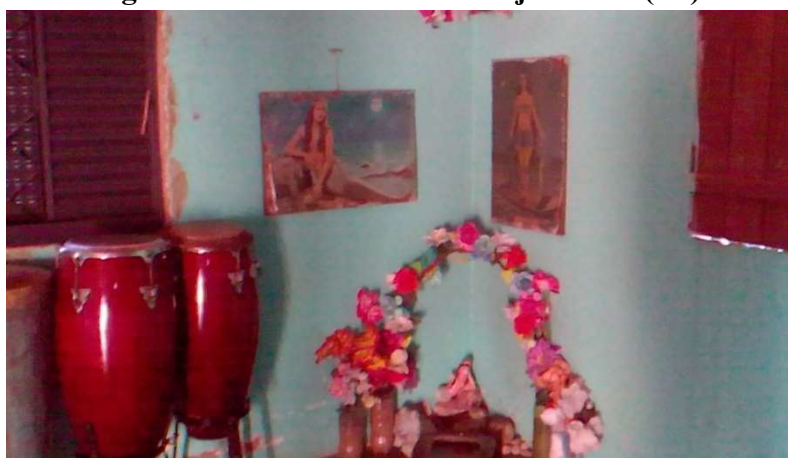
¹³ Médiuns no feminino não exclui a existência médiuns do sexo masculino, a dirigente nos informou ter um médium, mas nas visitas que fizemos este não estava presente no terreiro.

produtos de folhetos de revistas, fazem encomendas de mercadorias uma para outra. E aos poucos vão se despedindo e indo cada uma para suas casas. E assim, seguindo o mesmo ritmo me despedi e fui para o Hotel Central, para ali descansar e pousar para seguir viagem no dia seguinte.

Mesmo o objeto da pesquisa em si não ser o terreiro, não pude deixar de tecer minhas observações sobre o espaço, sendo uma construção de alvenaria que fica do lado direito da casa de Diamantina, algumas janelas são de madeira feitas artesanalmente assim como as duas portas que dão entrada ao salão, uma de frente e a outra de lado. As paredes são pintadas de branco, existe um cômodo onde a Cabocla Jacira atende, muitas bandeiras coloridas colorem o teto. Essas bandeiras segundo Diamantina são trocadas uma vez por ano, sempre na data de comemoração de Nossa Senhora da Conceição. O altar contempla muitas imagens de santos e pretos velhos, assim como as paredes também. Entre santos, pretos velhos, orixás e caboclos foi possível vislumbrar atrás no espaço das consultas uma imagem de Buda.

A figura 2 retrata uma parte do terreiro de Brejo Grande (PA), dedicado à Rainha das Águas – Iemanjá – com imagens, ornamentos. No canto à direita da porta principal ficam os tambores, sendo três estes instrumentos musicais, dois dos tambores são produzidos industrialmente e um é feito artesanalmente, aparentando ser o mais antigo do terreiro. Durante as festividades o tambor artesanal é aquecido horas antes dos trabalhos. Cabe ressaltar que as incorporações das entidades se dão nesse canto do terreiro, aos pés dos tambores e do lado direito do templo.

Figura 2: Terreiro da cidade de Brejo Grande (PA)



Fonte Maria Leal: Terreiro da cidade de Brejo Grande (PA), 2017

Continuando a viagem, parto rumo ao Povoado 40 (PA), e assim como indicado pelo prestativo cobrador do micro-ônibus, e seguindo as orientações e explicações sobre como

localizar o dirigente, não encontrei dificuldade em chegar a casa de Senhor José da Prata. Como mencionado por Studart (2006; 2013), o senhor José me confirmou que Osvaldão era sim detentor de poderes, capazes de transforma-lo em diversas coisas como em barrão¹⁴, ou outros animais ou qualquer outra coisa que tirasse Osvaldo da visão do inimigo, e ainda revelou dados significativos sobre as condições em que se dera seu assassinato.

De posse de tão empolgantes informações e precisando sacar dinheiro para retornar ao estado de Tocantins, diante da premissa de que o caixa eletrônico mais próximo em que conseguiria sacar dinheiro no final de semana seria na cidade de Marabá (PA), continuei na estrada, chegando à Marabá já no horário do almoço, aproveitei para fazer minha refeição e retornei no mesmo dia para o Tocantins.

Retomei as viagens de campo no mês de agosto, voltei a Brejo Grande (PA), para participar da Festa de São Raimundo Nonato no terreiro de Diamantina. E com ajuda de Eduardo, consegui contatos com Povo de Santo da cidade de Marabá (PA). Nesse mesmo dia fui para a Festa de Iemanjá, que foi realizada na Praia do Tucunaré em Marabá. Naquele momento de interação participei da festa na praia, observando, dialogando e participando dos rituais da festa. Na Praia do Tucunaré conheci dona Rubi¹⁵ que me convidou para em outra oportunidade ir à sua casa, pois me informou que era moradora da região do Araguaia na época da ‘guerra’. A figura 3, traz o registro de um dos momentos da Festa de Iemanjá.

Figura 3 - Festa de Iemanjá, Praia do Tucunaré na cidade de Marabá (PA).



Fonte: Maria Leal, 2017

¹⁴ Barrão – um porco de porte grande e não castrado, porco reprodutor.

¹⁵ Dona Rubi é mais um codinome de uma Mãe de Santo, também indicada por Eduardo, reside na cidade de Marabá e trabalha com dois terreiros, um na cidade outro na Mata. Não trabalha só, tem uma parceria com um Pai de Santo que aqui chamaremos João Topázio.

O festejo de Iemanjá retratado na figura acima aconteceu na primeira semana de setembro na Praia do rio Tocantins conhecida como Praia do Tucunaré, é um evento que reuni o Povo de Santo da região em que pernoitam na praia fazendo orações e oferendas para a Rainha das Águas. A imagem mostra o momento em os barcos com as oferendas são levados para as águas, além de ser muito bonito é também um momento em que pude presenciar as incorporações dentro do “reino das águas”.

Após o contato com dona Rubi, e assim como uma criança que ganha um doce, regressei confiante de que estava no caminho certo, percorri os quilômetros de volta refazendo a trajetória mesma que me levou até Marabá (PA), passando por São Domingos do Araguaia¹⁶ (PA), Brejo Grande do Araguaia (PA). E na entrada de Palestina (PA) resolvi entrar na cidade à procura evidências ou informações sobre o terreiro citado em Nossa (2012). Que segundo palavras do autor, “foi João Haas, porém, quem virou entidade nos terreiros de terecô e santo nas preces das mulheres desesperadas” (NOSSA, 2012, p. 139).

Seguindo mais uma vez os vestígios literários, adentrei a cidade de Palestina (PA), em busca de um antigo terreiro que ainda hoje existe na cidade. Informando-me com moradores da cidade, consegui chegar a uma casa simples com um quintal grande com muitas mangueiras e árvores frutíferas. Ali me vi diante de uma anciã no auge dos 90 anos e extremamente lúcida, que me convidou para sentar e me assegurou que no terreiro¹⁷, que dirigiu por muitos anos não era de seu conhecimento a presença desta entidade, entretanto não descartou a existência dessa entidade, mas não em seu terreiro. Ressaltando que no passado, ouviu de outras pessoas, que realmente baixava em outro terreiro de Palestina um médico, mas afirmou desconhecer quem era esse médico.

Já de volta a cidade de Araguaína (TO), e acompanhando uma colega acadêmica, fomos ao Vale do Amanhecer, localizado no bairro conhecido como Setor Barros – tendo em vista que há uma narrativa que atesta a presença de Osvaldão nesse espaço, esses rumores da presença do guerrilheiro no Vale do Amanhecer em Araguaína (TO), são ouvidos em Marabá (PA). Em uma visita informal, em um final de tarde nos recebeu uma senhora que mora nos arredores do templo e me pareceu ser uma espécie de cuidadora do templo. Depois de uma boa conversa fomos conhecer o interior do templo, por sinal muito belo e colorido, assim como o é o de Porto Franco (MA).

¹⁶ São Domingos do Araguaia é também conhecido por São Domingos das Latas o que soa pejorativo, dado o fato de segundo as informações coletadas os coletores de borracha, no auge da exploração do caucho, terem abandonado latas de querosene nas proximidades do povoado, que hoje é cidade.

¹⁷ O terreiro encontrado em Palestina (PA), é uma construção que aparenta ter entre 30 e 40 anos de existência, é um espaço pequeno, construído na transversal do terreno, com um grande cruzeiro na entrada e pintado de azul.

Durante a recepção tivemos a oportunidade de conhecer detalhes muito interessantes sobre o templo, inclusive não querendo parecer inconveniente, mas ansiando saber as razões do uso do sal e do perfume. Acabei por interpelar sobre o uso desses dois elementos nos rituais, e foi então desvendado, que eles são elementos de energia, essa é razão do uso em cada entrada e saída existentes no Vale.

Por mais, o que estava a buscar não foi encontrado e mais uma vez exposto da mesma forma que fora em Porto Franco (MA), senti-me muito agraciada pela tarde de instrução ali recebida por nós. Osvaldo, segundo a informante, se chegou a descer no Vale do Amanhecer, não se identificou, pois, os espíritos não se identificam e não são identificados ali, são apenas elevados¹⁸.

Os dias se passam, e chega o mês de setembro e seguindo orientações do senhor José da Prata, para que procurasse Dona Escurinha na cidade de Imperatriz (MA), e com a valorosa ajuda do Professor Dornival Venâncio Ramos e da querida e prestativa Nice residente naquela cidade. Aproveitei o feriado do dia 7 de setembro de 2017 para realizar uma curta viagem com saída de Tocantinópolis à Imperatriz – Maranhão perfazendo um total de 106 km, ao chegar, entrei em contato com Nice que forneceu o endereço de Mãe Escurinha¹⁹, também conhecida por Baiana do Candomblé.

Com êxito, cheguei à casa da centenária que com muita presteza me recebeu e cedeu um pouco do seu precioso tempo para um dedo de prosa, contou de sua origem, de seus antepassados no cativeiro, da fuga até a sua vida de hoje, como se dera sua iniciação. Falou ainda sobre o conhecimento com padre Cícero, enfatiza que sente a mão dele como se pegasse na dela ainda hoje, frisa que padre Cícero tinha a mão “pequeninha”. No mais sobre assuntos relacionados à guerrilha afirmou não ter conhecimento, e segundo a mesma eu teria que procurar o Vale do Amanhecer Imortal em Davinópolis (MA). A cidade indicada estava apenas há 8km, resolvi checar a indicação. Porém, mesmo encontrando o templo indicado naquele dia estava de portas fechadas, não sendo possível aferir a informação.

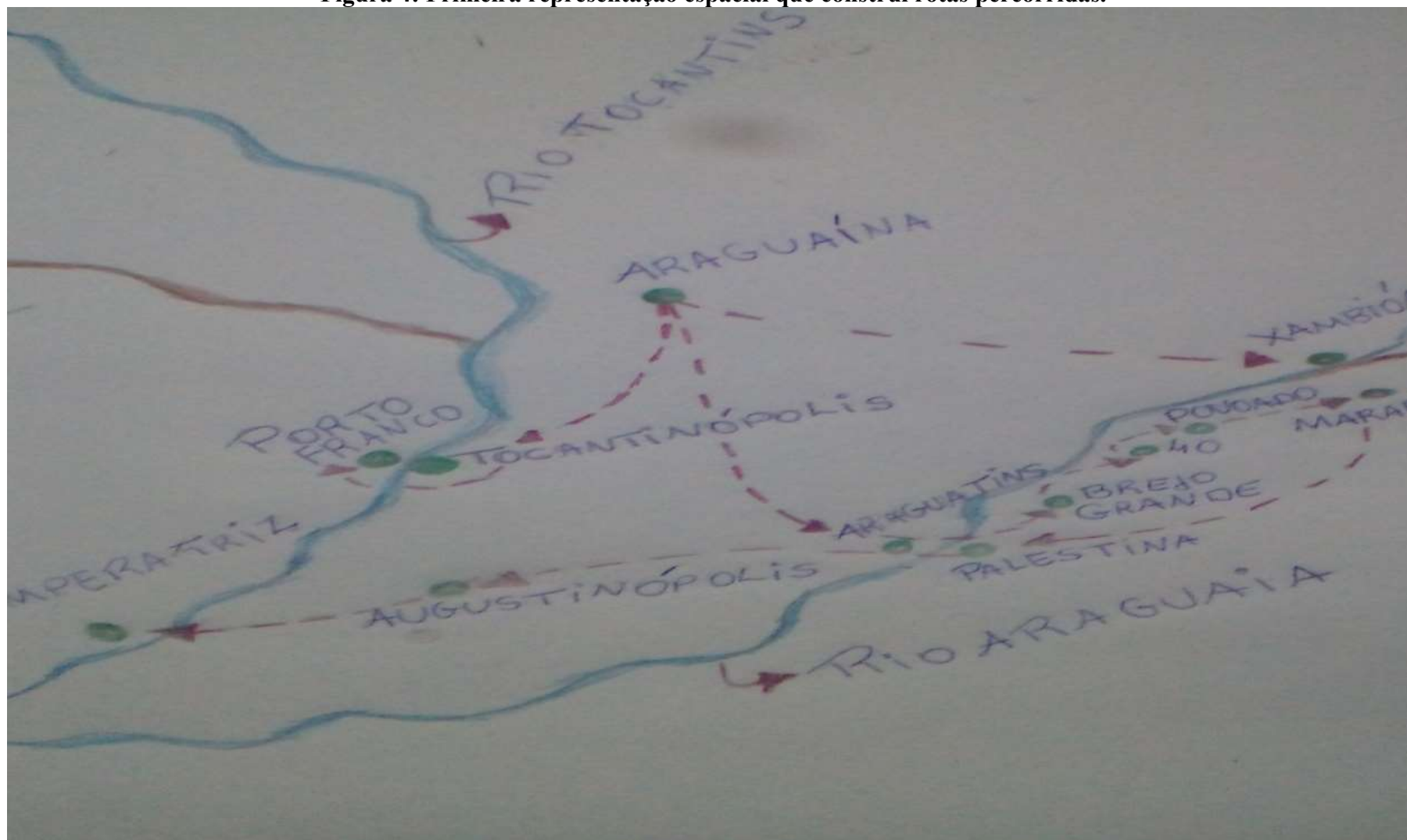
Nas representações espaciais que construí das minhas viagens pontuei as cidades pelas quais passei, e para facilitar a espacialização do leitor, e percebendo a necessidade de compreender e situar não somente o leitor, mas a mim mesma comecei a traçar pontos que me orientassem sobre as rotas que fiz, estava fazendo e viria a fazer. Esses pontos deram origem

¹⁸ Elevação, foi essa palavra usada para explicar que tirar os espíritos que resistem em conviver na terra com os vivos é chamado de elevação.

¹⁹ Das muitas revelações sobre sua história de vida Mãe Escurinha contou – me que aos sete anos sofrendo de doença misteriosa foi levada pela mãe até Padre Cícero para obter a cura e que este foi o primeiro a perceber sua mediunidade.

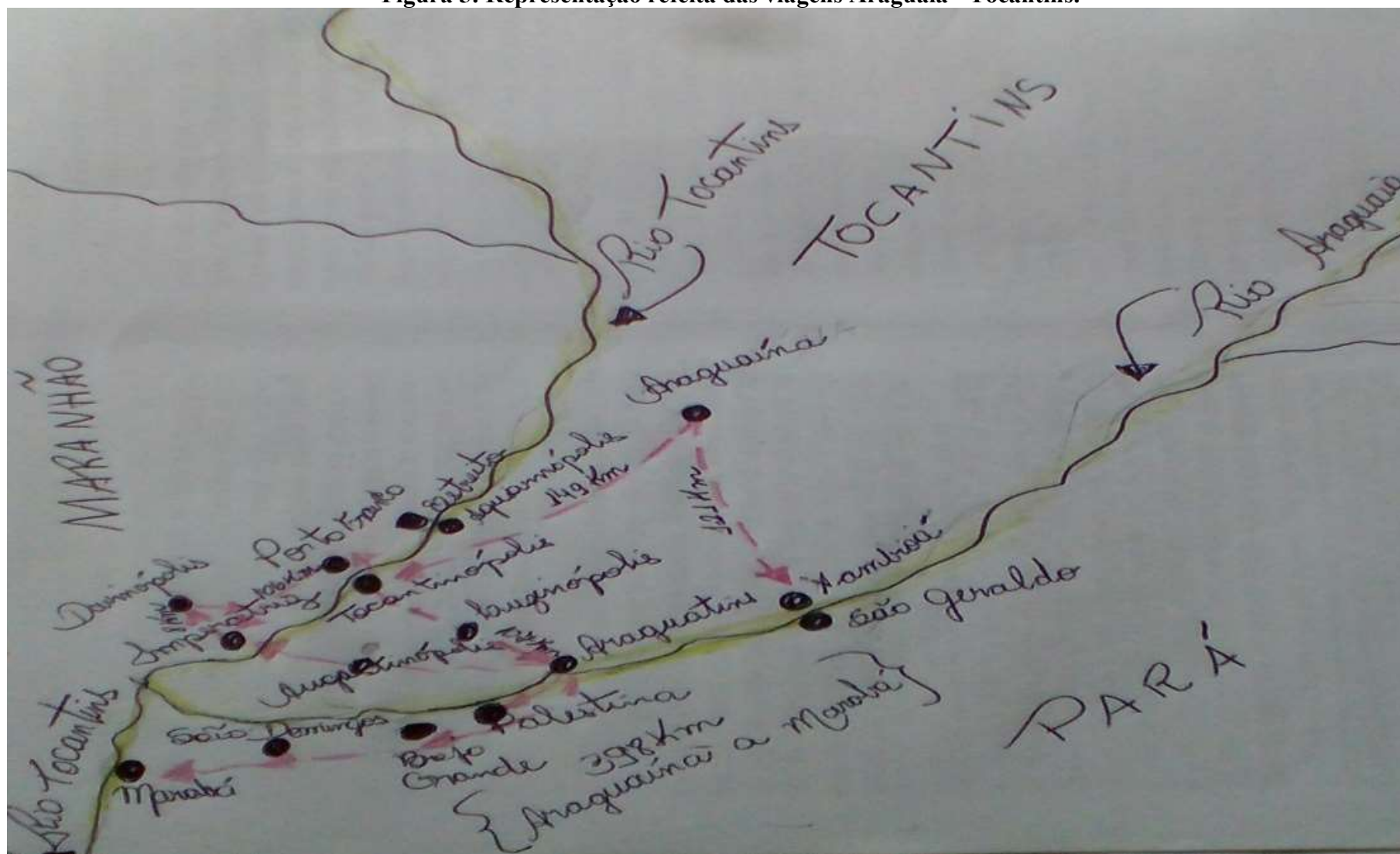
ao que denominei representação espacial. A primeira imagem produzida contém equívocos de localização da cidade de Marabá, erro descoberto um pouco mais tarde e que me levou a produzir nova imagem, ambas podem ser vistas nas figuras 4 e 5.

Figura 4: Primeira representação espacial que construí rotas percorridas.



Fonte: Maria Leal, 2017.

Figura 5: Representação refeita das viagens Araguaia - Tocantins.



Fonte: Maria Leal

As cidades visitadas estão às margens de dois importantes rios, que formam a bacia amazônica, respectivamente os rios Araguaia e Tocantins. Com exceção de Araguaína (TO), as demais cidades estão à margem ou bem próximas das margens dos dois rios. Tocantinópolis (margem esquerda) e Porto Franco (margem direita) têm como divisa o Rio Tocantins. Tocantinópolis (TO), também conhecida por Boa Vista do Padre João, é uma cidade centenária que tem sua história marcada pelos conflitos políticos e sociais. Está situada às margens do Rio Tocantins na divisa entre os estados de Tocantins e Maranhão, é um dos municípios tocantinenses que abrange a reserva indígena dos Apinajés, sendo uma das maiores cidades da região do Bico do Papagaio.

Tocantinópolis (TO) tem como municípios limítrofes do lado do estado do Tocantins, as cidades de Aguiarnópolis (TO), Nazaré (TO) e Maurilândia (TO), e da outra margem do rio e fazendo limites com o Estado do Maranhão e divisando as regiões Norte e Nordeste, a cidade de Porto Franco - Maranhão. Sua economia está ligada ao setor de empregos e serviços e produção agrícola, apresentando discreto processo de industrialização, principalmente ligado ao agronegócio, e também o turismo no mês de julho. É uma cidade de médio porte dada a demografia tocantinense. Conta com escolas de nível fundamental e médio, um polo EAD do Instituto Federal do Tocantins e um campus da Universidade Federal do Tocantins.

Araguaína, no passado terra dos Carajás, pertencente ao Norte Goiano até a criação do estado do Tocantins com a Constituição de 1988, situado no entremeio dos rios Araguaia (margem esquerda) e Tocantins (margem direita), e não sendo banhada por nenhum dos dois, fica entre os rios Andorinha e Lontra, respectivamente afluentes do Araguaia a direita de sua margem. Inicialmente povoado pertencente a São Vicente do Araguaia (atual Araguatins) e depois a Boa Vista (atual Tocantinópolis). Assim como o estado, foi crescendo com as diversas levas migratórias em diferentes tempos.

Impulsionada pela construção da rodovia BR 153 (Belém-Brasília), cortada por malha viária estadual e federal, e abrigando trecho da Ferrovia Norte e Sul, situado na fronteira agrícola do MATOPIBA. Araguaína é hoje um importante centro urbano que atende as cidades vizinhas, como também boa parte dos estados fronteiriços, nomeada a Capital do Boi Gordo. Araguaína entra no contexto da pesquisa não só como cidade sede onde funciona programa de Pós-Graduação, de modo que foi o ponto de partida²⁰ investigativo em terreiros.

²⁰ Em Araguaína assisti a uma sessão em terreiro de umbanda para averiguar através da observação se havia indícios da presença guerrilheira naquele espaço e também conversei com uma dirigente de terreiro que não evidenciou essa possibilidade.

Porto Franco (MA), localizada à margem direita do rio Tocantins é uma importante cidade maranhense que teve seu início já nos fins do século XIX, que situava – se na rota de comércio de produtos vindos de Belém para o interior do Brasil. Sua povoação teve como característica inicial de abrigar pessoas vindas da margem esquerda do rio – Boa Vista, atual Tocantinópolis (TO) – que estavam fugindo dos conflitos da região, e se intensificou nos anos de 1958 em diante, em razão da construção da Belém - Brasília.

Das características gerais da cidade é possível afirmar que, conta com uma infraestrutura econômica como boa parte das cidades de pequeno porte no Brasil, sustentada pela agricultura, comércio e serviços, com uma nascente tendência a industrialização – possui um Distrito Industrial, onde também se encontra o Pátio de Integração Multimodal da VLI, situado na Ferrovia Norte - Sul. É cortada por estradas estaduais e federais, também é cortado pelo Linhão Norte Sul²¹. Conta com uma boa estrutura de serviços públicos com escolas, hospitais, bancos, creches, etc.

Brejo Grande do Araguaia (PA), assim chamada a pequena cidade que fica à margem esquerda do rio Araguaia, e como grande parte das cidades vizinhas viu seu alvorecer permeado pelas levas de pessoas que chegavam à região em busca de ‘terra e trabalho’. Seu povoamento intensificou – se na década de 1950, as pessoas que ali habitavam se ocupavam do extrativismo natural e também em pequenos trabalhos. O fluxo de pessoas cresce em 1960, com a descoberta de diamante no garimpo de Itamirim²² - época em que ainda pertencia ao município de São João do Araguaia (PA).

O nome da cidade é uma referência a seus aspectos naturais, por ficar em uma região conhecido por brejo, seu clima é agradável e ameno, antes de sua emancipação política a cidade era parte do município de São João do Araguaia (PA). Ficando muito conhecida depois da Guerrilha do Araguaia, por ser uma cidade que vivenciou de perto as batalhas da guerrilha.

Marabá (PA) inicia seu povoamento com as expedições e o comércio das drogas do sertão²³, e chefes políticos que migraram de Boa Vista de Goiás (atual Tocantinópolis), que buscando refúgio na região. É considerada uma das grandes e importantes cidades do estado do Pará, sua economia é caracterizada pelos setores de serviços, agropecuária, indústria,

²¹ Linhão Norte Sul – assim chamado a grande rede de transmissão de energia elétrica da Eletronorte, que vai de Imperatriz (MA) a Brasília (DF), que opera, gerencia e distribui o excedente de produção de energia elétrica de várias usinas brasileiras.

²² De acordo com informantes locais Osvaldo teria sido dono de uma lavra nesse garimpo.

²³ Drogas do sertão – as novas especiarias descobertas e apreciadas pelos europeus como cacau, Castanha do Pará, guaraná, urucum, canela em pau e demais plantas medicinais e aromáticas que passaram ao consumo europeu

comércio, extrativismo e mineração. E também por ser ponto estratégico que faz a ligação do estado com diversas regiões e pontos do Brasil.

A cidade é agraciada com belezas naturais, embora muito impactados pelos processos de ocupação humana, com destaque para o fato de ser ponto de afluência dos rios Itacaiúnas e Tocantins (margem esquerda). Assim como sua população diversa, a cultura e culinária também rica e diversa e com pratos típicos da região que chamam a atenção dos visitantes. Iniciada na Marabá Pioneira ou Velha Marabá, e posteriormente agrega Nova Marabá, São Félix I e II e Morada Nova.

Conheceu desde sua nascente os conflitos e lutas políticas e sociais²⁴, durante a Guerrilha do Araguaia foi importante base de apoio para guerrilheiros e militares, inclusive abrigando um dos mais famosos centros de tortura conhecido como Casa Azul, que segundo informações hoje é um prédio ocupado pelo DNIT²⁵. Em razão da estratégica localização, se tornou reduto militar na época da guerrilha, e ainda respira ares do passado, dada a continuação militar no local, graças aos batalhões que ali se fixaram.

É também cortada por malha viária estadual e federal tendo três importantes rodovias federais ligadas a pontos estratégicos do país que são: BR 153, BR 155 E BR 230. E pela rodovia estadual PA 150 (Rodovia Paulo Fonteles). Conta com um aeroporto (João Correa Rocha). E também é cortada pela Estrada de Ferro dos Carajás (EF - 315).

A tabela 1, retrata as distâncias das cidades, construí a tabela no propósito demonstrar as distâncias entre as cidades percorridas e também de dar dimensão espacial da região onde se desenrolou o conflito conhecido como Guerrilha do Araguaia. As distâncias resultam de dados obtidos com buscas nos sites especializados, placas às margens das rodovias e também em alguns casos de acordo com a quilometragem da motocicleta. As condições de obtenção desses dados não isenta de haver pequenas diferenças que certamente são pequenas, de acordo com as placas das rodovias.

Das distâncias percorridas nos finais de semana e levando em consideração as cidades visitadas, e o fato de margearmos dois grandes e estarem situadas em três estados diferentes e compreendendo duas regiões brasileiras, a saber: Norte e Nordeste. Calculei a quilometragem de um percurso feito em um final semana, seguindo a quilometragem da tabela acima e cheguei a soma de aproximadamente 985 km que perfiz em um final de semana.

²⁴ Em anexo estão imagens do monumento em homenagem às vítimas do Massacre de Eldorado dos Carajás feito pelo arquiteto Oscar Niemeyer e destruído dias depois.

²⁵ DNIT – Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes

Tabela 1: Distâncias das cidades percorridas.
Distâncias entre as cidades visitadas durante a pesquisa

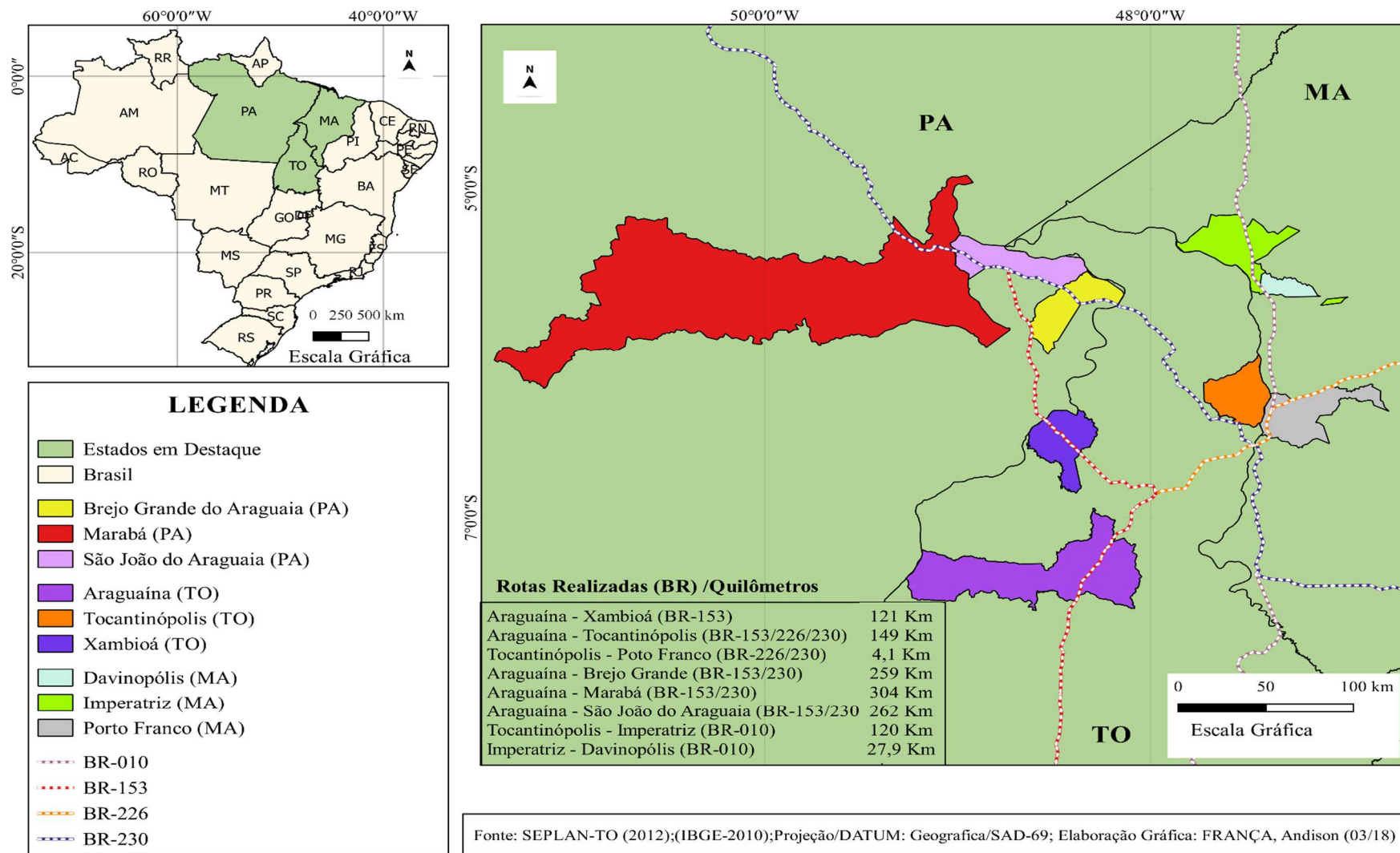
Cidades	Distâncias
Araguaína (TO) – Xambioá (PA)	121 km
Araguaína (TO) – Tocantinópolis (TO)	149 km
Tocantinópolis (TO) – Porto Franco (MA)	4,1 km
Araguaína (TO) – Brejo Grande do Araguaia (PA)	259 km
Araguaína (TO) – Marabá (PA)	304 km
Araguaína (TO) – São João do Araguaia (PA)	262 km
Tocantinópolis (TO) – Imperatriz (MA)	120 km
Imperatriz (MA) – Davinópolis (MA)	27,9 km
Tocantinópolis (TO) – Brejo Grande do Araguaia (PA)	174 km
Xambioá (TO) – São Domingos do Araguaia (PA)	110 km
Brejo Grande do Araguaia (PA) – Marabá (PA)	102 km
Marabá (PA) – Imperatriz (MA)	225 km

Fonte: Maria Leal, 2018

A figura 6, contempla a primeira representação espacial²⁶ por mim construída, ainda nas primeiras viagens, e que contém um erro de localização das cidades no estado do Pará, pelo fato de eu acreditar que estava voltando às margens do Araguaia e não descendo as confluências do Araguaia – Tocantins. O erro foi percebido após sugestão da Professora Kênia Costa, durante Seminário Interdisciplinar ocorrido na Universidade Federal do Tocantins na cidade de Araguaína. Momento em que a professora sugeriu que refizesse a representação (desenho) colocando as distâncias, quanto à refacção, percebi o erro.

²⁶ Representação espacial – uso esse termo para conceituar a tentativa por mim elaborada de desenhar minha trajetória no enalço de Osvaldo e suas histórias.

Figura 6 - Representação espacial atualizada.



Por fim, não encontrei o Osvaldão descendo nos terreiros. Apesar das narrativas que deram início ao trabalho. Informavam que ele baixava em um terreiro lá, e eu ia e nada, em outro também ia e nada. Parecia até jogo de esconde-esconde. Contudo, fui encontrando a memória do Povo de Santo da região sobre a Guerrilha, e como nas narrativas que ouvi falar do protagonismo dos santos, entidades e dirigentes de terreiros no desenrolar dos acontecimentos.

O ‘não encontrar de’ Osvaldão, tanto em terreiros de umbanda, bem como no conjunto de crenças populares ou ainda na categoria “fadista²⁷”, não significa especificamente que não seja presença nesses locais. Mas pelo contrário é percebê-lo enquanto uma construção memorialística de grupo, que representa sua importância enquanto personagem histórico, ao passo que o Povo de Santo também vai registrando suas memórias, assim como em Pollak (1992), a memória enquanto uma construção política do grupo sobre a Guerrilha do Araguaia.

Essa construção da memória da guerrilha através das narrativas colhidas ao longo do trabalho possibilitou vislumbrar que esse conjunto aqui conhecido como Povo de Santo, nessas narrativas que aos poucos vão encadeando-se e formando uma espécie de “colcha de retalhos”, vem marcando seu espaço enquanto protagonistas históricos que são. E aos poucos ganhando audição e conseqüentemente vem registrando sua participação no conflito, que assim como em Pollak (1989), “[...] os criminosos, as prostitutas, os “associais”, os vagabundos, os ciganos e os homossexuais – tenham sido evitadas na maioria das “memórias enquadradas” e não tenham praticamente tido voz na historiografia” (POLLAK, 1989, p. 10 – 11).

E assim, como historicamente a memória e a história do Povo de Santo, sempre foram hostilizadas, negada e marginalizada, é fácil perceber então que esse “margeamento” e negligenciamento de sua participação efetiva na Guerrilha do Araguaia. Podem ser vistos enquanto ‘conscientemente evitado’ pela historiografia e os estudos sobre a guerrilha, embora mencionados desde a nascente da literatura como em Fernando Portella (1986).

No Araguaia, esses espíritos da mata baixavam no candomblé local, o **terecô** (grifo do autor), e todos diziam que **Osvaldão** (grifo do autor) era imortal. Pode-se tirar por aí, a popularidade dos guerrilheiros depois que as forças do governo retiraram suas tropas (PORTELA, 1986, p. 58).

²⁷ Fadistas segundo Maués (2005) “é uma crença na região de Salgado em pessoas têm o seu fado (destino ou sina) de se transformar em animais”.

E assim, aos poucos, colhendo uma informação aqui, seguindo outra indicação ali, de registro em registro vai surgindo e emergindo o Povo de Santo enquanto uma articulação não ingênua, de pessoas marcadas pelo sofrimento de ter vivenciado barbaridades que jamais esperavam conhecer em suas vidas, e sendo obrigados a se calarem, silenciarem sobre o que viveram, presenciaram e registraram em suas memórias. E assim, de “grão em grão” de acordo com suas “percepções da realidade”, da “seleção de fatos e acontecimentos”, do “enquadramento de suas memórias”, o Povo de Santo vem solidificando e se firmando enquanto sujeitos históricos que são. Assim se deram as primeiras incursões na busca pela consolidação da memória social da Guerrilha do Araguaia entre o Povo de Santo.

Cabe ainda introduzir outra depoente de Tocantinópolis – minha vizinha - que muito tem contribuído com as interpretações dos dados coletados, aqui a conheceremos como Dona Flor, esta baiava no terreiro de Ciça²⁸ antes de sua morte. Dona Flor em longas tardes de conversa, tomando café ao pé da mesaerce comentários sobre seus entendimentos acerca de algumas questões alheias a meu entendimento. Inclusive informando – me que possivelmente Osvaldão teria o livro de São Cipriano e era sabedor da oração que o tornava invisível ou o transformava em animais, objetos ou quaisquer seres animados ou inanimados.

Quanto aos referenciais bibliográficos foi feito um mapeamento sobre as versões que apontam para o encantamento de Osvaldo, e traçando um paralelo com as informações preliminares obtidas no pré-campo, é possível tirar conclusões iniciais de como as representações individuais e coletivas constituem e corroboram para o entendimento de que como assevera Dácia Ibiapina (2003) de que a ‘a memória é uma interpretação constante’. Arrisco – me, a acrescentar que em razão da dinamicidade da memória é feita uma ‘reelaboração’ constante, empregando novas didáticas de representar o que não se pode materializar de uma maneira acessível e assimiladora. Com essa afoita tentativa de analisar, pretendo demonstrar que a morte material, não fora suficiente para a morte simbólica, esta pode ser sido reestruturada e quando observarmos as análises que virão, podemos entender toda encenação e mística envolta no episódio²⁹ que ceifara sua vida.

No primeiro capítulo, será feita uma abordagem sobre as memórias da Guerrilha do Araguaia entre o Povo de Santo e população local, trazendo o Povo de Santo para o cenário do conflito, descortinando essa presença desde a nascente da literatura especializada como em Portela (1986), Sader (1990), Teles (2014), Nossa (2012), Joffily (2008), e Studart (2013).

²⁸ Ciça assim conhecida uma mãe de santo de Tocantinópolis já falecida.

²⁹ Sobre o episódio da morte de Osvaldão entre as muitas justificativas está a de que ele teria atravessado uma gruta, o que o teria e não o deixando com forças suficientes para transformar quando sofreu o ataque surpresa do mateiro Arlindo Piauí e dos militares.

Para a discussão do conceito de memória a abordagem se ancora em Pollak (1989) e memória social de Pollak (1992).

No tópico 1.2, apresento a minha impressão sobre a ‘mística do lugar’, observando que muitos acontecimentos sempre se direcionam ao número 3. Aqui faço uso tanto de referenciais como de observações pessoais, também se introduz a narrativa do encantamento de Osvaldão, respaldando o conceito de encantamento na literatura de Maués (2005), Silva (2015), e Venâncio (2013).

Com Medeiros (2013) e Ibiapina (2003) chamo a atenção para a “negação histórica”, sobre as memórias e participação da população local, enquanto sujeitos históricos e participantes do processo histórico em discussão. É feita uma breve revisão sobre o processo migratório e ocupação da Amazônia Oriental, com aporte principal em Otávio Guilherme Velho (2009), apresentando a relação ocupação, ciclo produtivo e questão fundiária.

E finalizando o capítulo, trago o personagem Osvaldo. Dissertando sobre partes conhecidas de sua história de vida, sua formação, viagens e a chegada no Araguaia, também as representações surgidas sobre seus feitos e como passou a figurar no imaginário local. Faço uso de recursos iconográficos e da cartografia para dar relevo a vida do personagem. Representando sua vida além da militância e também aspectos de sua militância. Talvez eu seja acusada de excessiva adjetivação, mas falar do personagem, tanto com base na literatura como nas narrativas, fica difícil fugir dos adjetivos.

No segundo capítulo, são inseridas as narrativas e percepções do Povo de Santo sobre a Guerrilha do Araguaia, bem como suas experiências e participação na ‘guerra’. As narrativas são apresentadas relacionando com os registros da literatura especializada, aqui se mesclam fragmentos de história de vida, história de personagens e percepções pessoais e de grupo sobre relações tanto com militares e militantes. São também confirmadas as transformações de Osvaldão e as justificativas e possibilidades para suas metamorfoses.

No tópico 2.5, são apresentados os primeiros dados coletados e as possibilidades de pesquisa e compreensão do que concebo enquanto categorias, das quais percebi serem mais de uma categoria. Com aporte tanto literatura regional, como pelas narrativas foi constatada a presença de mais de uma categoria capaz de explicar as transformações de Osvaldão, que vão desde encantamento, fado até conhecimento de orações poderosas. Produzi reflexões e indagações para tentar compreender encantados e fadistas de acordo com o que reza a literatura regional.

Sobre a participação do Povo de Santo é notado que há um protagonismo não só na compreensão do “encantamento” de Osvaldo, mas sim na própria morte do guerrilheiro, que

foi morto graças ao trabalho de dirigentes de terreiro que prepararam a munição para ceifar – lhe a vida. De acordo com as narrativas se não fosse pelo Trabalho do Povo de Santo, matar Osvaldo não seria tarefa fácil, dada sua sabedoria e conhecimento que o diferenciava dos demais, com exceção à guerrilheira Dina, concebida talvez como mais ‘forte’ ainda.

E finalizando o capítulo, no tópico 2.7, são trazidas as observações preliminares e indagações acerca do quantitativo de dados e informações diante dos quais me deparei.

No terceiro, e último capítulo será feita uma brevíssima contextualização sobre a Guerrilha do Araguaia, seguida pela inserção do Povo de Santo enquanto grupo, retratando a história de vida de três dirigentes de terreiro da região de Brejo Grande do Araguaia (PA), Povoado 40 (PA) e Marabá (PA), momento em que narra suas vidas, sua fé, seu conhecimento ou participação na guerrilha.

No tópico 3.3, discuto os elementos que fundamentam o protagonismo do Povo de Santo no findar da guerrilha, representada na passagem da morte de Osvaldão, planejada e executada com a participação de dirigentes de terreiros, cuja a missão foi de preparar a munição e condições ideais para matar o guerrilheiro, prevendo condições e lugares que facilitariam sua vulnerabilidade.

Finalizando o capítulo e também a pesquisa retomo a discussão das categorias encantados, fadistas e também as orações poderosas, sustentada em laivos da literatura e narrativas orais, que exemplificam situações de transformações, encantamentos e modos de se conseguir essas façanhas.

PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia foi resultado de um cruzamento entre História Oral e Etnografia. Lancei mão da História Oral enquanto método orientador deste trabalho, tendo em vista que a preocupação maior da pesquisa é registrar as memórias da Guerrilha do Araguaia nas narrativas do Povo de Santo e compreender como vem ocorrendo a consolidação dessa memória social através da figura de alguns militantes, no caso especificamente a preocupação está em perceber essa representatividade em Osvaldo Orlando da Costa – do qual no segundo capítulo farei um breve histórico embasando em leituras e narrativas a seu respeito.

E com vistas a colocar em evidência personagens pouco apresentados em relação às pessoas que tiveram experiência durante o movimento guerrilheiro e em muitos casos participaram ou carregam consigo as marcas e histórias de um tempo ‘sofrido’, ‘difícil’, da

‘judieira’. E que em alguns casos viram nos rituais religiosos uma forma de tornar mais amena e suportável as memórias “daquele tempo”. E como assevera Thompson:

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras” (THOMPSON, n.p,1992).

Sobre o método escolhido é preciso acentuar espero que venha ser facilitador no desenvolvimento da análise e compreensão de dados coletados, bem como direcione o percurso da pesquisa. Sendo esta uma pesquisa qualitativa em que o objetivo é compreender o entrecruzamento das memórias tanto em referenciais bibliográficos como em fontes orais, como por exemplo, em trabalhos em que se desenrola uma preocupação com os registros da memória social e valorização dos testemunhos orais.

Os procedimentos metodológicos empregados na aquisição dos dados se baseiam na realização de entrevistas, na escrita de caderno e diário de campo, na revisão da literatura, coleta de dados por meio de entrevistas, produção de diário de campos, tabelas com dados coletados e conseqüentemente de posse destes será feita a elaboração de um texto analítico e interpretativo. Com o objetivo de evidenciar a narrativa do Povo de Santo enquanto sujeitos ativos e participativos no processo histórico em questão e ainda como ressignificaram essa memória da guerrilha em suas práticas e vivências. E assim como em Portelli (2016). [...] Portanto, assim como ocorre com todas as outras fontes, a tarefa do historiador reside em fazer o cruzamento das informações, checando cada narrativa contra outras narrativas e outros tipos de fonte (PORTELLI, 2016, p. 18).

E assim nesse processo de escuta registro, e análise das narrativas que às vezes pareçam confusas é possível encontrar uma riqueza de informações que contribuirão com este trabalho, outras vezes percebo as discordâncias com alguns pontos, o que não deixa de ser compreensível, pois a diversidade existente entre o Povo de Santo e a própria individualidade faz com que surjam “pontos de ruptura”, até porque cada qual teve experiências próprias sobre a guerrilha.

E mesmo ciente das diferenças “tensões” e discordâncias entre o Povo de Santo, é plausível salientar a constante preocupação com a “identidade individual e de grupo”. Ao se

perguntar, por exemplo, sobre a forma de chamar Osvaldo em um terreiro, receber a seguinte resposta: “Eu não faço esse tipo de “serviço/trabalho”, mais se a sinhôra procurar o “fulano de tal”, se ela/ele não fizer pode lhe indicar quem faça”.

De coleta em coleta de entrevistas, dados, informações, mapeamento das referências bibliográficas, cruzamento e análise de dados que aos poucos vão dando forma ao trabalho, acredito que aqui reside o que há de mais gratificante na tarefa do pesquisador que Portelli (2016), chama de processo de “restituição” e “disseminação” que no primeiro caso empregaria a “devolutiva da gravação ao entrevistado ou família”. E como em Portelli (2016), vejo o registro dessas memórias como uma “maneira de levar a outros, tornar conhecido os saberes do Povo de Santo.”

E assim como corrobora o autor. “A contribuição do historiador/ativista está na elaboração e na articulação dos conhecimentos da comunidade e da disseminação desse conhecimento para além de sua fronteira” (PORTELLI, 2016, p. 23).

O que propõe a pesquisa?

O objetivo dessa pesquisa se fez em compreender e registrar as memórias da Guerrilha do Araguaia nas das narrativas do Povo de Santo da região dos rios Araguaia e Tocantins. Através da revisão da literatura da Guerrilha do Araguaia, observando as referências e apontamentos sobre o Povo de Santo, ainda interpretar as narrativas coletadas de acordo com o aporte teórico à disposição e a partir daí produzir registro escrito valorativo à memória do grupo Povo de Santo e sua relação com o evento histórico conhecido como Guerrilha do Araguaia

As razões que justificam a pesquisa se baseia no fato de que mesmo o Povo de Santo como grupo distinto, que experienciou e vivenciou de perto a guerrilha e seus desdobramentos, estes são omitidos ou pouco evidenciados enquanto sujeitos históricos em boa parte da literatura da Guerrilha do Araguaia. E observando esse pouco interesse em tratar das memórias desse grupo sobre a guerrilha. Esta pesquisa pretende contribuir na construção de um registro valorativo da memória do grupo Povo de Santo, a serem narradas por dirigentes e pessoas pertencentes ao Povo de Santo acerca de suas experiências com o que conhecem por ‘guerra’.

A pesquisadora e a pesquisa

A proposta de convergir os temas Guerrilha do Araguaia e religião de matriz africana, além de inovadora também foi um desafio, em primeiro tive inúmeras dúvidas e dificuldades em perceber a relação entre os dois temas, mas com a pesquisa de campo e aproximação com o Povo de Santo, não somente fui conseguindo entrelaçar as narrativas, bem como fui rememorando a minha própria relação e primeiro contato com os terreiros que se deu aos sete anos de idade. Quando acometida por problemas de saúde³⁰ e depois de meus pais terem recorrido a vários médicos e especialistas sem resultados positivos a última esperança era um milagre ou ajuda espiritual.

Das muitas dificuldades que permearam o meu itinerário enquanto pesquisadora, estão tanto pessoais e burocráticas. As dificuldades pessoais certamente pesaram mais na minha desenvoltura enquanto pesquisadora, pelo fato de ter tarefas extras e que de uma forma ou de outra me obrigaram por vezes distanciar da pesquisa. No mais nos sete primeiros meses do curso, em razão da burocracia para conseguir o afastamento da minha função, enquanto professora da rede estadual de ensino. Via-me obrigada a dividir meu tempo em vários fragmentos para conciliar maternidade, trabalho e estudos.

Durante esses sete meses em que estava ainda em sala de aula foi necessário conciliar o horário de trabalho ao de estudos, por ser lotada em Tocantinópolis e as aulas serem ministradas em Araguaína uma distância aproximada de 150 km, e depois de negociar com a escola nos dias de segunda e terça trabalhava até o horário das 9:30 horas, e da escola já saía direto para Araguaína para assistir as aulas, retornando às 18:00 horas e no outro dia perfazendo a mesma rota.

Por ser uma moto meu meio de transporte, muitos foram os imprevistos e sustos na estrada: pneus furados, chuvas, velas queimadas, um estouro de pneu que por pouco não causa um acidente e incontáveis outras situações que provocaram um grande desgaste físico e emocional. Em fins de fevereiro de 2017, depois de muita insistência a licença foi concedida até o dia 22 de agosto de 2018. O afastamento me propiciou um tempo maior em que foi possível fazer mais viagens à região do Araguaia, e poder observar mais as atividades nos terreiros, o que permitiu também uma maior aproximação com o Povo de Santo.

Dividindo meu tempo entre as questões familiares e a pesquisa enfrentei tanto obstáculos financeiros, como também algumas adversidades. E perseguida pelo número 3,

³⁰ Aos sete anos de idade perdi a fala e o movimento dos membros inferiores em uma “crise de acesso”, assim dizia minha mãe e fiquei um ano sem poder andar e falar, sem causas definidas na época. Atualmente se cogita a possibilidade de eu ter sofrido um AVC, pelo fato de ser portadora de Costela Rudimentar Cervical em C7 e consequentemente ter desenvolvido a Síndrome do Desfiladeiro Torácico, SDT, todavia sem nenhuma confirmação clínica.

mais uma vez me vi diante de uma situação atípica, depois da Qualificação ocorrida no dia 17/02/2018, sofri três situações que dificultaram um pouco mais a caminhada. A primeira foi ainda em início de março em que fui atacada por um cachorro na porta de minha casa o que me fez perder algum tempo com médicos e tratamento, a segunda ainda no mês de março dentro da cidade de Araguaína quando fui buscar meu filho na escola e com a moto parada ele me puxou com a moto e bati os dois joelhos no chão ficando mais de três semanas com dificuldades de locomoção. A terceira e a que me tomou mais tempo foi um acidente sofrido no dia 28/04/2018 quando estava indo para Marabá (PA), participar de uma festividade na Aldeia 7 Orixás³¹.

Sobre o acidente sem causas definidas, mas com indícios que foi uma esbarrada que me tirou da estrada, no trecho da BR 153, conhecido por ‘curva da morte’, que fica no município de São Domingos do Araguaia (PA), na localidade conhecida como Açaizal³². Com a saída da pista cai em um declive, e como o mato estava muito alto dificultava outros motoristas de perceber os rastros do acidente. Fiquei algum tempo caída no chão e sem condições de me levantar, uma mulher passando na garupa de uma motocicleta conseguiu avistar a ponta do meu capacete, parando e dando sinal aos demais motoristas, e aos poucos, pessoas foram se aglomerando e o socorro veio uma hora ou duas depois, não sei ao certo.

Deste acidente saí com múltiplas escoriações pelo corpo, politraumatismos e ainda com fraturas ainda a serem corrigidas através de cirurgia. E ainda ficando com uma cicatriz na testa, que faço troça da mesma, dizendo que acabei ficando com o mapa das viagens na testa, e ainda que ficassem três pontos visíveis, é mais uma vez o número três me chamando para prestar mais atenção nele.

Essas e outras são algumas das muitas dificuldades que tenho enfrentado, como qualquer outro ser humano encontra em busca de seus sonhos, ideais, seus projetos de luta, seus campos de batalha, a busca diária para sobreviver numa sociedade desigual e injusta, que cada dia mais vem sufocando os grupos subalternizados e explorados historicamente.

O não desistir e levantar, nos torna fortes, nos torna grande, nos torna exemplo, inspiração, símbolo de resistência, de luta, de mostrar que podemos superar.

Esmeralda, Diamantina, José da Prata e Rubi: e suas preciosas contribuições na construção dessa pesquisa.

³¹ Aldeia 7Orixás é um dos terreiros da região que fica na mata.

³² Açaizal coincidentemente é citado por depoentes sendo a região onde Osvaldo desenvolvia seus trabalhos em terreiros.

Escolhi esse espaço para falar do sentimento de gratidão para com o Povo de Santo que muito me acolheu e pelos quais desenvolvi laços de afetividade. E justificar a razão pela qual uso os codinomes de pedras preciosas, porque para mim são sim pessoas muito preciosas, e com intuito também de resguardar – lhes a privacidade, dado que desde o início já havia lhes informado que assim seria procedido.

Seguindo as trilhas de Studart, mas não concordando com todas suas afirmações.

As contribuições de Studart foram muito proveitosas no sentido de me guiar na busca por terreiros na região do Araguaia, mesmo entendendo como justas as críticas atuais³³ sobre sua obra recente intitulada Borboletas e lobisomens, que corresponde a sua pesquisa de doutoramento. Compreendo que toda produção acadêmica se sujeita a críticas ou elogios. E para poder tecer um comentário mais aprofundado sobre sua produção adquiri seu livro para assim que possível ler e melhor ter condições de tecer críticas. Por hora justifico que quando iniciei esse trabalho e me guiando por seu livro a Lei da Selva e as coordenadas de sua tese de doutoramento que já se encontrava disponível em PDF.

Aqui não cabe defender e nem tampouco criticar sua obra, mas justificar que não concordo com tudo que por ele foi escrito, mas não deixando de explicar para leitores futuros que não estando a par da contribuição de suas obras aqui nesse trabalho, entendam ou suponham que pactuo na totalidade de seu pensamento e obra.

³³ Embora ainda não tenha lido a obra, mas de antemão li as críticas tanto encontradas no portal Vermelho e também no depoimento de Crimeia (Alice), e entendo o contexto as achei procedentes.

CAPÍTULO 1 - GUERRILHA DO ARAGUAIA E SUAS MEMÓRIAS

Em outras palavras, quando o processo conhecido como Guerrilha do Araguaia atinge o status de acontecimento histórico e a cultura letrada passa a ser o veículo narrativo passa a ser o veículo privilegiado das narrativas que a divulgam como sendo apenas obra de guerrilheiros e militares, os moradores da região passam a compartilhar essas construções narrativas e, ainda que inconscientemente, se retiram do processo (MEDEIROS, 2013, p. 264).

1.1 – Memórias

A rotina dos moradores da região do Araguaia, a partir dos anos 1970 (chegada dos militares), nunca mais foi à mesma. Tendo já passado mais de quatro décadas, vez por outra o passado é revolido e as memórias cobertas pelas cinzas do tempo são trazidas à tona, ora memórias que marcam o início de vida de alguns moradores, ora memórias de dor ora sofrimento, revolta ou mesmo de comunhão, solidariedade.

Mas sempre, os camponeses e a população local, como testemunhas vivas do processo histórico em questão, e são chamados a contribuir com suas memórias na busca constante de respostas as imensas lacunas deixadas pelo conflito. Fato interessante é o de que esses depoentes são convocados para participar na construção da história de outros sujeitos, e mesmo tendo estes, vivenciado e sofrido as mazelas do que denominam por ‘guerra’, raras vezes são mencionados ou rememorados enquanto sujeitos ativos e participativos do fato histórico conhecido como Guerrilha do Araguaia. Como bem discorre Medeiros quando afirma que:

[...] O que é escrito sobre a guerrilha do Araguaia negligencia e, em muitos casos, desconsidera a participação das *pessoas comuns*, não é de se surpreender que, ao dialogarmos com os habitantes da região, na maioria das vezes o que lhes interessa é o encontro com esse ou aquele guerrilheiro, sobre o possível número de soldados do exército envolvido no conflito e sobre o medo e a desconfiança em relação ao exército ou aos guerrilheiros. De tanto as *histórias* da guerrilha do Araguaia terem menosprezado a sua participação, eles mesmos, às vezes, já não se sentem como sujeitos históricos deste processo (MEDEIROS, 2013, p. 264).

Daí, leva ao entendimento de que é como se os habitantes da região não fossem tomados como sujeitos da história, e que não fizeram parte da história. Bem como, não tiveram de uma forma ou de outra, suas vidas atingidas ou transformadas pelo conflito. O que poderia se configurar como uma negação da participação e vivência dessas pessoas? Podemos

perceber como uma memória silenciada, ofuscada? Ou a resposta a essa indagação viria em Pollak, ao afirmar que:

[...] O longo silêncio sobre o passado longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas (POLLAK, 1989, p. 3).

Nesta perspectiva, desenvolve – se a suspeita de tratar-se estrategicamente de uma alternativa política, e como afirma Medeiros (2013), sobre ao se entrevistar a população local, estes buscam dar ênfase as relações com os guerrilheiros ou mesmo narrando outros eventos, ao invés se inserirem enquanto sujeitos históricos, deve-se ainda considerar que assim como sujeitos do processo histórico em questão. Tão como os guerrilheiros e guerrilheiras, a população local sofreu traumas tanto físicos quanto psicológicos e a não inserção pessoal pode configurar como uma alternativa de amenizar o “reviver”, “reconstituir”, “reconstruir”, “rememorar” e “relembrar” essa experiência.

Logo, também como descreve Reis (2017), a população local fora coagida após terminado o conflito, a silenciar sobre o que “viveu”, “viu”, “testemunhou” ou mesmo “participou”, com a afronta de que se falasse o que sabiam, sofreria tormentas iguais ou piores as que já haviam experimentado. Todo esse conjunto situacional condiciona a um “enquadramento” e seleção das memórias e a forma como estas serão apresentadas a quem quer que as busque e previamente há uma eletiva dos “ganhos ou percas” a ser adquiridos com essas memórias.

No caso dessa pesquisa, o viés se direciona ao Povo de Santo da região, que embora vez por outra apareçam em artigos, livros ou outros, são tidos como meros coadjuvantes, que se situam a margem da trama, e mesmo sendo citados em várias publicações como Portela (1986) Nossa (2012), Studart (2013), Teles (2014), Jofilly (2008) e outros. Considerando que até o presente momento não temos evidências relevantes, de pesquisas ou publicações que se direcionaram a ouvir seus relatos e compreendê-los enquanto fontes relevantes que contribuíram e contribuem para se pensar e compreender, que nessas narrativas existe um conjunto narrativo em que o fantástico e o maravilhoso alegoricamente dão respostas significativas, ao que até então a história tida como oficial não tem dado conta.

Em Teles (2014), tanto os terreiros como os dirigentes, são denominados por terecôs e terecozeiros, e aparecem nas narrativas de uma depoente que teria sido guerrilheira e inclusive chegado a perceber as relações entre os guerrilheiros e os terreiros. Teles (2014) descreve essa

relação dos orixás e entidades de religiões de matriz africana em festas e eventos locais, envoltos com tradições populares e católicas. Entretanto por se tratar de um artigo ou por razões individuais, que não cabe aqui julgar ou indagar, não desenvolve a participação direta do Povo de Santo enquanto sujeitos históricos participativos do conflito.

Em Nossa (2012), os terreiros e o Povo de Santo são vislumbrados efetivamente, em dois personagens em momento específico da literatura. O autor chama atenção sobre Preto Chaves, e depois ao dar prosseguimento menciona João Haas enquanto entidade em terreiros, veja o que diz o autor: Preto Chaves, codinome de Francisco Manoel Chaves, se passava por curandeiro de terecô, a religião das chapadas maranhenses [...] Foi Haas, porém que virou entidade nos terreiros de terecô e santo nas preces das mulheres desesperadas (NOSSA, 2012, p. 139).

Nesse trecho da obra Mata!, de autoria de Nossa (2012), não só aparece a menção aos terreiros, como também a atividade guerrilheira, tanto em vida como depois da morte, nos terreiros locais. Preto Chaves, segundo o autor, é tido como curador (quando vivo), e João Haas entidade de cura e santo (depois de morto). Nessa breve referência, existe elementos suficientes que demonstram a crença também no poder espiritual dos guerrilheiros.

Respostas importantes, que vem de outra forma narrativa explicar como as forças do governo usaram de seus conhecimentos para dar fim importantes personagens do conflito. Um exemplo desta participação não só no desfecho do conflito, mas também nas relações tecidas entre “O Povo de Santo e os guerrilheiros” está diluída ao longo dos textos. Ora mencionando o fato de algum guerrilheiro pertencer à religião de matriz africana, ora falando da presença guerrilheira nos terreiros, e ora confirmando a participação e o protagonismo do Povo de Santo historicamente negligenciado.

Pollack (1989) chama de “memórias subterrâneas,” para compreender que a construção oficial da literatura sobre o conflito, ao longo dos anos vem travando esse embate entre memórias subterrâneas e memória oficial e aparentemente essa “memória oficial” (nacional), tem sido mais explorada. Isso pelo fato de nas duas últimas décadas alguns arquivos pessoais terem sido acessados por jornalistas (principalmente) e também historiadores, cientistas sociais e outros.

Bem como contribui Ibiapina (2003), o ato de mobilizar essas memórias, a pessoas que sequer a população local tenha ouvido falar delas antes, levanta desconfiança, pelo motivo de terem sido estranhos, que foram aos poucos chegando à região tanto militantes como militares - o que até então não assustava ninguém pelo fato de quase todos que ali habitavam também ser migrante, em especial uma maioria vinda do Nordeste brasileiro.

Obviamente, suas dores e dissabores foram trazidas justamente por quem veio de longe. E com isso a conquista da confiança dos depoentes é um delicado processo, em que o pesquisador precisa despir – se de suas teorias e lançar mão de sua humanidade, conversar palavras simples, falar da própria vida, tomar café ao pé da mesa e lavar sua própria xícara estabelecendo aí uma condição de igualdade. Quando for o caso ajudar nas tarefas da casa, estar apto e sequer ser convidado a entrar para casa e ainda sentir honrado e cumprir o compromisso de participar das festividades familiares quando for convidado.

É preciso lembrar que o narrador (a) ao sentar para conversar com a pesquisadora, não está apenas contribuindo com a escrita da história, mas estar ali entregando um pedaço de suas vidas. E no caso do Araguaia³⁴, é uma parte marcada por percas, humilhações, abandono, maus tratos, ‘judiações’, e inumeráveis adjetivos que marcam um período de muito sofrimento. Pois, além da dor física convive com a dor de ‘perder tudo que tinha’, a roça, o roçado, a pequena criação de animais domésticos, as casas, alguns casos os entes queridos, terem seus companheiros presos, torturados, torturas que chegavam ao extremo da humilhação imposta à sexualidade das pessoas, atingindo seus órgãos sexuais e inumeráveis outras formas de violência que feriam mortalmente a dignidade daquela gente humilde e trabalhadora. Cujas, rotina na selva era a labuta diária para sobrevivência na caça, no garimpo, na lavoura, na pesca, na produção caseira da farinha, totalmente alheios aos conflitos políticos e ideológicos dos grandes e médios centros urbanos do país durante a ditadura – civil – militar brasileira.

As narrativas, geralmente vêm acompanhadas de um suspiro profundo, ou lágrimas nos olhos, alguns momentos relembrando personagens em momentos de leveza e suavidade, como na descrição de Dina, uma parteira que andava distâncias grandes para ajudar as mulheres na hora do parto, usava sempre calça “ustop”, seus cabelos pretos caídos nos ombros eram bonitos, era uma mulher bonita.

Ora, a afirmação de que “nós perdemos tudo que tinha, nossa riqueza acabou-se”. A riqueza não se media em tamanho de propriedade ou rebanhos, mas sim na variedade e abundâncias que tinham nas propriedades que ocupavam, essa riqueza ia desde as plantas que cultivavam até a quantidade de caça e de peixes com as quais podiam contar. Ainda existem as narrativas do ouvi contar que pode ser interpretada como “para não dizer que fui eu”.

³⁴ Araguaia – é o nome do rio que corta parte da região onde ocorreu o conflito conhecido como Guerrilha do Araguaia, e é também usado para referenciar as terras próximas. No caso em questão referencio o termo Araguaia para lembrar o conflito.

Alguns “lugares de memória” foram praticamente extintos, como me foi reportado em pesquisa exploratória sobre locais de existência de terreiros, que haviam muitos no Povoado de Santa Cruz, abaixo de São Geraldo³⁵, “que era lugar de terecozeiro forte”, acabou tudo depois da guerrilha, aquele povo de lá mudou tudo, os que ficaram já morreu quase tudo”, assim me descreveu um informante na cidade de Xambioá (TO).

A memória muita das vezes pode vir na forma de uma fotografia, que fica ali exposta, como uma forma de resistência, como me contara um agente de saúde que mesmo após a escaramuça ocorrida em Santa Cruz – Pará, que possivelmente tenha sido responsável pelo fim e mudança de boa parte dos terreiros daquele lugar. Essa menção da fotografia na parede vai ao encontro de uma das cenas do filme: Osvaldão, que pode ser constatada na figura 7, a fotograma do filme traz a fotografia do guerrilheiro no que parece ser um altar de terreiro.

Figura 7: Fotograma de Osvaldão supostamente em um altar de terreiro.



Fonte: filme Osvaldão, 2014

³⁵ O Povoado de Santa Cruz é, segundo relatos dos moradores locais, o local onde começou o povoamento que daria origem ao município de São Geraldo do Araguaia, fica nas proximidades da Serra das Andorinhas no estado do Pará, durante a Guerrilha do Araguaia era um vilarejo muito frequentado pelos guerrilheiros. E assim como se deu o processo de ocupação da região Sul do Pará, com o povoado de Santa Cruz não fora diferente, iniciado com o garimpo de cristal, bauxita e outros metais, a população local alternava o fluxo de trabalho entre mineração e extrativismo de castanha, caucho (árvore nativa do Brasil, da qual se extrai o látex). São Geraldo foi transferido um pouco acima da margem do Araguaia a partir da década de 1980, depois de ter sofrido com uma grande enchente, mas mesmo com a transferência houve a resistência de alguns moradores que permaneceram no local e ainda hoje o povoado resiste com poucas e humildes habitações.

De acordo com um informante da cidade de Xambioá (TO) ainda mora na região de Santa Cruz uma senhora que tem uma foto do Osvaldão em um quadro, fixado na parede em destaque na sala. Rememorei nesse instante o início do documentário Osvaldão em que aparece a foto do guerrilheiro em um altar de um terreiro, neste instante minha memória também entra em atividade e consegue estabelecer a conexão entre narrativa e imagem. E consequentemente formular a ideia de que mesmo extirpado o conflito e findada a vida da maioria dos guerrilheiros aquela memória fotográfica continua ali como um símbolo de resistência que as forças armadas por mais atuantes e vigilantes que foram não conseguiram findar. Ou seja, é no campo das ideias que somos livres, ninguém entra, ninguém domina, as ideias podem prender, torturar, matar o corpo, mas a ideia resiste.

1.2 – O LUGAR E SUAS PECULIARIDADES

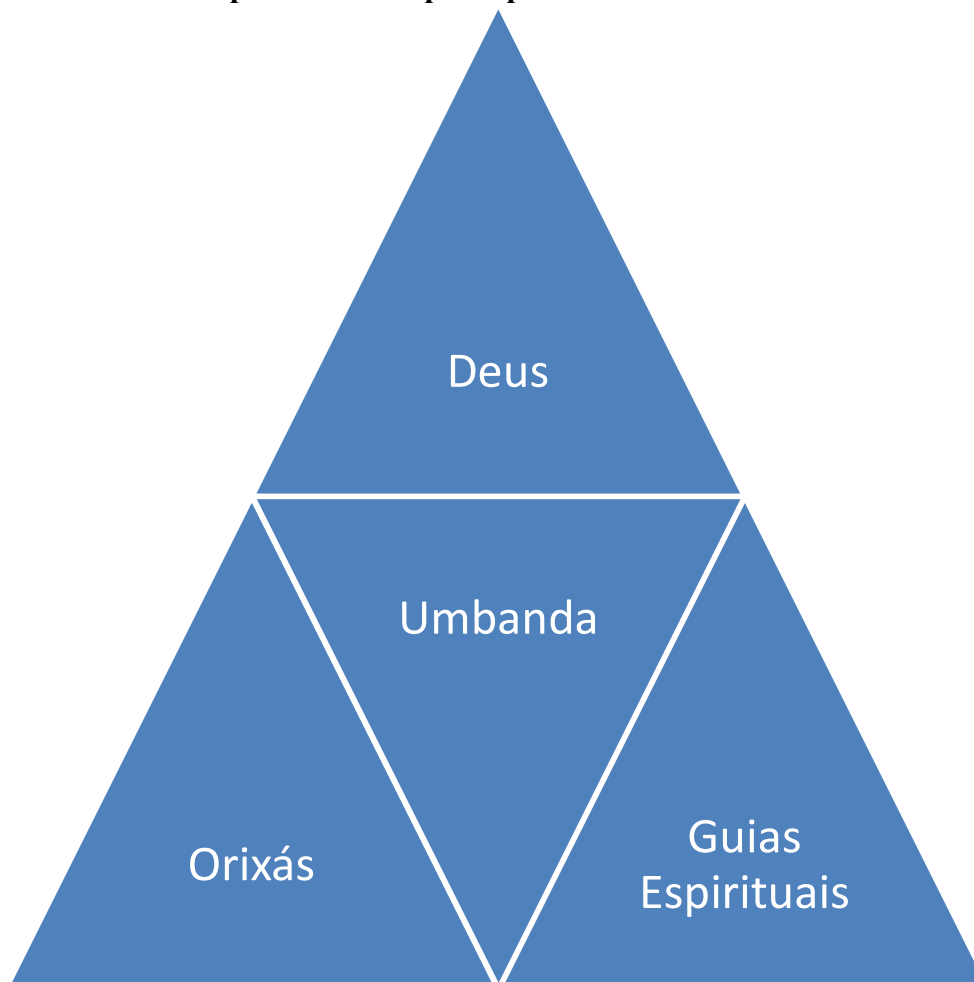
Após uma palestra proferida pelo Professor Romualdo Campos Filho, no campus UFT-Cimba de Araguaína, e das muitas e significantes informações trazidas pelo mesmo o que muito me chamou à atenção e depois em casa formulei e desenvolvi a ideia sobre a presença do número 3, o quantitativo 3 se repete em muitos momentos nas narrativas sobre a guerrilha. Em sua fala, o professor atesta que a região na qual se desenrola o conflito estrategicamente é uma região de confluência de três biomas: cerrado, caatinga e floresta amazônica.

Coincidentemente ou não, até mesmo a localização dá um ar mítico ao conflito pelo fato de situar-se entre três estados brasileiros: Pará, Maranhão e Tocantins (na época Norte de Goiás). Também compreendia três regiões distintas, a saber: Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Temos no catolicismo a tríade: Pai, Filho e Espírito Santo. Três são Os Segredos de Fátima; Pedro negou Jesus por três vezes; Três eram Os Reis Magos do Oriente. “Na espiritualidade o número três pode ser entendido como o poder de unidade entre: a mente, o corpo e o espírito”. Os destacamentos eram três: A, B e C.

As campanhas militares foram três. Três também foram as estradas operacionais construídas pelos militares: OP1, OP2 e OP3. Três foram os anos de duração da guerrilha. Três são as fases da vida. Na umbanda três são os pilares de sustentação: Amor, Fé e Caridade. Um dos locais mais misteriosos do mundo é o Triângulo das Bermudas. Três são os povos que formaram o Brasil. As pessoas envolvidas faziam parte de três grupos distintos: militantes, militares e população local. Ou seja, por escolha ou não podemos perceber todo ambiente envolto na tríade, a trindade perfeita aparece em vários momentos se lançamos a

visão um pouco mais aguçada ao evento. A harmonia e equilíbrio nos terreiros está principalmente em conciliar a tríade, assim como na representação construída por mim e apresentada no gráfico 1³⁶:

Gráfico 1: Representação da harmonização e o equilíbrio nos terreiros de umbanda a partir de seus princípios e fundamentos.



Fonte: Maria Leal, 2018.

Osvaldão, como muitos mencionam em conversas não registradas em áudio e às vezes registradas pelos gravadores e outras mídias, é rememorado sempre se fazendo referência aos encantados. Visto que em tempos de vivo já dispunha dessa capacidade de transformar-se – fato que será abordado um pouco adiante em depoimento de uma mulher pertencente ao Povo de Santo de Tocantinópolis - assim como muitas das referências cabe citar Sader (1990) e

³⁶ A representação por mim construída se dá diálogo com o Povo de Santo e também de pesquisas em blogs umbandistas, entre eles Terra D'Aganju, em uma mensagem ditada pelo Preto Velho Pai Thomé do Congo e anotada por André Cozta na cidade Rio de Janeiro- 24 de setembro de 2012- 12:11h.

Teles (2014), referências das que mais se aproximam da narrativa do encantamento. Veja o que dizem as autoras.

Agora “o Osvaldão era encantado. Por isso foi o último a ser morto” (grifo original). Ele tinha o dom de se transformar no animal que quisesse. “Um dia, os federais tocaiaram ele na mata. Ia passando um bando de macacos e ele se transformou num deles conseguiu fugir pulando por cima da cabeça dos federais que nem desconfiaram. Mas no que ele mais se transformava era em cachorro” (grifo original) (SADER, 1990, p. 5).

E Teles (2014), cita Sader (1990) para desenvolver seus argumentos no artigo em que discorre sobre os segredos e os mitos do Araguaia.

A história recolhida por Sader de forma direta refere-se ao guerrilheiro Osvaldão. A pessoa que lhe cedeu a entrevista, identificada como M., era criança à época dos acontecimentos e lembra-se vagamente dos fatos de então. Ela soube, através das memórias de seus pais, que Osvaldão era “encantado” (grifo original). Ele possuía o dom de se transformar no animal que quisesse e, por isso, teria sido o último guerrilheiro a ser morto (TELES, 2014, p. 7).

Nas duas citações encontramos Osvaldo numa conjuntura mista entre crenças populares e encantaria, sabendo que em Maués (2005) encontrei a justificativa para esse tipo de capacidade de transformação entre os “fadistas”, termo que já mencionei em páginas anteriores. Daí seguindo com as indagações sobre a investigação proposta vêm à tona a pergunta: Haveria nessas narrativas um equívoco sobre os “encantados” e “fadistas”? Ou estaria aqui surgindo uma nova categoria de encantamento ainda desconhecida? Ou ainda houve um mal entendido por parte das interpretações das narrativas colhidas e uma preocupação de enquadramento ou categorização dos elementos contidos na narração?

E sobre os encantados, apreciamos o que corrobora Silva (2015) e Venâncio (2013) e outros, em que a própria categoria do encantando faz essa dança, bem ao estilo da lendária “botija de ouro” de Lima (2003), a aproximação do tão sonhado objeto de desejo, move-se para outro espaço. Entretanto, a própria etimologia da palavra sugere o ‘fascínio, a sedução’ e como define Venâncio (2013) o “encantado não está morto”. Logo a nossa ousadia é tamanha de pensar em averiguar sua presença ‘física’³⁷, em espaços sagrados da região foge a própria lógica de sua existência, pois ele está lá, independente de sua aparição ou não, sua presença é marcante.

³⁷ Física no sentido de presenciar sua incorporação

As narrativas a respeito de suas transformações, são muitas e não vem só da população imersa em crenças e num universo repleto de seres da natureza que contribuem ou atrapalham suas vidas, mas como reforça Teles (2014), as próprias forças militares ou por conveniência ou por perceberem ser esta uma forma comunicativa que melhor se adaptaria ao local, vez por outra relacionava a agilidade e destreza dos guerrilheiros nas matas ou em combate como o fizeram, por exemplo, no episódio descrito por Teles (2014). Nessa passagem citada pela autora é a de que após um combate na mata e voltando ao acampamento sem o êxito pretendido, os militares atribuíram o fracasso da caçada ao fato de os guerrilheiros terem sumido, virado mosquito. Assim assevera Teles (2014):

Outro mito relevante versa sobre a “metamorfose” de guerrilheiras (e guerrilheiros) em mosquitos, conforme nos relatou Criméia de Almeida; segundo ela, tais mitos foram inventados pelos militares para encobrir sua incapacidade de debelar a guerrilha (TELES, 2014, p. 10).

Se no caso da Guerrilha do Araguaia, há como aponta Medeiros (2013) e Ibiapina (2003), “negação histórica no que tange a memória, participação e envolvimento da população local”, que são também sobreviventes e testemunhas oculares que viveram e presenciaram a violência e esses são silenciados, ofuscados, desviados enquanto fontes históricas. Isso não se dá por pura ingenuidade e sequer por uma pretensão unicamente marginalizante, mas muitas vezes por razões como: pessoalidade³⁸, comodidade³⁹, representatividade⁴⁰, e a crença⁴¹ ainda muito forte na busca da “verdade” a ser testada e ratificada pelas fontes escritas.

E assim, desconsiderando a riqueza de detalhes presentes nas alegorias narrativas de quem com suas crenças, sua fé, seu jeito simples e fantástico de compreender a realidade, conta entre outras coisas as suas experiências particulares e pessoais com o conflito o qual ficavam entre o fogo cruzado, sem poder dar indícios que apoiavam lado A ou lado B. Mesmo que cada um por razões próprias e estratégias de sobrevivência já tivessem em si consciência de quem apoiar, a quem creditar sua confiança. Certamente essa posição não poderia e não deveria ser feito de forma a demonstrar seu ponto de vista, suas opiniões ou preferências.

Em Teles (2014), podemos observar que mesmo os militares tiveram, de início, dificuldades em lidar com o que a autora chama “repositório de lendas”, quando debate acerca

³⁸ Pessoalidade no sentido do envolvimento pessoal com o tema;

³⁹ Comodidade no sentido de sentir confortável dentro dos limites e abordagens escolhidos pelo pesquisador;

⁴⁰ Representatividade é no sentido que quem produziu e a quem interessa a produção e a quem se destina;

⁴¹ Crença no sentido do apego muito forte a determinados fontes que julgamos “confiáveis”.

do processo de inserção desses guerrilheiros na memória social da região. Entretanto, entre os militares, creditava-se essas capacidades fantásticas a alguns elementos da guerrilha, é tornar a linguagem acessível para explicar a capacidade de fuga de um inimigo inúmeras vezes mais fraco em poder fogo consegue escapar de alguns combates ora virando fumaça ou transformar-se em mosquitos.

E ainda em Studart, esse poder não humano a quem eram agraciados principalmente Osvaldo e Dina poderia ser usado para provar que mesmo não tendo acesso ao mesmo armamento o “povo da mata”, se igualava em condição em razão de seus poderes sobrenaturais de combate, com isso amenizar ou dar uma nova roupagem a atrocidades cometidas pelos militares e que esse caráter heróico de combater falseava um status de paridade.

Interessante atentar, nos discursos dos militares, para a recorrência à coragem e bravura dos guerrilheiros mortos em combate: “heróis” foram os que lutaram até a morte, que feriram ou mataram militares. Tal mecanismo de engrandecimento do inimigo apresenta – se, talvez, como forma de legitimar a violência empregada na repressão. Exaltar os feitos de Dina, de Sônia e de Osvaldo, dentre outros guerrilheiros que teriam morrido heroicamente, absolveria a violência contra os inimigos. Os militares chegam ao limite de ver glamour nessas mortes (STUDART, 2006, p. 76).

E ainda, é muito mais rápido e fácil explicar as gentes do Araguaia que os guerrilheiros se transformaram em mosquito do que produzir uma elaboração argumentativa explicando-lhe o contexto geopolítico e a formação guerrilheira adquirida nos países de bloco socialista. Logo mosquito ágil, abundante e que muito incomoda é uma alegoria acessível aquela gente, a capacidade fantástica de transformar-se também. Ali na terra da Mãe D’água, nas selvas protegidas do Curupira, perto dos rios onde serpenteia a Cobra de Fogo, da boiúna, de um lugar onde as peraltices são obras do Saci, de vilarejos atormentados com os uivos do lobisomem. Terra em que Piancó⁴² transformou – se num sapo gigante e conseguiu escapar ileso dos militares. Lugar onde pessoas não morrem afogadas em rios, mas são apenas arrastadas para o fundo pelos encantados para num destes transformar.

Lembro – me da moça de Marabá (PA), que vez por outra tomada por entidades nos terreiros daquela cidade baiava⁴³ toda noite, mudou-se para Amapá, e lá por acaso um dia as

⁴² Piancó – assim foi contado por José da Prata em conversa gravada em áudio, que Piancó chamado por ele de feiteiro, encurralado pelos militares para que dissesse onde estariam os guerrilheiros transformou – se em um sapo.

⁴³ Baiar – é assim chamado entre o Povo de Santo a o ato de as/os médiuns dançarem ritmicamente ao som dos pontos cantados durante os rituais em terreiros.

margens de um rio sua sina se cumpriu, sua morada passou a ser a dos encantados do fundo do rio. E não ficou por isso só, um dia a mesma baixou em um terreiro de Marabá (PA) e toda verdade contou⁴⁴.

Em consonância com as afirmações de Teles (2014), sobre o contexto em se desenrola e findara a guerrilha, e todo o conjunto que compõem as representações imaginárias do Araguaia, nos leva a percepção de que a realidade em que as pessoas na maioria das vezes só conheciam respostas através de “lendas e mitos⁴⁵”, mais a forma como os guerrilheiros e suas técnicas ardilosas de movimentação e defesa na mata potencializou ainda mais esse conjunto de crenças locais.

Tomar como realidade as transformações de Osvaldo, não se pode traduzir em tolice, crendice ou quaisquer outros adjetivos, mas sim numa forma palpável de compreensão de que a sua invisibilidade aos olhos do inimigo e a sua capacidade de permear em ‘campo minado’, sem ser percebido. Podendo ser transposta ao entendimento de quem sempre ouviu das metáforas os ensinamentos e a compreensão cotidiana da vida. Metáforas para quem de longe vê, mas realidade no Araguaia, para quem realmente acredita e compreende a vida através de um conjunto cosmogônico, em que há estabelecimento natural de causa e efeito.

É importante que além de Osvaldo, a guerrilheira Dina, também conhecida como professora, doutora, parteira entre tantas outras denominações também era considerada por sua capacidade de se transformar – se em borboleta, ficar invisível etc., por ora e em razões da delimitação do tema e da busca inicial nosso trabalho se volta a compreensão dessa memória simbólica construída em torno de Osvaldo Orlando. E sobre isso Studart escreve:

Reza a lenda, de acordo com os narradores entrevistados, que Dina virava borboleta e Osvaldão lobisomem. Tratam-se de representações coletivas que emergem de narrativas populares a respeito da liderança reconhecida desses dois guerrilheiros (STUDART, 2013, p. 86).

A despeito da guerrilheira Dina, foi possível notar em campo algumas referências sobre seus poderes entre o Povo de Santo, mas não diretamente ligada aos terreiros, somente foi a mim reportado que era detentora de poderes assim como Osvaldo, o que pode abrir

⁴⁴ Sobre o encantamento da moça de Marabá, foi durante uma roda de conversa na Festa de Iemanjá na Praia do Tucunaré na cidade de Marabá, que um médium daquela cidade narrou esse acontecimento para exemplificar como se dá o encantamento.

⁴⁵ O uso de mitos e lendas se dá não no sentido de categorização, mas na impotência de fazer uma conceituação acessível, tendo em vista que a pesquisa encontra-se em andamento.

espaço para novas pesquisas futuras. Em especial com ênfase nas narrativas do Povo de Santo sobre as mulheres negras na Guerrilha do Araguaia.

O próximo tópico se direciona a compreensão de como se deu o processo de ocupação da Pré – Amazônia, e como esses fluxos migratórios trouxeram contribuições para as crenças e cosmogonia local.

1.3 – OCUPAÇÃO DA AMAZÔNIA ORIENTAL

A ocupação da chamada Pré – Amazônia – que pode ser apreciada na figura 8 - iniciada décadas antes em uma faixa de terras que se estende a partir da divisão Sul do Maranhão se estendendo aos limites dos estados do Pará e do Tocantins. Essa ocupação teve início décadas antes da guerrilha, traz consigo não só o sertanejo marcado pelo desejo de adquirir sua posse de terra para dela tirar seu sustento familiar. Mas também todo um conjunto representativo de vida e de mundo, estamos falando de um povo que desde sua gestação até o suspiro final de vida, tem como apego maior a fé. Essa fé viva é a mesma fé que os leva a benzedeira(o), curandeira(o), à mãe/pai de santo, para tirar – lhes todos os males: doenças, feitiços, coisa feita, mau olhado, quebranto, arca caída, dor de cabeça de sol, entre tantas moléstias.

Não obstante se apegando a Deus e rogando a todos os santos, entidades, orixás, almas e tantos outros seres sobrenaturais, é que conseguem força, esperança, ânimo e energia para lutar contra as injustiças sociais, exploração de suas posses, ‘suas riquezas’ e força de trabalho e assim sucessivamente. Essas pessoas acostumadas a lutar pela vida através da fé, mesmo migrando para regiões distantes, não deixam para trás suas crenças, carregando consigo, mesmo que precise readaptar ao modo local. Desta forma, ocorre com as crenças, religiões e entendimento de mundo da Pré – Amazônia, traz elementos locais agregando as crenças vindas com os migrantes nordestinos.

Otávio Guilherme Velho (2009), apresenta os fluxos migratórios que adentraram o Norte brasileiro à partir do século XVI aos dias atuais, com suas características e os ciclos econômicos e as condições climáticas, sociais e geográficas que atraiu pessoas de todas as regiões da colônia e depois do país, que vinham em busca de ‘melhores condições de vida’.

Apontando as principais frentes de expansão algumas se destacam, outras são apenas uma alternativa intermediária no entre safras, como no caso dos garimpos e outras vão surgindo timidamente como no caso da pecuária, que nos dias atuais responde por boa parte da cadeia produtiva do Norte.

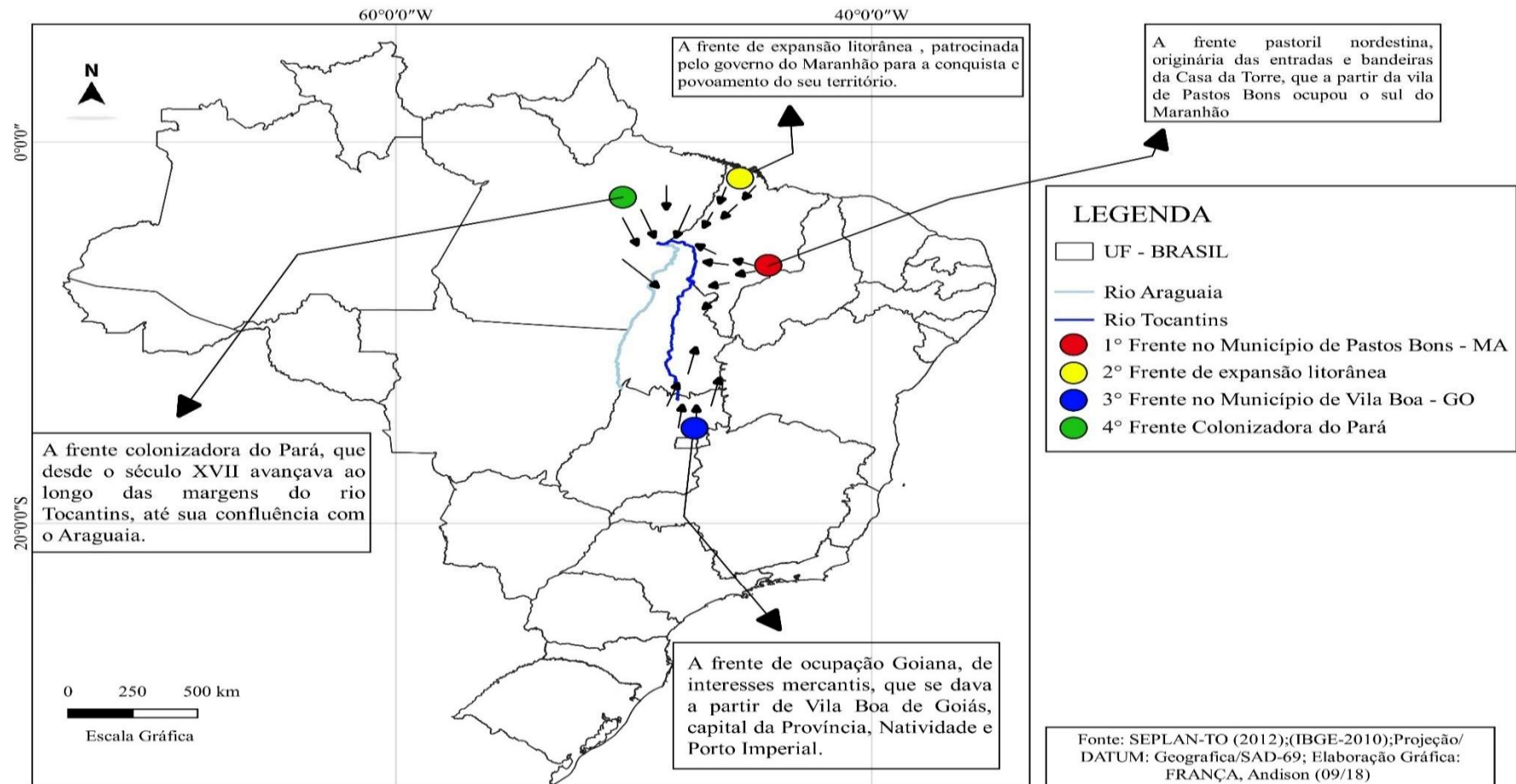


Figura 8: Frentes de ocupação da região conhecida como Pré – Amazônia brasileira.⁴⁶

⁴⁶ As frentes de ocupação da Pré – Amazônia, se estenderam dos séculos XVII aos dias atuais. Os dados acima podem ser verificados em Adalberto Franklinn na Obra Breve História de Imperatriz.

Acompanhando os fluxos migratórios, que nem sempre eram fixos, vieram também o acirramento da disputa por terras e recursos, bem como a exploração do trabalho de uns sobre outros. E assim destaca Otávio Guilherme Velho que afirma:

[...] Numa região em que a terra não constitui bem escasso, não aparece a figura do latifundiário como poderoso por excelência. O bem escasso nas regiões longínquas são o capital e os meios de comercialização. Mesmo na frente pecuarista do Brasil Central, os poderosos eram frequentemente aqueles que combinavam o papel do fazendeiro com o de comerciante (VELHO, 2009, p. 35).

Assim o trabalhador do Norte se via constantemente dependente dos donos de barracão⁴⁷. Essa dependência de produtos comprados nos barracões, comprometia muito ou todo o fruto do seu trabalho antes mesmo de desenvolvê-lo. O que ocasionava muitos conflitos, e não raras vezes resultava em morte. As relações tecidas, nesse processo de ocupação conheceu e viveu desde muito cedo os muitos aspectos da violência e como corrobora Otávio Guilherme Velho (2009):

[...] A violência, juntamente com uma orientação aventureira e especulativa, irá permear todas as relações: o que perdurará por muito tempo. Especialmente enquanto se mantiver o binômio explosivo de mão – de – obra não – fixa mas com um alto grau de isolamento da área que diz respeito ao controle externo efetivo daquilo que se passa nas relações estabelecidas no seu interior (VELHO, 2009, p. 49).

Esse sertanejo, como apresentado por Ariano Suassuna em suas obras: ‘valente’, ‘destemido’, ‘capaz de driblar as intempéries da vida’. É esse sertanejo, agregado a outras tantas pessoas de muitas regiões do país, que com histórico de vida parecido e por razões pessoais díspares, atraídos por projetos de ocupação da floresta amazônica empreendido pelo governo militar. Aos poucos, pessoas foram chegando, construindo seus ranchos, suas moradas, suas roças, roçados, introduzindo suas pequenas criações e estabelecendo suas vidas naquele novo espaço de muitas promessas e incertezas.

Bem semelhante, a Terra Prometida⁴⁸, aqui a promessa saíra da boca de um padre, em tom de profecia, não um padre qualquer, foi um santo padre quem disse. Foi o padrinho padre Cícero, milagreiro para uns e cangaceiro para outros tantos – depende dos “olhos de quem vê”. Independente do ponto de vista esta figura se consolidou como grande ícone da fé no

⁴⁷ Barracão – Para Velho (2009) constituem-se numa espécie de mercado geralmente instalado nas fazendas onde meeiros, agregados, peões e demais empregados se viam obrigados a adquirir produtos alimentícios e de consumo geral a preços bem superiores aos do mercado.

⁴⁸ Terra Prometida usada não pela lógica bíblica, mas no sentido de falar da constante diáspora humana em busca do que chamaremos aqui de lugar.

sertão nordestino. Mas aqui o que nos interessa é sua profecia, que ficou conhecida por denominar uma onda de ocupação conhecida por Bandeiras Verdes. Nesta profecia o padre afirmará que:

Rezam as lendas que o Pe. Cícero teria previsto que para se salvar carecia atravessar o Rio Araguaia em busca da Bandeira Verde, terra da promessa e de esperança. Que surgiria a era do Capa-Verde, príncipe maligno. O rio iria banzeirar (ter ondas) na metade e na outra metade ferver. Travar-se-ia uma grande guerra e as forças do bem prevaleceriam. Pois bem, o rio banzeirava e principiava a guerra (FIGUEIRA, 1986, p. 28 *apud* PEIXOTO, 2011, p. 490).

Se voltarmos em tempos anteriores ao movimento guerrilheiro, compreenderemos que o processo de ocupação da região da Amazônia Oriental é marcado em si por um conjunto imaginário, rico em personagens e profecias como assim menciona Teles (2014), Sader (1990), Peixoto (2011) e outros. Houve diferentes fluxos migratórios, em diferentes tempos e um dos empreendimentos que chamara a atenção a nível nacional para a região do Rio Araguaia.

Foi justamente o ‘projeto de integração nacional’ proposto pelo governo militar, que prometia ‘terras para os homens sem terra’. Todavia, embora o slogan fosse chamativo foram às grandes empresas, projetos e latifundiários que vieram a ser beneficiadas, a forte especulação financeira e a promessa de futuros empreendimentos maiores contribuíram para a intensificação da disputa pela terra, e os assassinatos, pistolagem, conflitos, grilagem e toda a espécie de violência no campo.

Esse cenário, em que impera a lei era do mais ‘forte’, uma parcela significativa de funcionários públicos, que deveriam se dedicar a defender as pessoas, principalmente as mais fragilizadas, ao contrário em muitas situações tornaram os algozes dos camponeses. E nessa hora, a quem recorrer? A quem se valer? Nesse instante a fé e a crença tomam um papel relevante, não como algo efetivo, mas uma forma tanto de interação e distração para as dores da alma, como também para os mais afeitos, poderia ser uma via de recurso último em que com preces, orações, trabalhos, encomenda, responsar⁴⁹, etc, poderia acessar uma forma de justiça ‘imparcial’.

⁴⁹ Responsar – palavra utilizada entre o Povo de Santo para designar a responsabilidade atribuída aos pais ou mães para resolver questões de pessoas que os procuram trazendo suas contendas para serem resolvidas em terreiros principalmente com relação a desaparecimento de objetos ou pertences pessoais. A resposta se faz através de uma oração antiga, em anexo 1 deste trabalho segue a Oração de Responsório de Santo Antônio.

Assim, as práticas de se benzer, fechar o corpo, entregar oferendas, enfeitiçar munição, benzer ou envenenar o punhal⁵⁰. E não só no sentido de proteção e defesa, como também na resolução de problemas, pessoais, amorosos, de saúde. “O dia a dia na região estava intimamente ligado ao calendário das festas e ao sincretismo religioso; muitas delas representavam um meio de obter proteção para a população, isolada e carente da atuação do Estado na região” (TELES, 2014, p. 469).

⁵⁰ Sobre a prática de envenenamento do punhal para torná-lo mortal, existe uma ritualística conhecida contada pelos mais velhos contar como se faz uma simpatia para envenenar um punhal, que se dá ao desenhar uma cruz com o mesmo em um pé de pinhão, numa sexta – feira ao pôr do sol e deixa-lo por sete dias lá.

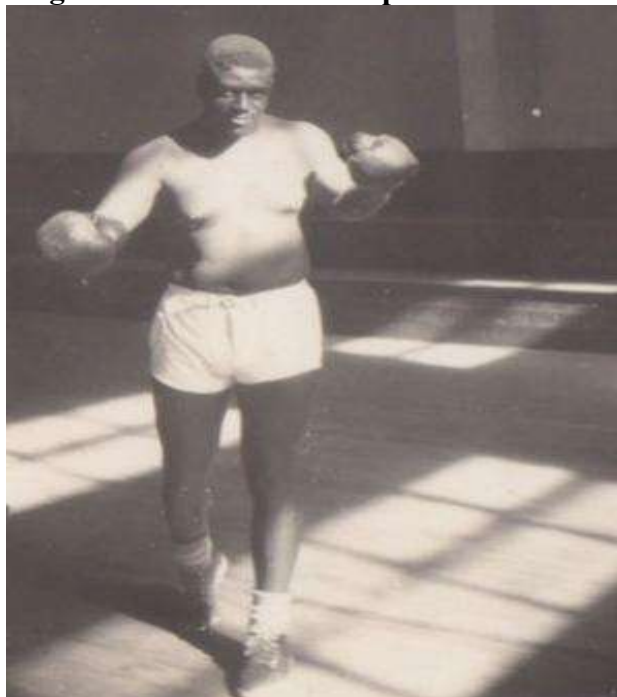
1.4 – NO REMANSO DO RIO ARAGUAIA

O ano era 1966, não saberei precisar se seria manhã, tarde ou noite. Se chovia ou fazia sol, mas posso imaginar os olhares curiosos lançados sobre aquele corpo negro, de 1,98 m de altura, calçando sabe – se lá 45, 46, 47 ou 48 talvez, aquele sorriso largo e resplendoroso. Traços firmes e delicados ao mesmo tempo. Mas fortes, mas quem sabe suaves.

Aqueles músculos e aquele punho que com certeza derrubara muitos oponentes nos ringues⁵¹. Aquele homem dono de muitas histórias, sabedorias, gentilezas, galanteios e solidariedade, todavia implacável com quem praticava injustiça com os mais ‘fracos’. Certamente trazia consigo o sotaque uai, mas também aprendera a língua daquela gente. Tão experiente que conhecia as “características dos metais apenas com um sopro sobre eles, classificando qualidades e valores” (OSVALDÃO, 2014).

Assim como é possível verificar na figura 9, Osvaldo Orlando além de ser bem alto era também sinônimo de força e resistência. A fotografia encontrada em site esportivo retrata oguerilheiro em seus tempos de lutador de boxe na cidade do Rio de Janeiro.

Figura 9: Osvaldo nos tempos de boxeador.



Fonte: Netvasco, 2018.

⁵¹ Osvaldo quando morou no Rio de Janeiro foi também boxeador na categoria amador pelo Vasco da Gama, inclusive chegando a conquistar título na categoria amador peso-pesado.

Aprendeu a lidar fácil com a imprevisibilidade da mata, também aprendeu dela tirar seu sustento. Fez muitos amigos e também muitos inimigos. Virou homem da mata, do garimpo e de “guerra”. Sim estamos falando de Osvaldão, que chegara à Araguaatins na época cidade pertencente ao estado de Goiás, atualmente Tocantins. No ano de 1966, naquela cidade estabeleceu os primeiros contatos. Dentre as muitas atividades desenvolvidas pelo guerrilheiro as fontes orais e escritas mencionam que era garimpeiro, mariscador, comerciante de tecidos, trabalhou na lavoura e outras atividades locais.

Foi o primeiro militante do PC do B a se instalar na região do Araguaia, antes havia feito algumas viagens a outros lugares como conta Jofilly (2008), em busca de um ponto estratégico para a organização da guerrilha visitou a Chapada Diamantina na Bahia em 1963 e esteve no garimpo de Guiratininga em Mato Grosso em 1965. Nascido na cidade de São Miguel do Passa Quatro no estado de Minas Gerais, no dia 27 de abril do ano de 1938, onde crescera na companhia de irmãos e irmãs. Desde muito cedo Osvaldo, percebe as influências partidárias no contexto familiar, tendo pai e irmão filiados ao partido comunista, nesta mesma cidade cursou o ginásio, em São Paulo e Rio de Janeiro frequentou cursos técnicos e em 1961 foi estudar Engenharia de Minas na Tchecoslováquia.

Em 1963 depois de contatado pelo partido decide por abandonar o curso e voltar ao Brasil. É importante sublinhar seu conhecimento de guerra foi em parte adquirido quando por um ano cursou o CPOR⁵², em São Cristóvão⁵³. Na figura 10 é possível reconhecer Osvaldão em trajes oficiais das forças armadas, a foto é do período em que cursou a academia militar no Estado do Rio de Janeiro.

Figura 10 - Osvaldo em traje oficial.

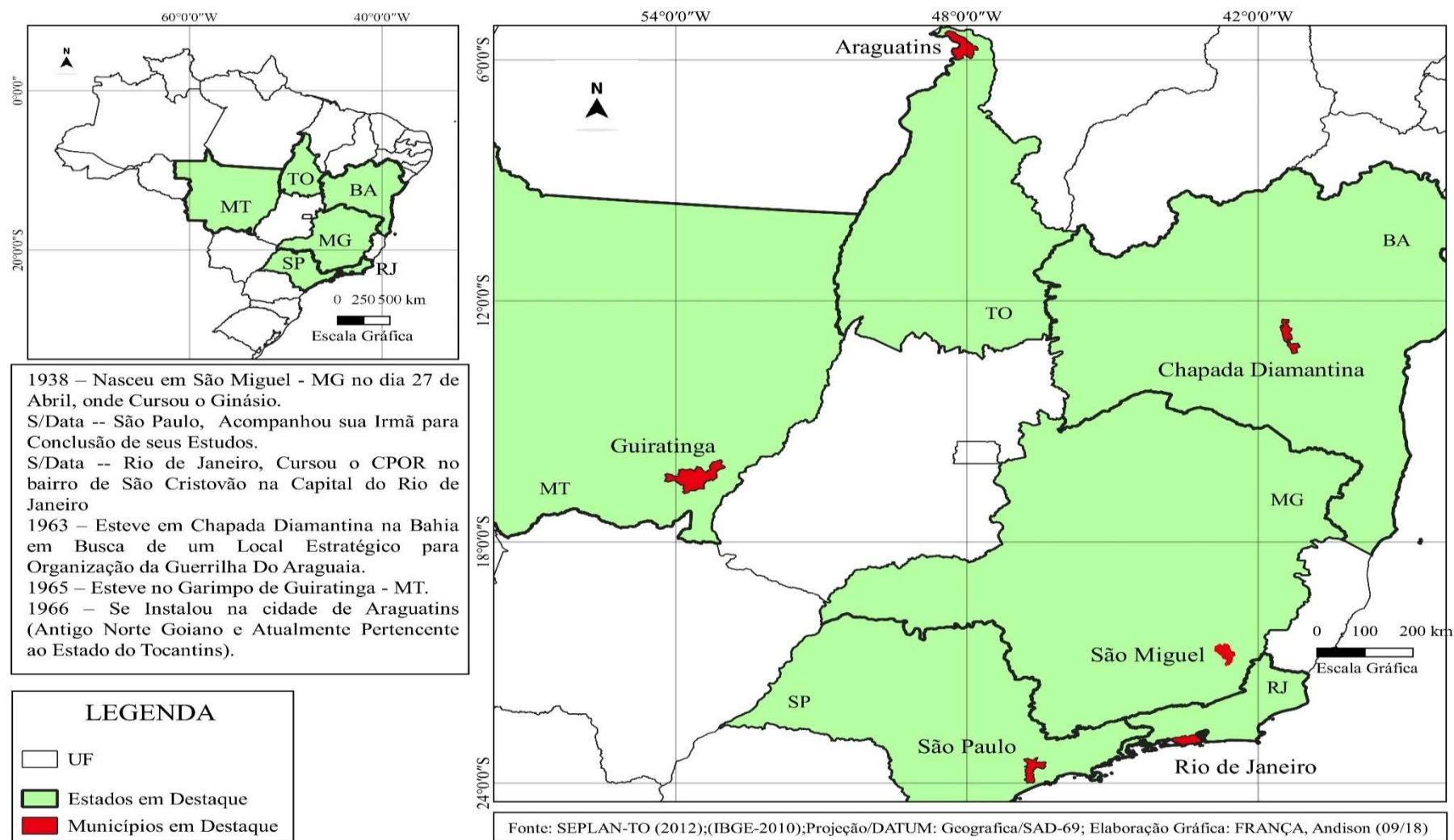


Fonte: GrandeBlogDazibao, 2018.

⁵² CPOR - Centros de Preparação de Oficiais da Reserva.

⁵³ São Cristóvão é um bairro da cidade do centro do Rio de Janeiro, seu povoamento iniciou com a criação da Igreja de São Cristóvão no século XVII.

Figura 2: Representação das rotas percorridas por Osvaldão até chegar ao Araguaia.⁵⁴



⁵⁴ Cabe registrar também a rota feita por Osvaldo do Brasil à Tchecoslováquia no ano de 1961, percorrendo um total aproximado de 9 886 km. Dada a impossibilidade de representar essa rota na imagem, optei por mencionar em rodapé.

Osvaldo ficou conhecido e muito afamado na região do Araguaia anos antes da guerrilha, é quase que unânime a voz do povo quando perguntamos sobre o guerrilheiro, as pessoas logo apontam características relatadas em quase todas as obras produzidas até então. Sobre Osvaldo, o gigante guerrilheiro, a afirmação é de ele era respeitador, pessoa muito boa, prestativo, tratava das pessoas,⁵⁵ brincalhão, muito inteligente, muito sabido, muito experiente, poderoso e solidário. Esses são alguns dos numerosos adjetivos usados para descrever Osvaldo, quase que unanimemente também a guerrilheiros e guerrilheiras.

Com todas essas qualidades, Osvaldo o comandante do Destacamento B, ainda figurava no imaginário local como alguém que detinha poderes sobrenaturais, com capacidade de transformar-se em vários animais e outros elementos da natureza, das muitas transformações por mim investigada, encontrei e ouvi as seguintes: transforma-se em macaco, barrão⁵⁶, cachorro, lobisomem, mosquito, árvore, tronco, ficava invisível, entrava na terra, se entremeava aos cipós, se transformava no que quisesse.

Outras características que tenho observado no transcorrer do trabalho é o fato de os relatos que atestam que Osvaldo uivava, urrava a depender da situação emitia sons que expressava seu sentimento. Um exemplo é quando Studart (2013) retrata o episódio em que levou o tiro de Arlindo Piauí, “[...] na primeira bala que lhe atingiu o peito, Osvaldo abriu os braços e urrou. Seu grito foi escutado a quilômetros de distância. Na segunda, saltou a mais de metro de altura [...]” (STUDART, 2013, p.329).

Sobre o episódio da morte de um companheiro Osvaldo esboçou uma reação que marcou ainda mais o imaginário a seu respeito “Assim que se viu diante do corpo do camarada Ari, Osvaldo uivou. Depois, começou a chorar”. (STUDART 2013, p. 79), aqui notamos um misto de animalidade e humanidade ao mesmo tempo, bem ao modo como se representa entre outros seres em que Osvaldo se transformava o lobisomem, assim também enfatiza Studart:

Osvaldo, era o mais conhecido dentre todos os guerrilheiros, o mais temido entre os militares – e ao mesmo tempo o mais amado entre os moradores da região. Era emotivo, temperamental, irascível. Tinha uma característica singular que chamava a atenção dos camponeses. Quando muito contrariado, quando diante de uma forte emoção, ele uivava. Era um som alto, rouco, gutural – tal qual o de um lobisomem, segundo resta no imaginário da população da região (STUDART, 2013, p. 79).

⁵⁵ Sobre tratar as pessoas e respostas que encontrei direcionam para as atividades desenvolvidas em terreno.

⁵⁶ Barrão é o mesmo de porco, só que em tamanho avantajado e não castrado.

Nunca saberemos ao certo se esse modo particular de Osvaldo Orlando é natural de suas emoções ou se ao perceber o poder dessas representações para aquela gente passou a usá-los como uma forma de interação em benefício próprio. Por essa entre tantas razões, passou a figurar definitivamente na memória e imaginário local, contribuindo com a disseminação de sua fama, e que no caso dos recrutas funcionava muito bem como uma espécie de ‘guerra psicológica’.

Independente de suas intenções, a percepção que tenho é a de que conseguiu se estabelecer entre o rol dos imortais no Araguaia, que seja entre encantados, entidades, espíritos, isso não importa enquanto categorização. O que importa é que sua passagem ficou marcada por histórias e memórias, que nem mesmo os militares passearem com seu corpo pendurando no helicóptero sobre cidades e povoados da região, cortar - lhe a cabeça e queimar seus restos mortais, tudo isso não apagou da memória sua imagem enquanto resistência à opressão, violência, injustiça, exploração, grilagem, etc.

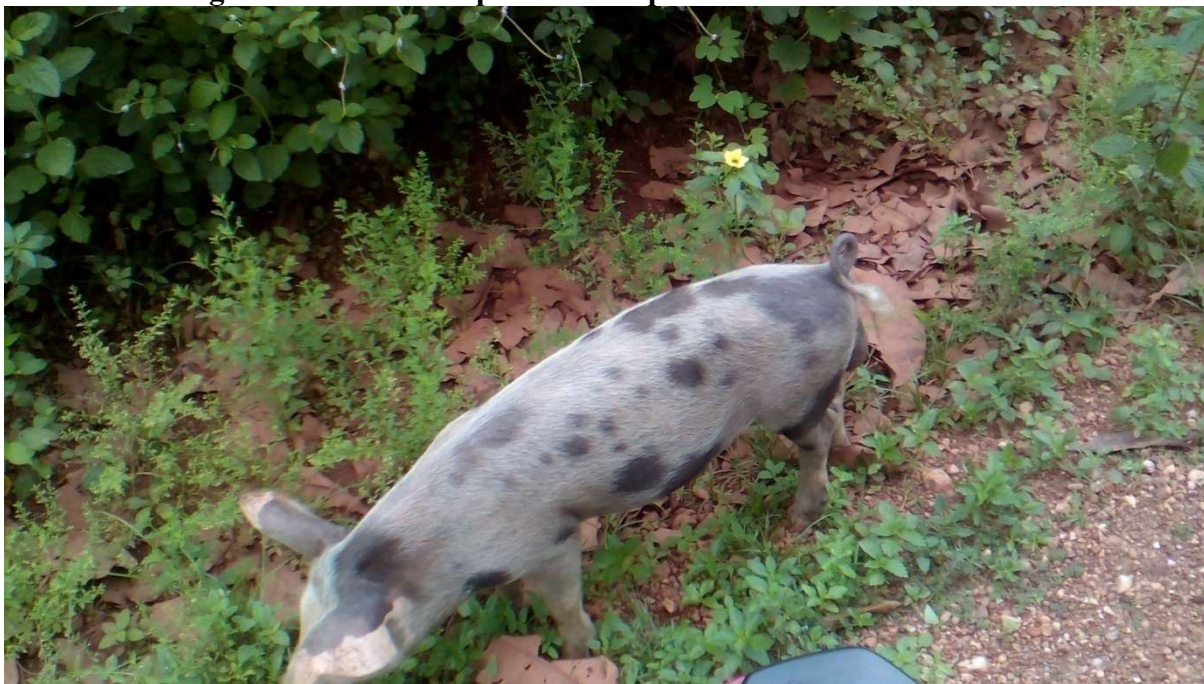
Não era qualquer um, era protegido da Mãe d’água, do Saci, do Curupira, virava lobisomem. Essas e outras alegorias que compõem o conjunto das crenças populares amazônica. Diferente das narrativas de transformação de lobisomem conhecidas de outros lugares, na qual a transformação do ser humano na metamorfose com o lobo. Na Amazônia oriental: “[...] O “labisônio” só se transforma em porco (não existem lobos na região), e é menos poderoso ou temido”. (MAUÉS, 2005, p. 267). Para melhor compreensão desta análise, Lima (2003, PG. 20), chama atenção para:

Entre outras manifestações da cultura popular local, como festas religiosas, rezas, artesanato, as histórias de assombração, lobisomem e mistérios destacam – se não só pelo seu grande volume, mas também, pela exuberância de versões e de recursos retóricos com que são construídas.

Lembrando o que diz de Maués (2005), acerca da adaptação do “lobisônio”, que na região é representado pelo porco⁵⁷, ao chegar às proximidades do Povoado 40 (PA), cruzou a minha frente alguns porcos, ainda de pequeno porte, como que contribuindo com a assertiva do autor, e me chamando a observá-lo, chegou bem próximo de mim de forma bem passiva, grunhiu e saiu tranquilamente com seu grupo. É possível contemplar o fato observando a imagem 12.

⁵⁷ Os porcos são abundantes da região do Araguaia, tanto em pequenos chiqueiros dos quintais como soltos, no segundo caso se aplica a zona rural.

Figura 3: Porco solto próximo ao quintal de seu José da Prata.



Fonte: Maria Leal, 2017

Em outras palavras, as manifestações acima mencionadas, embora não estejam relacionadas às religiões de matriz africana, é parte do conjunto de crenças locais que emergem nas narrativas da população local e que fazem parte desse conjunto representativo do imaginário amazônico. O imaginário local mescla elementos diversos, de regiões diversas, principalmente das regiões Nordeste e Norte, e também recebe influências da pajelança local, e noções e percepções do cotidiano. Dessas experiências surge um panteão de seres, metáforas, práticas religiosas e respostas. O capítulo seguinte tem como ponto de partida a discussão de algumas dessas categorias.

CAPÍTULO 2 - A BUSCA DOS ENCANTADOS NA REGIÃO ARAGUAIA – TOCANTINS

Os encantados são normalmente “invisíveis” aos olhos dos simples mortais; mas podem manifestar-se de formas diversas. A partir dessas formas distintas de manifestação, eles são pensados em três contextos, recebendo, por isso, denominações diferentes (MAUÉS, 2005, p. 265).

2.1 – O Povo de Santo é apontado pela literatura da Guerrilha do Araguaia

As menções ao Povo de Santo aparecem em muito da literatura da guerrilha. Em Portela (1986), foi possível identificar três menções ao **terecô**, ora citado como lugar em que os guerrilheiros tinham a oportunidade de se “misturar” ao povo ora como um espaço que atestava a popularidade guerrilheira e, por último, afirmando a imortalidade de Osvaldão e sua relação com o universo espiritual. Assim segundo Fernando Portela:

[...] Ao mesmo tempo em que preparavam a guerra, eles se misturavam ao povo, cada vez mais cativado, e, por ecletismo ideológico, iam às missas e **terecôs**, (candomblé local), participavam de forrós, sempre mantendo uma postura de monges, pessoas de comportamento moral irrepreensível, tanto os solteiros quanto os casados (PORTELA, 1986, p. 36).

Em Joffily (2008), Nossa (2013), Amorim (2014), Teles (2014) e Studart (2013), são as obras que aponta para os terreiros, principalmente citando Portela (1986), ou ainda fazendo a relação de Osvaldo e os terreiros. O Povo de Santo aparece em boa parte das obras no que muitos chamam “crenças locais”, “manifestações populares”, e não enquanto Povo de Santo. O protagonismo deste é algo recente, pode-se dizer que é inaugurado em Studart (2013), que mesmo tendo feito um excelente diálogo sobre a guerrilha e proximidade com os terreiros, não foi com esse viés que desenvolveu sua pesquisa, claro não se pode deixar de lembrar as contribuições advindas com Sader (1990) e Teles (2014).

A sensibilidade de quem escreve por esse caminho, tem como papel demonstrar os terreiros enquanto espaços específicos de um grupo, O Povo de Santo. Discernindo que embora alguns trabalhassem como camponeses, faziam parte de um grupo, que neste trabalho entendemos como Povo de Santo. Esse grupo se articula, diverge, produzindo assim uma memória específica, a memória do Povo de Santo. E Studart, assim descreve essa relação.

Logo, os paulistas acabaram por descobrir os terreiros terecô. Trata-se de um culto singular da área, mistura dos rituais dos índios carajás com a umbanda levada pelos

migrantes chegados do sul do Maranhão. Em outras palavras, tende a ser uma umbanda com acento para os “caboclos”, entidades que representam espíritos indígenas. Os guerrilheiros logo descobririam que o terecô era um dos principais agregadores sociais das corrutelas da região. E que os sacerdotes, chamados terecozeiros, curandeiros e benzedeiros na origem, muitas vezes cumpriam função similar à dos padres do interior do Nordeste, qual seja, misto de confessor, conselheiro e líder comunitário (STUDART, 2013, p. 287).

Em relação às manifestações religiosas o ponto 17 do programa dos 27 pontos⁵⁸ resguarda o povo de terreiro, veja o trecho extraído de Portela:

17. Respeito a todos os religiosos, não sendo permitido a perseguição de qualquer pessoa por motivos de prática religiosa, inclusive de quem professa a pajelança, o terecô (religião da região), o espiritismo, sempre que esta prática não causa danos ao indivíduo (PORTELA, 1986, p. 193).

O ponto 17 tanto pode ser entendido como uma conciliação entre os ideais da guerrilha (que era de ganhar a adesão da população local e aumentar o contingente de combatentes) e o respeito às crenças locais observados de forma distinta e ainda a percepção da presença negra enquanto representação na guerrilha. Por exemplo, Preto Chaves é citado em boa parte das obras da guerrilha como sendo umbandista. E ainda que havia certa aproximação entre outros guerrilheiros e terreiros. Veja o que diz Studart:

O guerrilheiro que mais se integrou aos terreiros de tererô foi, sem dúvida, Francisco Manoel Chaves. Nascido camponês, afrodescendente, Chaves ingressou na Marinha muito jovem. Em 1935, aderiu à Aliança Nacional Libertadora de Luís Carlos Prestes e, em seguida, filiou-se ao Partido Comunista. Após a derrota da insurreição armada de 1935, foi para o presídio da Ilha Grande, Rio de Janeiro. Lá, conviveu com outro presidiário, Graciliano Ramos (STUDART, 2013, p. 289).

Existe uma concordância entre registros e narrativas que chamam a atenção para essa aproximação através da religiosidade e da fé, existe o há o um vínculo, e nos casos de Osvaldo e Preto Chaves levando a inserção dos dois guerrilheiros na vivência espiritual, que lhes rendeu reconhecimento, respeito e estatuto entre o Povo de Santo, a ponto de passados mais de 40 anos depois serem reconhecidos como pessoas que trabalhavam em terreiros.

No próximo sub-tópico serão discutidas algumas categorias que foram registradas nos depoimentos durante a pesquisa de campo e que são uma maneira de explicar o encantamento de Osvaldo de acordo com os dados levantados e observando a literatura regional e suas interpretações sobre essas categorias.

⁵⁸ Programa dos 27 pontos da União Pelas Liberdades e pelos Direitos do Povo – assim o programa elaborado “nas matas”, durante a Guerrilha do Araguaia.

2.2 - Ele virava onça, entrava no meio da terra, no meio do cipó.

Quando Esmeralda da cidade de Tocantinópolis aceitou me receber impôs a condição de não gravar sua voz ou imagem e nem mesmo assinaria quaisquer documentos, disse que tinha muita satisfação em poder ajudar, mas o faria nessas condições, e neste trabalho a mesma responderá por codinome Esmeralda. Em sua narrativa afirmou que iniciou seus trabalhos aos vinte anos de idade e se apresenta como “cientista de mesa,⁵⁹” disse que ao longo de sua vida seu falecido marido era quem a ajudava, depois do falecimento dele seguiu desenvolvendo o trabalho sozinha. Hoje, porém, não trabalha mais em razão de ter perdido a visão, fato este que a mesma não sabe se ocorreu em razão de causas naturais ou se fora uma punição lhe imposta por ter deixado de “trabalhar”.

No diálogo que tivemos muitas coisas que já era de nosso conhecimento foi reafirmado por Dona Esmeralda, que segundo a mesma morava em Xambioá (TO), quando ocorreu o conflito conhecido por Guerrilha do Araguaia e sua mãe, na época, vivia com um homem chamado por ela de João Grande, e que tinha um filho jovem que era conhecido por Zé Grande o qual mantinha laços de amizade com os guerrilheiros e fornecia a eles ajuda e alimentos.

Logo que descoberto por militares passou a ser seguido e investigado, tendo um dia sido interrogado por militares que queriam saber o paradeiro dos guerrilheiros e essa desconfiança resultara em sua morte. De acordo com Esmeralda, esta foi responsabilidade dos guerrilheiros, especificamente de Dina, que percebendo que seus companheiros não teriam coragem de findar com a vida do jovem, teria se encarregado de matá-lo com um tiro no peito. O que nos chama atenção é o fato de uma história semelhante estar registrada em apêndice na tese de doutoramento de Studart .

João Pereira da Silva – Trata-se de um caso polêmico, à época usado pelos militares para fazer propaganda contra a guerrilha. João (Joãozinho) era filho do camponês José Pereira da Silva, que tinha uma propriedade ao sul de São Geraldo e apoiava o Destacamento C da guerrilha. Até que, em abril de 1972, um grupo de militares chega à área e dá ordens ao Sr. Pereira para leva-los aos “paulistas” que estavam na base guerrilheira de Abóbora. O camponês então envia seu filho Joãozinho, então com 17 anos. A partir de então, os militares passam a ocupar as terras do Sr. Pereira com um grupo avançado. Em 10 Ago 1972, Joãozinho Pereira seria morto, com um tiro no peito. Ele estava em companhia de um adolescente chamado Paulo, que escapou. Foi Paulo que informou à família Pereira que teriam sido os guerrilheiros Rosalindo Cruz (Mundico) e Jaime Petit (Jaime) os autores do disparo que matou Joãozinho, para servir de lição aos demais moradores, explicou. Ele deixou viúva de

⁵⁹ Esmeralda afirmou trabalhar com mesa, mas também frequentava terreiros com tambor.

16 anos, uma filha de dois anos e uma criança recém-nascida. A família Pereira abandonou suas terras. Cada um dos três filhos remanescentes foi morar com um parente em local diferente. O pai José Pereira passou a ser guia do Exército. E a viúva de Joãozinho, Maria Creuza, por sua vez, passou a trabalhar como prostituta. Os militares espalharam na região a história de que o adolescente teria sido esquartejado vivo pelos “terroristas”. A família, contudo, informa que morreu de tiro perto do coração. Fontes: Termo de Declaração de Maria Creuza Rodrigues dos Santos à Comissão de Anistia do MJ, em 25 Abr 2008 (Ref. Proc. Nº 10987); e depoimento conjunto dos irmãos Jota Orlando Pereira da Silva, Jacy Santiago Pereira da Silva, e de Maria Bonfim Pereira de Oliveira (filha de Joãozinho) ao Grupo de Trabalho Araguaia, GTA (STUDART, 2013, p. 261- 262).

Esse episódio registrado em Studart, se aproxima do que foi verificado em Moraes no capítulo 61, em que é registrado tanto com base em fonte documental como em narrativas o “justiçamento” do camponês João Pereira da Silva, na região conhecida por Pau Preto, segundo consta sob a acusação de trabalhar como bate – pau⁶⁰ de polícia. (MORAIS, 2012, p. 263 - 264)

De início quando tive acesso aos referenciais acima citados cheguei a pensar que se tratava do mesmo acontecimento e Esmeralda assim como em Portelli (2016), “estar contaminada pela memória de outro episódio”, muito pelo contrário, as informações por ela prestadas aos poucos vão se encaixando nas demais narrativas do Povo de Santo e ainda reafirmadas como fato verídico, tanto em conversas informais como entrevistas aos poucos vão surgindo componentes que dão sustentação a seus argumentos. Inclusive em Nossa (2013), encontrei o dado de que “João Grande, dono de castanhal e comerciante, um homem que diziam ter vendido os ossos de marfim ainda em vida” (NOSSA, 2013, p.140).

Observando o encadeamento dessa narrativa e analisando parte das entrevistas e cruzando as informações obtidas na viagem pré – campo, é presumível que João Grande, assim como em Velho (2009), oscilava suas atividades entre o garimpo e a extração da castanha, como muitos de seus contemporâneos o fazia. O mesmo João Grande é conhecido por João Garimpeiro⁶¹, assim foi me informado por Eduardo em uma conversa informal que tivemos em uma das minhas viagens à Marabá (PA).

De posse desses dados e observando a articulação das informações tanto nas entrevistas como em conversas junto ao Povo de Santo e ainda os pontos de convergências nas narrativas. É perceptível que existe uma construção da memória da guerrilha entre o Povo de Santo. Como afirma Pollak:

⁶⁰ Bate – paus, assim eram conhecidas as pessoas que serviam como informantes da polícia.

⁶¹ João Garimpeiro foi assim que Eduardo me informou que também era conhecido João Grande.

[...] A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos em tentativas mais ou menos conscientes de definir e reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc. (POLLAK, 1989, p. 7).

Esmeralda, ao que parece, não conhecera a “guerra⁶²” de perto, não participou efetivamente, mas conta com base no que ouviu contar, que seria para Pollak (1992) a “memória quase que herdada”, uma cena imagética construída sobre a guerrilha e os guerrilheiros. Com ela corrobora com a afirmação de características de alguns dos muitos personagens, no caso exalta a valentia de Dina que em meio ao conjunto foi à única a ter a coragem para desferir o tiro mortal jovem supostamente assassinado, deixando ainda o corpo para que a natureza “consumisse”.

Essa parte da memória de Esmeralda nos entrega a imagem do camponês sitiado entre o que chamaríamos de “a cruz e a espada”. A percepção de que mesmo na relação camponês/guerrilheiro existia certa distância, e que isso transparece com a chegada dos militares.

Ainda sobre João Grande foi possível conferir sua presença em Xambioá (TO), no tempo do garimpo de cristal, recebera esse apelido pela sua estatura avantajada que segundo nos foi contado chegava aos 2,20 m de altura e sua lida era no garimpo de cristal desenvolvia atividades de garimpeiro e faisqueiro⁶³. Há ainda relatos de que sua lápide é ornada com uma grande pedra de cristal.

Sobre os poderes de Osvaldo, Esmeralda afirmou que era sim muito poderoso e capaz de se transformar entre outras criações animadas e inanimadas, em onça, e ainda com capacidade de “entrar na terra” ou “entrar em meios aos cipós e desaparecer”. E para sua presença em terreiros, afirma que era preciso chamar o “caboclo da mata⁶⁴”. O local e condições ideais seriam no meio da mata, onde o dono do trabalho⁶⁵, juntamente com os médiuns, deve abrir uma clareia em forma circular e levar velas brancas e coloridas, nas cores encarnada, preta, vermelha e outras cores, e deve ser em um trabalho de tambores. Nesse momento, ela afirma, virá não só Osvaldo, mas toda trinca⁶⁶ de guerrilheiros e o médium

⁶² O termo é muito usado pela população local, para explicar o que para ele foi a destruição de seu mundo.

⁶³ Faisqueiro palavra usada por pessoas da região que deu a entender que se trata de quem trabalha na atividade extrativista em pequena escala.

⁶⁴ Caboclo da Mata – Linha de Oxóssi

⁶⁵ Dono do trabalho – assim chamada à pessoa que procura o pai ou mãe de santo para realizar um trabalho em seu favorecimento.

⁶⁶ A menção feita por Esmeralda da “trica de guerrilheiros”, me deixou por muito tempo pensativa, depois de muito pensar imaginei ser alusão aos agrupamentos A, B e C. Com essa inquietação retornei à casa de

precisa ser forte senão morre. Nesse momento a experiência de morte de quando da incorporação de Osvaldo é a mesma temida pela Diamantina de Brejo Grande (PA), que afirma o risco de morte de quem o incorporar.

Nestas narrativas, tanto a de Esmeralda como a de Diamantina, podemos notar que existe uma explicação para evitar a presença do guerrilheiro nos terreiros, que se define em “medo”, medo de a/o médium não suportar a incorporação e até falecer. José da Prata afirma que é um trabalho em que a/o médium “precisa estar bem protegido pelo anjo da guarda para aguentar”. As convergências e as cisões são típicas da própria diversidade existente entre o grupo, que transparecem nas narrativas. Como em Pollak, afirma:

Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos (POLLAK, 1992, p. 17).

Para Esmeralda este momento de risco é também um momento de grande descoberta, pois é nessa condição que eles dirão tudo o que se sucedera até sua morte. O que mais uma vez nos chama atenção na similaridade de informações é o fato de que, em Brejo Grande, foi o relato de que em uma das sessões no terreiro de Dona Diamantina, uma entidade que incorporou durante os trabalhos indicou aos militares e familiares o local onde estariam os restos mortais de uma mulher abatida durante a guerrilha do Araguaia.

A mata como local específico de sua aparição é condicionada ao fato de ser o local de vivência nos últimos tempos de sua vida. Esmeralda afirma com veemência que em terreiro de “casa”, é impossível sua presença, pois este não é o seu espaço, seriam tentativas infrutíferas. Daí pode - se aferir o que diz Lydia Cabrera, diz sobre os poderes da Mata:

Geradora da vida, “somos filhos da mata porque a vida começou ali; os santos nascem na mata e nossa religião nasce na mata” (grifo original), diz-me meu velho raizeiro Sandoval, descendente de egbados. “Tudo se encontra na mata” (grifo original) – os fundamentos do cosmos – “e tudo tem de se pedir à mata, que tudo nos dá” (grifo original) (nestas explicações e outras semelhantes – “a vida saiu da mata” (grifo original), “somos filhos da mata” (grifo original) etc. -, para eles a mata equivale à terra, segundo um conceito de mãe universal, fonte da vida. “Terra e mata é o mesmo”) (grifo original) (CABRERA, 1954, p. 23).

Nas duas narrativas existe o posicionamento da importância de estar na mata para conseguir aproximação com Osvaldo ou outros combatentes, e é da mata que surgem a

Esmeralda, mas não consegui conversar mais com ela, atendida por filhos ou outras pessoas que hora justificando ser aquele o horário de seu sono, ora que estava de cama aqueles dias.

maioria das representações construídas a seu respeito, seja no formato de onça, barrão, lobisomem, protegido dos espíritos da mata, se transformando em cachorro, virando tronco de árvore, se mesclando aos cipós, entremeando – se na terra, sendo vento dirigido. E todas as demais representações o levam às matas e se formos um pouco mais adiante, ao lançar mão de sua data de nascimento, pelo que fui questionando nos terreiros que visitei, perceberemos que nas religiões de matriz africana há essa aproximação com o povo da mata, Osvaldo nascera em 27 de abril⁶⁷.

2.3 – Se foi ele que falou incorporado que baixava aqui é mintiroso e se foi alguma pessoa que falou é mintiroso.

Em Brejo Grande – PA, o terreiro foi facilmente encontrado e a dirigente Dona Diamantina, contou toda sua experiência traumática com a “guerra”, razão pela qual, atribui todo infortúnio de sua vida e de sua família. Seu falecido esposo foi um dos muitos camponeses, vítimas de torturas e a elas atribui a morte de seu marido anos depois. As torturas sofridas pelo seu esposo lhe ocasionaram problemas de saúde pelo resto de sua vida, o que fez com que ela e os filhos passassem a tomar conta das responsabilidades do lar.

Sobre a vida antes da chegada do exército, disse que juntamente com seu conjugue e filhos moravam em sua propriedade rural na região, que segundo Diamantina, *“no tempo da guerrilha nós tinha muita coisa, nós era rico de ter as coisas pra comer. Feijão, farinha, muita mandioca. A gente fazia farinha de 15 a 20 quarta. Quando eles pegaram meu véio acabou tudo que tinha de comer”*. A riqueza expressa em seu depoimento é medida em abundância⁶⁸ e variedade alimentar que dispunha em sua propriedade, tanto de frutas, legumes e verduras como de criação, caça e pescado. E que tudo isso fora perdido com a chegada das operações militares.

Em sua opinião até mesmo o fato de seus filhos não terem frequentado a escola é resultante do conflito. É taxativa em dizer sentir muita mágoa pela injustiça da qual foram vítimas. Mesmo estando entre as pessoas que receberam a indenização anos mais tarde, afirma que a soma em dinheiro jamais seria reparatória das perdas que teve tanto as materiais, quanto as emocional, psicológica e familiar.

⁶⁷ Os nascidos nessa data, pelo que foi me informado em terreiros tem a possibilidade de estar sob a regência dos orixás Oxóssi, Ogum ou Xangô.

⁶⁸ Faço uso do termo abundância na tentativa de expressar que para Dona Diamantina ter muitos alimentos era para si uma forma de riqueza.

Ave Maria! Ele (marido – grifo da autora) ainda aturou esse tanto, que foi logo assim que passô a guerra eu vim recebê incorporação de guia em 76, a guerra já tinha passado há três ano para trás, embora que nesse tempo da guerra eu já tinha sofrido chorava, caía, sem saber o que eu tinha. Aí por causa dessa guerra dessa doença minha o povo inventô que o Osvaldão tava lá em casa fazeno cura ni mim e pppp, e sem nunca ele tinha ido lá em casa.

Perguntada sobre Osvaldão, esta relaciona a prisão de seu marido ao fato de este ter negociado duas vezes com o guerrilheiro, uma negociação de farinha⁶⁹. Essa negociação fora responsável por uma fofoca⁷⁰ que segundo a sua interpretação culminou em toda tragédia⁷¹ que se abatera sobre sua família. Na sua versão, quando era jovem ela adoeceu e algumas pessoas diziam que Osvaldão estava tratando da mesma. Fato a que ela conceitua como “fofoca, mentira”. E quando falei sobre a possibilidade de Osvaldão baixar⁷² em seu terreiro, foi taxativa.

Se foi ele que falou incorporado em alguma pessoa que baxava aqui ele é mintiroso, se foi alguma pessoa que falou é mintiroso que num acuntece essas coisa. Os orixá daqui é Caboca Jacira que é a chefe, é os cabocos da mata, os cablocos – povo de Iemanjá, que desce aqui é só linha branca, eu num trabalho nem com Exú. Eu firmo com Exú, sigura minhas pontas lá fora... aqui ele não incruza aqui dento com os médio. Não trabaio na linhage de Exú, não trabaio com linha preta, num trabaio com linha negra, num trabaio cum despacho de galinha preta, de coisa, nam, trabaio não, tem até medo disso, meus trabaio só é de linha branca. O único isprito da magia negra que eu gosto dele é o Tranca Rua, assim memo o Tranca Rua dá aza, que ele trabaia na linha branca. São dois Tranca Rua, o Tranca Rua da Meia – Noite e o Tranca Rua das Almas de quem trabaia na linha branca. (Entrevista Oral, concedida em 23/07/2017).

Em sua fala nega a presença do espírito de Osvaldo em seu terreiro, afirmando se tratar de uma informação inverídica e que lá não baixa nenhum espírito da linha preta, linha negra ou linhagem de Exú, afirmando inclusive ter “medo disso”. Afirma que o único espírito que ela chama da “magia negra” e que ela gosta é o Tranca Rua, mesmo sabendo que ele dá azar. Em Studart (2013), sobre a incorporação de Osvaldo é descrito.

⁶⁹ Segundo Diamantina ela e o esposo antes da “guerra”, entre as demais lidas faziam farinha de mandioca para vender, e em duas ocasiões Osvaldão teria ido a sua casa comprar farinha.

⁷⁰ A fofoca segundo Diamantina teria se iniciado quando esta apresentou os primeiros sinais da mediunidade e as pessoas diziam que Osvaldo frequentava sua casa com intuito de trata-la.

⁷¹ Usa a palavra tragédia para definir a prisão, tortura e consequentemente as doenças de seu esposo e as percas materiais advindas com a guerrilha, em que não só sua família, mas boa parte dos camponeses viram se obrigados a saírem de suas casas.

⁷² Baixar é o termo usado nos terreiros para justificar o uso do corpo do médium pela entidade ou espírito durante a incorporação.

O lobisomem Osvaldão, por sua vez, também permanece vivo, só que em espírito, a aparecer com toda força e esplendor, em noites de lua-cheia, nos terreiros de terecô. Incorpora quando se invoca os exus, uiva e estrebucha, mas logo se acalma caso alguma pomba-gira venha a lhe insinuar, em dança de roda, que os dois podem vir a ter um momento de tricô. Osvaldão dá conselhos. Prefere os jovens rebeldes. Fala alto, gargalha, canta, roda e pula. Se contrariado, transforma-se em besta-fera, urra, vocifera. Só baixa a cabeça diante da Cabocla Jurema. Vai embora quando silencia a cantoria. Antes, lança olhar melancólico em direção à lua. Então uiva, em som muito alto, longo e distante, a anunciar que em breve retornará ao Araguaia, em nova campanha pela revolução (STUDART, 2013, p. 330 – 331).

A narrativa e a literatura acima, por caminhos distintos, convergem para a definição de uma suposta linhagem a que seu espírito se pertenceria – cabe ressaltar que a produção de Studart (2013), também foi produzida ouvindo pessoas pertencentes ao grupo Povo de Santo e a população local. Assim, notamos em Studart (2013), a presença de Osvaldo nos terreiros da região e de conversa em conversa outros terreiros também já foram mencionados como o de São Domingos⁷³ e até mesmo em Belém⁷⁴, em que Osvaldo incorporaria e/ou trabalharia.

Diamantina desconhece as transformações de Osvaldo e diz que ele foi morto e não se encantou. Entretanto algumas informações no depoimento nos levaram a perceberem que mesmo Osvaldão não baixando no terreiro de Diamantina, este não deixou de impactar sua vida e suas memórias, mesmo como afirma a depoente não ter proximidade com Osvaldo sua vida foi totalmente transformada em razão de “boatos”, “calúnias”, “denúncias” infundadas que ao que tudo indica se relacionavam com os primeiros sinais de sua mediunidade. Mas informa que: *“Quando eu morava na OP3, um véio disse para mim. Óia Diamantina, esse povo que mataro aí, os guerrilheiro. Eles vão fazê corrente. Seja daqui 7, 17 ou 27 ano eles vão fazê corrente”* (Entrevista Oral, concedida em 05/10/2018).

O que conseguimos observar no terreiro de Brejo Grande, quando da incorporação de entidades que rememoram seus feitos em vidas passadas, narrando passagens e acontecimentos dos quais participará. Das muitas entidades que passam pelo terreiro que têm como liderança espiritual a Cabocla Jacira, temos “o Povo de Iemanjá⁷⁵”, “o Povo de Oxóssi⁷⁶”, “o Povo de Ogum⁷⁷”. Ainda outras entidades como “João de Orodino”, “Cruzeiro de Mina” e “Maria Moura”, sendo que esta última muito chamou a atenção e quando

⁷³ O terreiro de São Domingos foi citado por Dona Rubi, que segundo a mesma já foi até uma sessão averiguar se realmente se trata de Osvaldo, sendo que a mesma afirma que não se trata de Osvaldão que se fosse ela reconheceria na hora.

⁷⁴ Belém foi mencionado por um morador de Tocantinópolis que afirma ter conhecido Osvaldo desde criança, que sua avó tinha um hotel em Marabá em que geralmente hospedava os guerrilheiros quando estes estavam de passagem por aquela cidade, sendo este frequentador de terreiro, disse já ter visto Osvaldo baixar em Belém, em um terreiro que pude constatar ainda hoje está em funcionamento.

⁷⁵ Povo de Iemanjá – são as entidades da linha de Iemanjá.

⁷⁶ Povo de Oxóssi – são as entidades da linha de Oxóssi.

⁷⁷ Povo de Ogum – são as entidades da linha de Ogum.

perguntado sobre quem era em vida, foi respondido se tratar de uma guerreira que viveu há muito tempo atrás, segundo a chefe do terreiro provavelmente no tempo de Joana D'arc.²

O terreiro ainda conta com um calendário de festejos anuais, embora existam comemorações a outros tantos santos e tantas santas, por exemplo, a de São Raimundo Nonato, as festas que Diamantina considera maiores são, festejo de São Sebastião, de São João Batista e de Nossa Senhora Imaculada Conceição, nessas três datas serve-se muita comida aos convidados e toca tambor até o dia amanhecer, o que não se aplica as demais datas em que se reza o terço e às vezes toca-se o tambor até às 18:00 horas.

Tabela 2: Festas do terreiro de Brejo Grande (PA).
Festividades do Terreiro de Brejo Grande do Araguaia (PA)

Comemorações	Dias
São Sebastião	20 de janeiro
São João Batista	24 de junho
São Raimundo Nonato	31 de agosto
Nossa Senhora Imaculada Conceição	8 de dezembro

Fonte: Maria Leal, 2018

No ano de 2018 foi iniciado um novo festejo no calendário do terreiro de Brejo Grande do Araguaia (PA), o festejo de São Francisco de Assis. Ele foi festejado em 04 de outubro de 2018, isso por causa de que nesse ano a dirigente do terreiro ter adquirido uma imagem do Santo. Acompanhei de perto o festejo, que terminou com a realização de um passe em um dos membros do terreiro. A dirigente me informou que em razão desse membro frequentar um outro terreiro da região e ser esse terreiro carregado por coisas negativas, acabaram “jogando uma mãozinha nele”.

Sobre as festividades do terreiro ainda foi realizado no mês de outubro de 2018 as festividades natalinas da dirigente dona Diamantina, que teve uma programação de três dias consecutivos, dias 19, 20 e 21. Na ocasião, foi festejado seus 82 anos idade. Diamantina tem como objetivo ultrapassar os 100 anos.

A figura 13 é a representação de um dos momentos que pude participar e registrar durante o Festejo de Nossa Senhora da Conceição, no dia 8 de dezembro de 2017. Na imagem é possível identificar as pessoas baiando em torno da guna.

Figura 13: Festa de Nossa Senhora Imaculada Conceição – Terreiro de Brejo Grande – Pará.



Fonte: Maria Leal

O festejo de Nossa Senhora Imaculada Conceição, retratado na figura 13, teve início após o almoço e findou somente ao amanhecer. Pessoas da cidade e locais vizinhos, dirigentes de terreiros, médiuns de toda região participam desse momento. Vieram de cidades como Augustinópolis (TO), São Domingos do Araguaia (PA), São João do Araguaia (PA), Marabá (PA) e outras localidades próximas. Cabocla Jacira, chefe da casa, não permite que em seu terreiro se faça uso de cigarros ou bebidas, essa medida restritiva é obedecida pelos seus médiuns e dirigentes ou médiuns que venham de outros terreiros baiar em seus trabalhos.

2.4 - Sim, ele transformava em barrão, pedaço de madeira, qualquer coisa que ele quisesse...

Alguns quilômetros depois da cidade de São Domingos do Araguaia - Pará, está o Povoado 40. Nesta região mora o senhor nominado José da Prata. Morador da região desde muito jovem, vivenciou muitos dos acontecimentos marcantes, inclusive a guerrilha. É tido

como referência local como pessoa de muito conhecimento, realiza tanto trabalhos espirituais como tratamentos com plantas naturais.

Desde o primeiro contato José da Prata, narrou uma parte de sua vida, inclusive do tempo de sua adolescência, período em quase foi para o seminário. Segundo ele, com o passar do tempo e de posse do conhecimento que tinha, na época era considerado muito. Havia cursado até o 5º ano, na época considerado um bom nível de instrução, o que lhe propiciou tornar-se professor em uma escola rural primária. Com isso dividia o tempo de trabalho na educação e na juquirá⁷⁸. Embora sendo referência entre o Povo de Santo da região, seu José da Prata não possui salão. Próximo de sua residência existe apenas um pequeno cômodo cercado de tábuas, e é neste espaço que reserva tempo para seus estudos e seus trabalhos.

Sobre os guerrilheiros afirmou ter conhecido alguns, inclusive Dina. Descreveu as características comuns que encontramos nas narrativas da região. Segundo ele, era como parteira, professora, usava calça “ustop”⁷⁹ e cabelos na altura dos ombros, fala de sua valentia e força, chegando a afirmar que esta teria mais força que Osvaldão. A figura 14, traz a imagem da guerrilheira Dina

Figura 4: Guerrilheira Dina.



Fonte: Conape⁸⁰ Notícias.

⁷⁸ Juquirá - assim é conhecido na região o trabalho braçal, pesado, nas lavouras e outras lidas do campo.

⁷⁹ Ustop – referência ao uso de calça jeans, que não se usava naquele tempo pelas mulheres do Araguaia.

⁸⁰ Conape – Associação Nacional dos Anistiados da Petrobrás.

Senhor José da Prata descreve entre outras coisas as transformações de Osvaldo. Cita episódios em que os militares teriam encontrado com o guerrilheiro em muitas de suas transformações, pois “sim, ele transformava em barrão⁸¹, pedaço de madeira, qualquer coisa que ele quisesse [...]”, e desta forma driblava seus perseguidores. Essas transformações não eram dom exclusivo de Osvaldo, surge em suas narrativas outro personagem que também se transformou em sapo e conseguiu escapar dos militares em um episódio “fantástico e maravilhoso”, trata-se de Piancó. Assim aconteceu o fato:

O soldado disse: Dá aí o seu sinal, o seu ponto. Aí ele disse: então vira as costas. Aí os soldados viro. Aí ele falou: pronto. Quando o soldado virô tava lá um sapão. Aí o soldado falou: cadê o nego véi? Um disse: desapareceu. Aí o outro disse: ôh um sapão aí. Ele armou o parafal⁸². O comandante disse: num atira não que é o nego véi. Aí ele foi embora (Entrevista Oral, concedida em 01/09/2017).

E assim nessa rica e detalhada narrativa sobre momentos de tensão e conflito seu José vai colocando entre outras informações as que já eram de conhecimento da pesquisadora e acrescenta outras, explicando que os militares foram atrás dos umbandistas para ajudarem na empreitada de pegar Osvaldo. O acontecimento que teve Piancó como personagem ilustra o cerco ao Povo de Santo por parte dos militares, pode-se verificar isso quando o militar pede a Piancó, seu sinal ou seu ponto⁸³. Todavia, percebendo que os umbandistas, como afirma seu José, não iriam ajudar na caçada, passaram a “ameaçar para dar conta do Osvaldão”.

José da Prata não se lembra sobre o fato de Osvaldo ter tido o corpo fechado na região, frisa inclusive desconhecer tal informação. Pontua que, como Osvaldo era mineiro, possivelmente já tenha tido essa “preparação” por lá. Sobre a hipótese de estar encantado, afirma que não há essa possibilidade, em sua versão Osvaldo foi morto e narra com riqueza de detalhes a morte do militante, com detalhes bem próximos da maioria dos relatos. E assim relata a cena:

Quem matou o Osvaldão foi o finado Arlindo Piauí, certo? Quem preparô a munição pra mata o Osvaldão foi o finado véi pai dele, mais a véia mãe dele, do finado Arlindo. Aí o véi Piauí disse pra ele que ele fosse lá pra aquele setor da Bacaba, pro Brejo Grande, ali para de trais ali daquele lado sul, que tal hora ele topava com o Osvaldão. Aí ele chamô o policiamento e foi. Lá em um certo lugá ele dexô a puliça, o exército. Aí ele disse pra eles: se ocêis ouvirem o tiro é no home

⁸¹ Barrão, um porco grande e provavelmente não castrado.

⁸² ParaFal - fuzil

⁸³ Pontos nos terreiros são cantados com acompanhamento de palmas ou instrumentos como tambor, triângulo, marimbas, etc. e antecedem a chegada das entidades, fazendo referências a essas entidades.

que só descarrega a espingarda no home. Aí o véi Piauí disse pra ele que tinha uma bacaba caída. Eu ainda arcansei gente sabida aqui viu menina? E ele ia passá lá na frente das palha da bacaba. O tempo de inverno tinha derrubado a bacaba. Aí ele chego subiu em cima da astia da bacaba, ficou por ali assim em pé, devagarinho. Aí ele assunto assim rasga o mato, assim do lado duma moita de banana braba. Aí ele escutô assim o mato chiá. Aí vem vindo, vem vindo, o Osvaldão foi saindo assim, fico assim queto, suntandô. Porque o Osvaldão era um home muito experiente, muito sabido. Aí ele foi e detonô a espingarda dele, aí ele caiu, aí a puliça veio e pegô ele. Agora num sei aonde o Curió mando interra ele. Eu vi fla que eles tinha sepultado ele em São Domingos, agora essa história eu não vô falá ela verídica, eu vi fala (Entrevista Oral, concedida em, 01/09/2017).

Descrito como “mateiro”, “bate-pau” e como coloca Joffily (2008), “há quase unanimidade sobre o autor da morte”. Com algumas variações de local e data, narradoras e narradores, autoras e autores contam que Arlindo Piauí foi o atirador que acertou Osvaldão. Citando Studart (2013):

Osvaldão só seria abatido quando atingido por duas balas-de-prata – de acordo com narrativas orais de camponeses a esta pesquisa – enfeitadas pelo mesmo terecozeiro, Chico Piauí, e disparadas por seu filho Arlindo, que trocara de lado, abandonara os guerrilheiros para se tornar guia do Exército. Na primeira bala que lhe atingiu o peito, Osvaldão abriu os braços e urrou. Seu grito foi escutado a quilômetros de distância. Na segunda, saltou a mais de metro de altura. Assim que caiu no chão, o demônio que o habitava pulou para o corpo do Arlindo Piauí. O mateiro babava e se contorcia. Teria logo depois morrido de epilepsia. Sua morte significou, para o imaginário dos moradores da região, o fim definitivo da Guerrilha do Araguaia (STUDART, 2013, p. 329 e 330).

Studart (2013) entende que a morte de Arlindo Piauí encerra a guerrilha ao passo que afirma “Dina e Osvaldão, invocam o imaginário social sobre a relevância desses símbolos na reconstrução das memórias dos guerrilheiros.” Percebemos em Osvaldão o símbolo das memórias da guerrilha entre o Povo de Santo, pois ao mobilizarem e aproximarem sua imagem constrói nesse conjunto uma memória própria de seu grupo e os depoimentos colhidos tanto registrados em áudio como em anotações vão confirmando um após o outro que Osvaldo não só eram frequentador como também já trabalhava⁸⁴ em terreiros.

Ainda sobre a citação acima, Studart (2013), faz uso da terminologia **demônio**, ao falar da suposta crise convulsiva que acometera Arlindo Piauí logo após matar Osvaldo. Embora eu também tenha encontrado durante as pesquisas de campo, a narrativa que aproxima o personagem ao Demônio ou Diabo. Chamo a atenção para a necessidade de Studart enquanto pesquisador, que produziu sua tese em História Cultural, ao fazer uso da

⁸⁴ Segundo entrevista oral, Osvaldo juntamente com Piancó que desenvolvia trabalhos em terreiros da região, porém não ficou especificado como eram esses trabalhos e qual atuação e papel de Osvaldo em terreiros. Se era dirigente, médium ou outra ‘função’.

terminologia demônio, poderia não só ter explorado um pouco mais sobre o uso dessa terminologia, como também ter aprofundado mais na terminologia adequada.

Nas entrelinhas da narrativa do entrevistado, este foi tecendo história de sua vida e das pessoas que habitavam a região. Foi contando as dificuldades enfrentadas diariamente na luta pela sobrevivência, bem como a exploração da mão de obra na região, em situação de trabalho escravo ou bem próximas disso. A luta pela posse de terras, a grilagem e as desigualdades sociais permeiam suas narrativas num misto de conhecimento político, histórico, empírico e mítico. Reforça a todo o momento as situações de extrema violência e humilhação da qual foram vítimas. Lembra com pesar as barbaridades presenciadas e que ficaram sem punição.

Contudo, sobre Osvaldão baixar nos terreiros da região afirma que o mesmo nunca havia presenciado ou tivesse conhecimento de tal fato. Todavia, sem pestanejar, disse que a possibilidade existia, mas precisaria invocar sua presença, segundo seu José o “serviço que não faz”, pelo fato de gostar mais de tratar das enfermidades com suas plantas medicinais, mas que alguém que já tenha um pouco mais de estudo na área pode fazer esse “serviço⁸⁵”, porém não é de seu conhecimento na região alguém que tenha condições de realizar tal empreitada. Sobre o assunto, segue uma parte do diálogo:

-Seu José me disseram em outra entrevista que se por ventura Osvaldo descer em alguém, em razão do tamanho do seu corpo, a pessoa que o receber corre o risco até de morrer.

Sem pestanejar ele assinala:

-Dona, a pessoa que for fazer um serviço desse não pode ser qualquer um, têm que ser bem preparada, têm que estar com o anjo de guarda do lado (entrevista concedida em 02/09/2017).

Seu José da Prata fez alguns apontamentos sobre pessoas que possivelmente teriam dados ou informações sobre onde e como encontrar Osvaldão em terreiros. Das referências de terreiros fornecidas dois estão localizados na região de Marabá (PA), Palestina (PA) e um na cidade de Imperatriz (MA). Bem ao modo como Pollak (1989), indica o “controle da memória”, a “seleção” e a “escolha das testemunhas” a serem acessadas pelo pesquisador ou pesquisadora, o que remete a percepção da tessitura e construção da narrativa memorialística do grupo.

Das informações acima obtidas com senhor José, consegui estabelecer a relação com alguns apontamentos que corrobora com a narrativa sobre a morte de Osvaldão: uma bala

⁸⁵ Serviço aqui pode ser entendido como trabalho, ritual realizado pelo Povo de Santo.

(preparada), o local (grotas/água)⁸⁶, e o ataque epilético⁸⁷ que acometera Piauí após tirá-lo a vida. Ao confrontar dados encontrados em Studart (2013)⁸⁸, e a narrativa encontrada em campo, fica entendido que a mesma pessoa que fechou seu corpo preparou o tiro que tirou-lhe a vida, previu o local e à hora em que após atravessar a água Osvaldo se enfraquecia, na sua fraqueza seria vulnerável, não seria as tranças de Sansão, nem o calcanhar de Aquiles, mas a quebra de um encanto.

Estradas, escolas, “benfeitoria para o povo”, essas são algumas palavras que segundo José da Prata a população local conquistou através da guerrilha. E que muitas pessoas perderam a vida, mas o legado da guerrilha foi de ter chamado atenção das autoridades para o local.

Cabe ressaltar que há grande facilidade em encontrar os terreiros no estado Pará, são pessoas conhecidas, renomadas por seus serviços e indicadas com facilidade. No caso do estado do Tocantins aparentemente há uma inversão, quando se indaga sobre terreiros é como se não existissem, existe uma maior dificuldade em localizá-los, assim como aponta Venâncio (2013), em relação aos terreiros de Araguaína.

Sobre as religiões afro-brasileiras, por parte da população araguainense, pareceu nos haver certa negação e silenciamento sobre a presença das denominações religiosas pertencentes a tal matriz. A frase que titula este capítulo foi proferida por um aluno da Universidade Federal do Tocantins na disciplina História da África do curso de História, campus de Araguaína, em resposta a esta pergunta do professor: “Onde tem algum terreiro na cidade?”. Essa resposta negativa não foi um caso em particular; outras semelhantes foram ouvidas por nós dezenas de vezes ao abordarmos as pessoas nas ruas com tal questionamento quando tentávamos fazer o levantamento dos terreiros presentes na cidade (VENÂNCIO, 2013, p. 32).

E assim foi possível constatar ao longo da pesquisa a recusa por parte de algumas pessoas em apontar terreiros e dirigentes, contradizendo o que presenciei nos trabalhos e festividades nos terreiros que adentrei. Não só há o conhecimento da população sobre esses espaços como também existe uma demanda significativa pelos serviços do Povo de Santo por parte das pessoas da comunidade que cercam os terreiros. Pessoas que levam seus problemas ou demandas para serem resolvidos em trabalhos, mesas, respostas⁸⁹, e outras mais.

⁸⁶ Dentro da perspectiva dos poderes de Osvaldão o mesmo não poderia atravessar a água, pois ao atravessar a água, nesse caso a grotas, ficaria vulnerável.

⁸⁷ Alguns relatos apontam que após ter atirado em Osvaldo, Arlindo Piauí teria sofrido um ataque epilético que deu margem a outras interpretações.

⁸⁸ Studart também em nota de rodapé relata que teria sido Chico Piauí quem teria feito o trabalho para fechar o corpo de Osvaldo, assinalando essa informação a partir das narrativas que registrou em campo.

⁸⁹ Respostas – mesmo que responder, já editado em nota anterior, na página 60.

Entretanto nem tudo que “reluz é ouro”, nem todas as narrativas convergem em todos os pontos, dentro do mesmo grupo existe narrativas que destoam parcialmente ou por completo, assim poderemos vislumbrar nas próximas páginas a contra-argumentação de uma depoente e sua visão sobre Osvaldão.

2.5 - O home era o diabo, ninguém achava ele não!

Era um sábado quando consegui chegar à casa de dona Rubi na cidade de Marabá (PA). Lavando a louça e reclamando por quase ter perdido a visão há alguns dias atrás, cedeu um espaço de seu tempo para contar do tempo da guerrilha, teceu muitos comentários sobre a dor e o sofrimento dos anos em que houve os combates. Ela reporta que na época vivia em São Domingos (PA) e a casa de sua mãe era local onde os militares se instalaram na época da Guerrilha. Rubi questiona: “*sabe onde eles ficava? O exército? Na casa da minha mãe. Eles dormiam com a arma do lado [...]. Eu fiz foi vê. A Dina, cortaro o pescoço dela. É sofrimento demais minha irmã*”. (Entrevista oral, concedida em 19/09/2017)

De palavra em palavra e confabulando sobre o tempo da “guerra”, como quem costura uma colcha de retalhos a partir de reminiscências do passado, vão sendo reconstruídas cenas, imagens e ressurgindo histórias e feitos de um tempo adormecido, mas não esquecido. E quando menciono sobre a morte de Osvaldão e a participação do Povo de Santo, Dona Rubi atesta a veracidade da informação, me confidenciando entre outras coisas que:

Foi preparada em terreiro de umbanda. Terreiro do finado Piancó. Eles andaram nesse terreiro tudinho, só Piancó aceitou, Piancó era bruxo, bruxo, bruxo. Piancó era o Satanás. Ele deu conta dele. Quando ele deu conta dele, ele disse agora posso morrer em paz (Entrevista oral, concedida em 19/09/2017).

Aqui não se atribui esse ato a Chico Piauí, como registrado em notas de rodapé por Studart (2013), e também na narrativa de José da Prata. Apesar disso, também confirma as transformações de Osvaldo. Justificando que:

É verdade. Ele tinha uma oração, a oração da Cabra Preta. Diz que ele tinha o livro de São Cipriano, aquele da Capa de Aço, da Capa Preta. O home mais valente que tinha naquele São Domingos era aquele Osvaldão. Osvaldão era imoral demais, pra ele ficá com uma mulher ela tinha que ajoelha nos pé dele. Aquele home não era gente, ele era um demônio. Ele era um demônio minha irmã. Disso eu tenho certeza (Entrevista oral, concedida em 19/09/2017).

Neste depoimento notamos uma ruptura e uma visão que foge das narrativas que são mais conhecidas e também registradas. Embora haja a confirmação e concordância das transformações, o posicionamento relativo à figura de Osvaldo é definido por palavras como, “demônio”, “não era gente”, “imoral”. Perguntas surgem nesse instante. Estaria Rubi quebrando a zona dos “silêncios” e dos “não-ditos”? Rompendo com “alusões” e “metáforas”, como o “uivo”, uma característica atribuída a Osvaldo? Ou essa memória como em Portelli (2006) estaria sendo “dividida”⁹⁰?

Acrescentou que foi testemunha ocular da morte de Dina e também lançando seu ponto de vista sobre a guerrilheira, afirma: *“A muié era o diabo, minha irmã. Era terrível, era outra cobra venenosa. Morreu, tiraro o pescoço. O carro que trouxeram ela da Serra das Andorinha parou bem em frente da casa da minha mãe.”* (Entrevista oral, concedida em 19/09/2017).

Demônio ou Diabo são representações atribuídas tanto a Dina quanto a Osvaldão, essas “alegorias ou metáforas”, além de trazer uma contraposição às narrativas registradas que comprazem com adjetivos de bondade, sabedoria, solidariedade, inteligência e outros mais, além de mostrar outra face da compreensão e relação da comunidade com os guerrilheiros. Contudo, mais uma vez as perguntas surgem, pelo fato de haver uma quebra⁹¹ da descrição que colhemos em outras narrativas sobre Dina. De da parteira e professora se torna “diabo” e “terrível”. Indagações e suposições surgem até pelo fato de entendermos que mesmo a “memória sendo uma construção coletiva” como em Halbwachs (2003), e que “cada memória é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes” (HALBAWACHS, 2003, p. 69).

Em relação a sua ambientação⁹² no período dos combates, a própria depoente afirmou sua relação com os militares que acamparam na casa de sua família durante o período da guerrilha. É possível que essa convivência, tenha contribuído com seu partidarismo mediante os personagens, de um lado estavam os militares em sua convivência diária e do outro os

⁹⁰ Memória dividida em Portelli (2006), refere-se a memória que passa a responsabilizar a Resistência pela retaliação alemã a Civitella. Para melhor compreensão ver Portelli em o Massacre de Civitella Val di Chiiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luta e senso comum.

⁹² Uso o conceito ambientação referindo aos seus convivas da época, que como refere a depoente os militares faziam de sua casa uma espécie de ponto de apoio.

⁹² Uso a palavra contribuído, lembrando que cada indivíduo mesmo que em se tratando da memória coletiva suas experiências e percepções individuais sobre o fato experimentado. E por mais que haja cisões ou rupturas, existem em sua maioria pontos confluentes que entramam as narrativas para construção de uma memória coletiva.

guerrilheiros e suas muitas histórias. Todavia, a demonização pode ser também um símbolo de resistência, o diabo ou demônio como concebemos segundo os moldes da cristandade é o que se revolta, rompe com Deus ao tentar se igualar – se a ele⁹³. E ainda de acordo com a Bíblia, promove uma “guerra no céu⁹⁴”, sendo o primeiro guerrilheiro⁹⁵ da história da cristandade.

Osvaldão segundo a narradora trabalhava em terreiros na região do Araguaia e nos terreiros de Piancó e Geraldão⁹⁶. Essa informação é mais uma das que são mais uma vez afirmada entre o Povo de Santo. E assim, me ratificou Rubi. *“O Osvaldão ajudava nos trabalhos, já trabalhava já. Mais ele só trabalhava na “linha escura”, do Exú. Ele trabaiô em três salão, não dois salão. Eu sabia que onde ele ia muito era no Geraldão que era marido da Coló. E lá no Piancó”* (Entrevista oral, concedida em 19/09/2017).

A aproximação entre Piancó, o suposto “umbandista”, que teria preparado a munição para matar Osvaldo aparece em sua narrativa e vem acompanhada do informe de que, *“Piancó era pobre lascado na vida. Foi ele (Osvaldão), que deu a mão para ele. Eu sei tudinho, minha irmã. Foi quem deu a mão para ele lá no São Domingos, não era nem no São Domingos era no Açaizal”* (Entrevista oral, concedida em 19/09/2017). Esse “dar a mão” e “ajudar” é usado para explicar que, como afirma Rubi, Osvaldo e Piancó tinha parceria nos trabalhos de terreiro. Sobre a presença do guerrilheiro em terreiros é possível verificar alusões em Studart (2013) e Teles (2014).

Éramos convidados para todas as festas. [...] Sei que o Osvaldão frequentava os terreiros de terecô, mas lá (na área do Destacamento A) não tivemos muito contato com esses rituais. Tínhamos, contudo, uma boa relação com os terecozeiros. Lembro-me que comentava-se muito que o espírito de Camões baixava frequentemente nos terreiros (TELES, 2014, p. 269).

Sempre lembrando o tempo de sofrimento em que viveu durante a guerrilha, dona Rubi vai contando e recontando suas memórias, e assim como outras dirigentes e outros dirigentes entrevistados, antes da guerrilha trabalhavam no campo desenvolvendo atividades comuns na região trabalhando em fazendas, nas suas pequenas propriedades ou atividade semelhante. Uma vida que não destoava da que levava a maioria das pessoas que ali viviam. Embora já existindo terreiros na região, é possível perceber que alguns e algumas, entrevistados ou entrevistadas, só viriam a desenvolver-se enquanto médiuns durante ou

⁹³ Gn: 3: 1 – 16; Is 14: 12 – 14; Ez 28: 12 – 19; Mt 4: 1 – 11.

⁹⁴ AP. 4: 1 - 11

⁹⁵ Contribuição feita em Banca de Qualificação pelo Professor Jerônimo Silva.

⁹⁶ Sobre Geraldão o que se sabe é que era dirigente de terreiro na região na época da guerrilha.

depois do conflito. Diamantina afirma que mesmo sofrendo com os sinais da mediunidade só veio receber incorporação em 1976.

Sobre isto foi feita uma importante observação por parte de Eduardo, que também experienciou ainda quando era adolescente a guerrilha e seu desenrolar. Foi assim que descreveu sobre o Povo de Santo da região, “esse povo aí sofreu demais, foi muito torturado. A maioria deles não mexia com essas coisas não. Eles aprenderam isso daí para se defender”.

2.6– Observações preliminares

As produções sobre a Guerrilha do Araguaia ao que tudo indica influenciou ou foi influenciada pela narrativa sobre o encantamento de Osvaldão. Desde seus primórdios, os pesquisadores e pesquisadoras que têm passado pelo Araguaia, por mais diferentes que sejam seus objetos de pesquisa, dificilmente ficam alheios a forma como Osvaldão é representado pelos depoentes e informantes. Das obras sobre a guerrilha do Araguaia verificadas, como Portela (1986), Moura (1979), Ibiapina (2003), Nossa (2012), Moraes (2012), Medeiros, (2013), Studart (2006), Sudart (2013), e outras. Poucas dessas obras se abstêm de registrar os poderes de encantamento de Osvaldo.

Os muitos pesquisadores e pesquisadoras que entram na seara das memórias sobre a guerrilha obviamente coletam os dados, transportam esses e os interpretam de forma a desconsiderar alguns dos muitos aspectos da cosmogonia amazônica⁹⁷. Com exceção de Teles (2014), que produziu um excelente texto sobre o imaginário camponês, ao que tudo indica é que os demais autores e autoras que tem embrenhado nesse campo, aparentam não estarem considerando os autores regionais e suas produções. Teles (2014) faz referência a Ferretti (2001), e a obra *Encantaria de Barba Soeira: Codó, capital da magia negra?* Nos demais referenciais das produções a que foram acessadas até o momento não foi possível visualizar a presença da literatura regional como referência para o entendimento das categorias locais.

Embora rica em informações na literatura especializada algumas categorias estão muito confusas, como se tudo fosse a mesma coisa, não está sendo discernido o que são: crenças populares, religiões de matriz africana e as “lendas locais”⁹⁸. Um exemplo está nas categorias “fado” e “encantamento” que abordadas por Maués (2005), nos remetem a

⁹⁷ Cosmogonia amazônica: há um vasto e rico conjunto de alegorias e representações com origens em sua maioria no Nordeste brasileiro e foram transpostos juntamente com os migrantes e que precisa ser descortinado para poder compreender as categorias que são apresentadas aos pesquisadores.

⁹⁸ Na dificuldade de encontrar um conceito que abranja as categorias locais e as crenças da população do Araguaia fiz uso do conceito de lendas locais.

percepção de que há duas categorias distintas, embora as vezes se confundam. Categorizar as tradições e ritos das religiões de matriz africana em “lendas” e “folclore” das religiões de “matriz africana” é no mínimo um erro. Maués (2005) distingue o que são encantados e fadistas.

Encantados assim são definidos:

Os encantados, ao contrário dos santos, são seres humanos que não morreram, mas se “encantaram”. Essa crença tem certamente origem européia, estando ligada às concepções de príncipes ou princesas encantadas que ainda sobrevivem nas histórias infantis de todo o mundo ocidental. Mas foi influenciada por concepções de origem indígena, de lugares situados “no fundo”, ou abaixo da superfície terrestre, e provavelmente também por concepções de entidades de origem africana, como os orixás, seres que não se confundem com os espíritos dos mortos. Dois exemplos de encantados muito populares na Amazônia servirão para ilustrar essas crenças: Cobra Norato, popularizado nos meios intelectuais de todo o Brasil graças ao poema famoso do gaúcho Raul Bopp, e o rei Sebastião, um encantado que habita em várias praias de ilhas existentes ao longo do litoral entre Belém e São Luís, e que é entidade comum aos cultos de pajelança e de origem africana tanto no Pará como no Maranhão (MAUÉS, 2005, p. 262).

Fadistas assim são definidos:

Uma outra crença muito forte na região do Salgado, que parece ser bastante disseminada, pelo menos em parte, em outras regiões da Amazônia, é a que diz respeito aos chamados “fadistas”, isto é, pessoas que têm o fado (destino ou sina) de se transformar em animais. Esses fadistas são a matintaperera e o “labisônio” (lobisomem), conforme sejam mulheres ou homens. A matintaperera pode transformar-se, à noite, em vários tipos de animais, como porcos, morcegos e aves, sendo capaz de voar: é vista como a mais perigosa feiticeira que existe (MAUÉS, 2005, p. 267).

Aparentemente “fadista” é o que mais se aproxima da proposta das transformações de Osvaldo quando “ele era vivo”. As pessoas do grupo Povo de Santo até agora consultadas atestam sua morte, inclusive como feito de pessoas pertencentes ao grupo. O que aproxima as transformações de Osvaldão ainda mais dessa proposição é o fato de tanto narrativas como a literatura atestarem sua transformação em lobisomem.

Já Osvaldão, o Lobisomem da floresta, o Licantropo dos gregos, o Versipélio dos romanos, metamorfoseava-se para dar às noites do Araguaia um som autêntico, abria clareiras com suas pisadas enormes e fugia dos artefatos bélicos e das balas-de-prata dos militares caçadores. Em todas as culturas, o lobisomem representa o homem dual, um cidadão cujo destino traiçoeiro o transforma em homem-fera, quando perde as estribeiras, briga, vocifera, fica violento e deixa aflorar seus instintos ancestrais e sua sede de sangue. No caso, o sangue dos militares que foram caçar guerrilheiros na

selva, como se fossem animais, com ordens dos generais de não fazer prisioneiros (STUDART, 2013, p. 336 – 337).

Maués (2005), explica que há uma adaptação pelo fato de na Amazônia Oriental não existir lobos, o “lobisônio” se metamorfoseia em porco. No caso também pode vir na forma do cachorro preto citado por Sader (1990) e Teles (2014), sendo este animal também bastante presente na região. Assim descreve Teles (2014).

[...] “Um dia, os federais tocaíram ele na mata. Ia passando um bando de macacos e ele se transformou num deles e conseguiu fugir pulando por cima da cabeça dos federais que nem desconfiaram. Mas no que ele mais se transformava era em cachorro” (SADER, 1990, p. 119 *apud* TELES, 2014, p. 470).

Em Teles (2014), existem evidências de que a população local percebe as dificuldades de pesquisadores e pesquisadoras em lidar e compreender algumas categorias locais e quando a mesma fala de sua experiência em campo assim descreve.

Ao final de cada uma das entrevistas, incitava os moradores que lutaram na mata junto aos guerrilheiros a se manifestar em relação à crença de que os combatentes em perseguição transformavam-se em animais, despistando os militares. As respostas eram, via de regra, ambíguas; enquanto alguns riam discretamente, outros tergiversavam, deslocando a conversa em sentido às dificuldades encontradas para se andar na mata com fome, na época das chuvas, sem deixar rastros. Ninguém posicionou-se sobre a percepção do suposto caráter sobrenatural destas ocorrências, a despeito de salientarem a astúcia e conhecimento da mata que alguns guerrilheiros possuíam (TELES, 2014, p. 468).

E assim percebendo essa dificuldade de pesquisadores e pesquisadoras em lidar com as categorias locais, aparentemente riem e disfarçam, quando a mesma afirma que “enquanto alguns riam discretamente, outros tergiversavam, deslocando a conversa em sentido às dificuldades encontradas para se andar na mata com fome, na época das chuvas, sem deixar rastros” (TELES, 2014, p. 468). O Povo de Santo aparece desde a nascente na literatura do Araguaia, aparece na palavra terecô⁹⁹. O que chama atenção por vir esta palavra destacada em negrito. “No Araguaia esses espíritos da mata baixavam no candomblé local, o **terecô** (grifo original), e todos diziam que **Osvaldão** (grifo original) era imortal. Pode –se tirar, por aí, a popularidade dos guerrilheiros depois que as forças do governo retiraram suas tropas” (PORTELA, 1986, p. 58).

⁹⁹ O terecô, como concebido em alguns lugares do Maranhão e também na região amazônica, é uma religião da região da cidade de Codó no Maranhão, conhecida principalmente em referência ao Mestre Bitá do Barão, é também uma categoria de acusação, uma autodescrição para quem pratica as diversas religiões de matriz africana na região como, umbanda, tambor de mina, jurema, etc.

O Povo de Santo como, o resto da população local, parece estar cientes dessa dificuldade que afeta pesquisadores e pesquisadoras – e aqui me faço incluir neste conjunto – em lidar com as categorias locais. Levando em consideração que são pessoas vindas de diversas regiões do país, e assim não com o objetivo de enganar, ludibriar ou mesmo desprezar o empenho ou interesse dos pesquisadores e pesquisadoras em registrar sua forma de verem e experienciarem os diferentes aspectos da vida. Mas, sim de deixar que aos poucos a imersão em seu mundo leve o próprio pesquisador às descobertas que vem com a vivência e proximidade com os entrevistados ou entrevistadas.

Desta forma, o Povo de Santo e população local tem se valido dessa dificuldade encontrada por pesquisadores e pesquisadoras para se posicionarem enquanto grupo e assim registrar a construção de suas memórias enquanto uma construção coletiva e política do grupo. E assim como toda a observação e minúcias a que pesquisadores devem estar atentos em campo, o que me chamou atenção foi em um momento em que fui despedir de Eduardo e lhe disse:

-Eduardo não tenho palavras para lhe agradecer o quanto tem me ajudado.

Logo ele responde:

-Minha querida eu só quero ficar registrado na história (Entrevista oral, concedida em 19/09/2017).

Outro personagem muito citado pelo Povo de Santo, sem que haja necessidade de falar seu nome é Sebastião Rodrigues de Moura, que se transformou em pássaro Curio, seu nome suscita as memórias marcadas por dor e sofrimento, definidas pelas “barbaridades” com que tratava os chamados por ele de “subversivos”, “terroristas” e ainda quem os conheci, os ajudavam ou davam suporte. As palavras de Eduardo muito firmes e significativas fecham esse capítulo. *“Esse povo aí sofreu demais, foi muito torturado. A maioria deles não mexia com essas coisas não. Eles aprenderam isso daí para se defender” (Entrevista oral, concedida em 19/09/2017).*

Logo após uma leitura interpretativa das narrativas e da forma como a literatura se refere as categorias locais foi possível identificar a construção de uma “memória coletiva” do Povo de Santo sobre a Guerrilha do Araguaia, sendo Osvaldo e sua morte, um dos símbolos dessa “memória social”.

O Povo de Santo resistiu como Piancó ao se transformar em sapo; o Povo de Santo protagonizaram o marco final do conflito tornando possível a eliminação física de Osvaldão; o

Povo de Santo, ainda, é um dos grupos que preservam de maneira mais evidente a memória do guerrilheiro.

As categorias locais precisam ser mais bem compreendidas pelos estudiosos para que eles possam aprofundar as suas análises sobre o que significou a guerrilha e quais os meandros e formas que ela é memorada. Precisam entre outras coisas valorizar o que dizem os autores regionais. Ao memorarem essas categorias é necessário compreender que são categorias que assim como as pessoas, migram, migram de lugares distantes e distintos, são ressignificadas e vivenciadas de acordo com as dinâmicas e cosmogonias locais.

A pesquisadora, por exemplo, que se iniciou com a busca de Osvaldo entre os encantados, passou por várias vezes sobre ‘a pedra de diamante’, até compreender que para falar do contexto amazônico, é preciso partir de ‘dentro para fora’, e não o contrário. Com essa percepção outras categorias foram surgindo e aos poucos foi sendo “entramado” esse texto. Seria difícil ou mesmo inviável abordar e compreender as narrativas encontradas, se não fosse o aporte teórico regional.

CAPÍTULO 3 - Nem militares, nem mateiros: O Povo de Santo e o seu protagonismo durante a Guerrilha do Araguaia.

[...] Com o povo, festas religiosas, a festa do Divino, de Santa Luzia [...] Nós íamos também aos **Terecôs**, organizávamos danças, inclusive os companheiros que tocavam violão ia tocar nessas festas (PORTELA, 1986, p. 158).

3.1 - A Guerrilha do Araguaia: brevíssima contextualização

Falar em Guerrilha do Araguaia é relembrar os anos de efervescência política anteriores ao acontecimento em questão, é atentar para o fato de que com a queda de João Goulart vinda com o Golpe de 1964 e a instauração do que hoje se conhece por Ditadura–Civil–Militar, que tomou o país com a sanha de atender as demandas do empresariado nacional, o capital estrangeiro e a retomada¹⁰⁰ ao poder do grupo das armas (militares), contrapondo e sufocando as pretensões e reivindicações de grupos subalternizados, explorados e que tiveram seus direitos e cidadania negados ao longo do que concebemos enquanto “História do Brasil”. A implantação do regime autoritário sustentado pelas armas e também garantida “constitucionalmente¹⁰¹”, trouxe consigo não só o autoritarismo, mas a perseguição, a prisão, a tortura, o desaparecimento e a morte de seus opositores.

Por sua vez ainda em 1962, alguns partidários históricos do comunismo no Brasil insatisfeitos com o revisionismo adotado pela Rússia Krushevista¹⁰², e acatado pelo PC, romperam com o partido e fundaram o PC do B¹⁰³. Em um contexto global o mundo vivia os anos da Guerra Fria, e divisão Bipolar em Bloco Socialista (URSS)¹⁰⁴ e Bloco Capitalista (EUA)¹⁰⁵, os militares por sua vez alinharam a sua política ao modelo norte americano. E nesse cenário de grande tensão e disputa política surgem diversos grupos e organizações que questionam o modelo adotado pelo Brasil perante a conjuntura mundial, tanto na cultura, nas organizações políticas e estudantis, religião e diversos setores da sociedade. Alguns desses

¹⁰⁰ Uso a palavra retomada de poder em menção à própria instauração da República no Brasil e a tendência de determinados grupos militaristas brasileiro desejosos de governarem o Brasil e perpetuarem – se no poder.

¹⁰¹ Lembrando que com a instauração do regime militar a Constituição de 1946 foi substituída pela de 1967.

¹⁰² Na época a Rússia era governar do Nikita Krushev que adotou a linha reformista conhecida por revisionismo, o que não agradou muitos dos apoiadores e alinhados com o Bloco Socialista da época.

¹⁰³ PC do B – Partido Comunista do Brasil.

¹⁰⁴ URSS – União das Repúblicas Soviética Socialistas.

¹⁰⁵ EUA – Estados Unidos da América.

movimentos vinham de linhagem pacífica, outros viam a luta armada como o meio de vencer o regime e “libertar o povo”¹⁰⁶.

O PC do B, criado com o racha com o PC, percebia a luta armada enquanto meio possível de chegar ao poder e seguindo a orientação maoísta¹⁰⁷ se organizou e se estruturou para isso, inclusive enviando elementos de seu grupo para treinamento militar na China Comunista, Cuba ou Tchecoslováquia. Dentre os enviados para treinamento fora do país estavam Osvaldão. A institucionalização do AI-5¹⁰⁸ em 1968 foi inviabilizando a permanência de muitos dos militantes nos centros urbanos, e com isso a guerrilha rural passara a se mostrar uma via a ser seguida. Sendo também desde muito articulada pelo PC do B, todavia faltava um local estratégico, para isso seria necessário um encontrar um local com as condições necessárias para organizar e desenvolver a guerrilha.

Entre os anos de 1963 até 1966 Osvaldão, provavelmente a serviço do partido, esteve em alguns pontos das regiões Nordeste e Centro-Oeste à procura de um local que viesse abrigar e dar vassão ao foco guerrilheiro, passando pela Chapada Diamantina, no estado da Bahia, pelo garimpo de Guiratinga no Mato Grosso, e, por fim, se estabelecendo em Araguaetins antigo Norte de Goiás e atual estado do Tocantins. Nos primeiros anos de sua vivência, se não fosse suas características únicas passaria despercebido como boa parte daquela população migrante. Sua estada foi essencial para preparar a chegada dos demais militantes, principalmente depois de decretado o AI-5.

Inicialmente a convivência entre militantes e população local eram bem próximas das relações costumeiras daquele local, exceto a preocupação armamentista do “Povo da Mata ou Paulistas”, o que não chegava a ser um incômodo por não serem exclusivos a usarem armas, viviam como as pessoas dali, da pequena roça, pequenos comércios, caça, pesca, garimpagem e o que desse para sobreviver. Um diferencial extra, eram seus conhecimentos médicos, geográficos, de engenharia, o conhecimento em si que traziam e aos poucos foram introduzindo entre as gentes do Araguaia. Esses conhecimentos iam desde ajuda nos mutirões até mesmo medicando pessoas, fazendo partos, alfabetizando e tantos mais.

Viveram uma paz relativa até início de 1972, ano em que é descoberto pelos militares o projeto de guerrilha do PC do B, que neste momento já estava em curso. Assim que descoberto pelas forças militares fora feita uma primeira campanha chamada por muitos autores de campanha de reconhecimento, para confirmar a existência da guerrilha. Esse

¹⁰⁶ Uso o termo libertar o povo, chamando a atenção que os grupos contestatórios o reivindicavam.

¹⁰⁷ Pensamento baseado nas ideias de Mao Tse Tung.

¹⁰⁸ Ato Institucional número 5.

primeiro momento é feito com recrutas e em sua maioria que alistaram na região. Nesse momento houve baixas militares e de militantes como um número grande de prisões.

Na segunda campanha desembarcaram no Araguaia um contingente militar de mais de três mil militares. Nessa campanha houve baixa significativa de guerrilheiros, a morte de um camponês e dois militares, não houve prisioneiros. Mesmo contando com muitas mortes entre os guerrilheiros, estes se sentiam vitoriosos e confiantes, haja vista que tinham conhecimento quase que preciso da geografia local, enquanto que os militares tinham a dificuldade de locomoção não por falta de aparato, mas em razão do desconhecimento do relevo, hidrografia, fauna, flora e condições locais.

A terceira e última campanha, também conhecida pelas memórias e pelos registros como a mais sangrenta e brutal, foi mobilizada por oficiais especializados e que se infiltraram meses antes entre a população tanto para adquirir informações como conhecimentos do lugar. Nessa Campanha foram usados os mateiros como mão-de-obra eficaz. Eram homens que em sua maioria trabalhavam como garimpeiros, mariscadores, caçadores, pescadores, na extração da castanha e do caucho. E que sabiam todas as manhas e artimanhas da mata.

Servindo como guias, inicialmente, os mateiros passam a ser peça chave no desdobramento da luta contra a guerrilha. Eram pessoas com muito senso de orientação na mata e conheciam seus segredos e entendiam sua linguagem, sabiam onde a pisada era recente, sentiam o cheiro que vinha no vento, além do mais sabiam atirar e àquela altura já não tinham mais como fugir. Independente dos motivos que levaram mateiros a ajudar, sem a contribuição dos mateiros o trabalho dos militares certamente seria mais penoso e se estenderia por mais tempo.

E assim como vemos em Campos (2013), a Guerrilha do Araguaia tem os anos de 1972 a 1974 como marco cronológico, entretanto seus resquícios e rastros da violência seguiram anos depois nas disputas pela terra, grilagem, pistolagens, perseguições, ameaças e imposição do silêncio, a população local quiçá sofrera com mais intensidade pelo fato de presenciar toda barbárie e sequer expressar e externar o que viram.

3.2 – Povo de Santo: a vida dos dirigentes entrevistados antes e depois da Guerrilha

3.2.1 -“Eu chorei na barriga da minha mãe”

Assim como boa parte da população local do Araguaia, Dona Diamantina nasceu em uma família de camponeses, nascida aos 21 dias de outubro do ano de 1936 no município de

Araguatins (TO). Casou-se aos dezessete anos e aos dezoito teve o primeiro dos quatro filhos. Desde cedo sentia a sua mediunidade lhe acenando, fato que explica afirmando “nasci num dia de sábado, na lua cheia, vestida, cruzada e imprecada”.

Quando da sua juventude já previa acontecimentos, tinha visões, que se confirmavam depois. Sofreu seus primeiros sinais de mediunidade aos 19 anos, acometida de desmaios constantes que lhe resultava em quedas e machucando todo o seu corpo. Passava dias de sofrimento, tudo isso segundo a mesma era de conhecimento de seu pai mesmo antes de Diamantina nascer, pois segundo a depoente antes mesmo de seu nascimento já chorava na barriga da mãe¹⁰⁹.

Durante toda sua vida ocupou seu tempo entre cuidar da casa, dos filhos e também na execução de trabalhos para complementar a renda familiar¹¹⁰, nesse tempo em que dividia as lidas diárias com outras atividades fazia farinha, quebrava coco. Suas memórias oscilam entre acontecimentos antes, durante e depois da guerrilha, e ainda remetendo a situações anteriores a seu nascimento. A guerrilha se apresenta como marco de mudanças na sua vida. Havia uma vida antes, tranquila e rica. Com a guerrilha vem o sofrimento, as percas, as mudanças e a desorientação. Depois da guerrilha e com todas as percas e mudanças há uma estabilização, e também as incorporações de seus guias e o controle dos seus problemas de saúde¹¹¹.

Suas relações com o mundo sobrenatural também se deram antes mesmo de nascer, seu pai segundo a mesma tinha certo conhecimento, possuindo as orações Marianas. Sua história de vida é contada entremeando suas crenças e seus feitos em terreiro, as acuras, os auxílios que ao longo da vida prestou às pessoas, as dificuldades os enfrentamentos e tantos mais. Antes do conflito relata ser ela e o esposo proprietários de um sítio de 10 alqueires de terras.

Era desse sítio que provinha os alimentos que atendia às necessidades familiares, pois lá tinha oficina de farinha, criação de porcos, galinhas, vacas, as roças, as fruteiras, tinha muita fartura. Com o início da guerrilha e a prisão de seu marido se viu obrigada a abandonar sua propriedade, indo lá só buscar alimentos, e com o agravamento dos combates e como aconteceu com muitos da região seu sítio foi, em suas palavras, ‘acabado’ Assim narra Diamantina quando pergunto das terras que possuíam.

¹⁰⁹ Chorar na barriga da mãe se deu ao fato do desejo de sua mãe em comer uma cabeça do bode.

¹¹⁰ De acordo com a entrevistada só deixou de exercer atividades extras depois que abriu seu terreiro, foi através do terreiro que seus guias e orixás a ajudaram a conquistar sua casa e tudo o que possui.

¹¹¹ Diamantina relata ter sofrido com muitos problemas de saúde até o seu desenvolvimento mediúnico. Tinha crises convulsivas que duravam dias.

Quando meu véio foi preso nós tinha muita coisa no sítio arroz, oficina de farinha, galinha, pato, angolista. Larguei tudo porque eu tinha medo muié. Fui pra cidade de Palestina ali. Fiz uma casa de madeira de imbaúba e tapete de paia mais os fio. E vim pra dentro da cidade, arrumei um chão lá e fiz a casa. Ia no sítio e voltava de dia, que eu ficava com medo de ficá lá só mais essas criança [...] Acabou tudo. Dismanchou tudo, tudo, tudo. Tudo que nós tinha se acabou. Aí o veio vendeu lá por 6 mil [...], 10 alqueires. (Entrevista Oral, 05/10/2018)

Em razão das percas e das dificuldades devido à guerrilha seu esposo vendeu o sítio por um valor que segundo a mesma seria 6 mil reais¹¹². Em seguida se mudaram para a cidade de Palestina (PA) e, depois, para um lote de terras doado pelo Major Curió na Operacional 3. Em razão da orientação de seus guias, seu marido também vendeu o lote de terras e foram se estabelecer em Brejo Grande do Araguaia (PA), onde eu a encontrei.

Seu esposo, depois de a instalar na cidade de Brejo Grande (PA), foi trabalhar no garimpo de Serra Pelada (PA). Nesse período, Diamantina trabalhou na quebra de coco para sustentar os filhos e não tendo o êxito pretendido no garimpo, seu esposo retorna para casa e ali se fixa até sua morte em 2013.

Atualmente, Diamantina vive na mesma casa que construiu em Brejo Grande (PA), vive na companhia do filho, da nora e dos netos. Aposentada recebe hoje metade de seu salário em razão de empréstimos fraudulentos feitos sobre seu benefício¹¹³.

3.2.2 - Gato me roubava não pagava direito botava pra trabalhar não pagava aí eu ia embora pra frente aí trabalhava mais outro ganhava mais um pouquinho tocava mais pra frente.

Seu Zé da Prata é natural do estado do Piauí, porém se criou no estado do Maranhão. De família camponesa trabalhou pesado desde muito cedo. Quando moço, retornou ao estado do Piauí, lá trabalhou em serviço braçal, decidiu então procurar outra ocupação. Comprou remédios e saiu de viagem, até chegar às matas do Araguaia.

Da vida no Araguaia conheceu de perto a exploração e muitas mortes encomendadas por fazendeiros ou grileiros relacionadas à questão fundiária e também por direitos trabalhistas, sempre em busca de melhora de vida desenvolvia várias atividades, foi trabalhador braçal, empreiteiro e professor. Foi também no Araguaia que conheceu sua esposa, com a qual vive até hoje. Seu casamento ocorreu no ano de 1975. Também conheceu

¹¹² Na época a moeda corrente no Brasil era o Cruzeiro.

¹¹³ Sua nora contou que foram feitos mais de dez empréstimos no nome de Dona Diamantina, e que mesmo recorrendo à justiça está vindo descontos em seu pagamento.

de perto a guerrilha, seus personagens, histórias e desdobramentos. Perguntado sobre sua história de vida assim relatou.

Eu nasci no Piauí, mais me criei no maranhão, saí de lá que voltei para o Piauí trabalhei de empregado naquele tempo com 15 anos de idade, aliás 15 anos e 6 meses, fui trabalhando de empregado, empurrando carrinho com roda de ferro, passei uns tempo fora, quando eu voltei pra casa do meu pai de novo aos 19 anos, aí não me acostumei aí lá, eu comprei um pouco de medicamentos e saía pela estrada com a mala na cabeça dando remédio aplicando injeção contra malária em 62/63. Aí fui trabalhar né, gato me roubava, não pagava direito, botava pra trabalhar não pagava. Aí eu ia embora pra frente, aí trabalhava mais outro tanto, ganhava mais um pouquinho, tocava mais pra frente. Aí foi até quando parei aqui, parei em 70. Aí começou a guerrilha do Araguaia 71/72 até mais 75, 75 terminou guerrilha só restava sujo. Cheguei nos anos 70 em São João do Araguaia, aí vim pra cá em 75, aí fui trabalhar na juquira, era sofrimento danado correndo risco de morrer matado. Em 75 subi pra cá, vim дума, vez porque eu ficava mais na mata pra Marabá. Marabá nas matas fiquei um pouco de tempo e 75 eu achei que tinha que é que tá trabalhando aqui (Entrevista Oral, concedida em 05/10/2018).

Sobre a sua atividade espiritual afirma ter começado aos 15 anos de idade, com o tempo foi adquirindo mais livros e conhecimento, e que nunca parou de estudar. Em sua trajetória de vida no Araguaia além dos serviços braçais era também professor, dividindo o tempo entre o trabalho na lida de sala de aula com as atividades do magistério. Sua rotina assim é descrita: trabalhava na roça até as 14 horas e a partir desse horário se dedicava ao magistério em dois turnos, das 14h até às 18h atendia as crianças e a partir das 18h a turma de MOBREAL¹¹⁴. Nesse período fazia o trajeto em uma bicicleta. Exerceu o magistério de 1967 até 1984, época em que decidiu se dedicar a cuidar de sua posse.

Seu Zé também tocou por sua conta um terreiro na região do Araguaia, conheceu muitos “terezeiros dos bons”, conheceu Piancó e conta que Piancó era forte, trabalho de “Piancó matava em 24 horas.” Relata as contendas de Dona Ricardina, mulher de Chico Piauí e Piancó, contando que Ricardina mandava enxame de maribondo para atacar Piancó e esse os aprisionava em uma garrafa e depois devolvia para Ricardina. Sobre Piancó é taxativo ao dizer, “só fazia o mal, usava da ‘magia negra’ para matar uma pessoa era daqui pra ali, se ele fizesse era ligeiro”.

Em suas narrativas vão se entremeando sua história de vida, sua crença, fatos históricos e experiências que se atrelam. Dessas tantas experiências vividas vai contando seus feitos. Desses muitos está o de ter presenciando o último assassinato de pistolagem pela disputa de terras na década de oitenta e por ter testemunhado sofreu retaliações e ameaças de

¹¹⁴ MOBREAL – sigla correspondente à Movimento Brasileiro de Alfabetização, órgão criado durante a gestão do governo de Emílio Garrastazu Médici, pelo decreto de número 62.455, de 22 de Março de 1968.

morte, pois segundo ele ao passar pela estrada “eu vi um carro parado assim, os camaradas me viram, entraram no carro e saíram, quando eu cheguei lá, o cabra estava dando o último suspiro”. Essa passagem é contada com certo pesar, de quem também enfrentou grande luta para manter na posse de suas terras.

De boa prosa e com disposição para contar o que sabe, falou de tantas histórias, de encantamentos, de São Cipriano e me convidou para voltar um dia para que ele possa me contar a história de seu avó que lutou na Guerra do Paraguai.

3.2.3 - Toquei fogo em farda, toquei fogo em maracá, em guia, em tudo. Eu toquei fogo

Dona Rubi é natural de Barra do Corda (MA), assim como boa parte dos migrantes veio com sua família em busca de “melhorar a vida.” Seus pais eram camponeses e assim como a maioria dos seus vizinhos, pessoas que viviam da roça, do extrativismo e por vezes da garimpagem. Conta ter sido casada 8 vezes, somente com o último marido é que viveu mais tempo, os demais se separavam logo.

Confabulando sobre a sua vida e relação com os terreiros, me confessou ter iniciado seus trabalhos desde muito cedo, mas seguir a fé só se deu de verdade a partir do momento em que percebeu que precisava deixar as “ vaidades” e o “luxo”. E de uma narrativa seguida contou um pouco de sua vida, que segue no trecho abaixo.

Comecei a trabalhar com sete ano, eu fui pra dentro duma mata, lá eu me perdi e fiquei sete dias perdida. Quando eu cheguei disseram que eu tinha uma sina pra cumpri. Dessa sina eu cumpri uns dias e depois larguei de novo. Toquei fogo em farda, toquei fogo em maracá, em guia, em tudo. Toquei fogo! Ai passei um bocado de ano sem segui. Quando chegou a época que eu tinha 17 ano / 16 ano por aí, eu ia pras festas lá e eles me pegava, mim maltratava muito. Ai foi onde eu fui procurar uma pessoa pra cuidar de mim. Seguimento mesmo eu vim dá eu tinha mais de trinta ano. Foi que eu vim segui, eu já ia em terreiro dos outros. Agora aqui – Marabá – tem vinte ano que eu botei salão aqui. Trabalhei sozinha 14 anos. Foi 14 anos eu sozinha aqui labutando com as pessoas. Ai foi que eu encontrei com João do Ouro, e ele batizou um dos meus guia, que não era batizado. Eu já tava fazendo as coisas de muitas e muitas gente nesse mundo. Agora que eu tenho mesmo terreiro de umbanda tem uns 30/40 anos. [...] A guia de frente é de Nagô se chama Príncipe Rosa, de oração [...] Padre Cícero, aquele ali é de minha croa¹¹⁵. Gente já viu ele deitado bem juntinho de mim. Aquele ali é Padre Cícero do Juazeiro (CE), só que hoje se for revelar na Igreja, a Igreja não aceita. A Igreja num acredita, num é? Ele foi um padre que teve o lado espiritual e o lado material. Que era de padre. Mas ele teve os dois lados que é espírita e padre. Padre Cícero do Juazeiro, é! E eu vim receber esse padre depois ter mentalidade na minha cabeça. Depois que eu vi que não era o caminho que eu queria, era de bebida, de vaidade, de luxo. Isso num era pra mim. Ai foi que eu segui este caminho hoje eu tô nele. Eu rezo os 45 dias da

¹¹⁵ Croa ou coroa – usado para definir o que está em cima da cabeça, dali podem sair não só o orixá de cabeça como todos os orixás e guias que orientam o médium.

quaresma. Rezo novena, assim do jeito que tá rezano agora. Tudo isso é a força dos orixás que eu tenho. Porque na minha corrente batizado mesmo de frente chama – se Príncipe Rosa de Nagô. É mina. [...] Nossa Senhora de Aparecida é a Tenda de Nossa Senhora de Aparecida (Entrevista Oral, concedida em 05/10/2018).

Dona Rubi também rememora em suas narrativas o tempo da guerrilha que conheceu de perto, ainda jovem. Nascida no ano de 1951, no mês de novembro e regida pelo signo de escorpião, também faz leituras de cartas, motivo pela qual é muito procurada por pessoas de Marabá (PA), cidades da região e “pessoas de longe” que vem buscar auxílio e compreensão dos problemas através das cartas. A tenda em que desenvolve suas atividades fica nos fundos do quintal, é um espaço pequeno, mas muito ornamentado com santos, imagens, quadros, flores e bandeirolas.

Dona Rubi atualmente não trabalha só, seu parceiro de trabalho é João do Ouro, conhecido por Cigano, em alusão a entidade que incorpora, Cigano e Rubi dirigem dois terreiros a Tenda de Nossa Senhora de Aparecida em Marabá (PA) e a Aldeia Sete Orixás, que fica na mata e está localizada entre o Povoado de 40 e a cidade de Marabá (PA).

Ao falar de sua vida e assim como os demais entrevistados vai urdindo histórias e memórias e marchetando a guerrilha e muitos de seus personagens e produzindo suas impressões acerca de cada um. Cabe destacar que exprime a visão de quem conviveu de perto com os militares, sua casa servira de ponto de apoio aos soldados. As influências em seu posicionamento podem ser construídas com base em sua consciência adquirida a partir dessa proximidade e do saber adquirido com os que estavam ali para “caçar os terroristas”.

O seu conhecimento espiritual e proximidade com outras narrativas ajudam a encadear alguns fatos e também podem ser pensados como a junção de saberes que ajudam a situar alguns personagens dentro do grupo Povo de Santo, incluindo aí Osvaldão.

3.3 – Povo de Santo e seu protagonismo na caçada final

Entre o Povo de Santo até foi comprovado que há um consenso - com algumas exceções - sobre as transformações de Osvaldão. Afirmam que este tinha poderes para se transformar, tanto Esmeralda, como José da Prata e Rubi deram isso como certo. Rubi fundamenta a explicação atribuindo à oração de São Cipriano a sua capacidade de se transformar e depois de adquirir o livro e fazer a leitura, foi constatada tanto as receitas mágicas da invisibilidade, como a Oração da Cabra Preta, ambas estão nos números 1, 2 e 3 em anexo.

Em relação a sua presença espiritual nos terreiros, a informação unânime é que até então não foi presenciado por nenhum dos depoentes. Porém, José da Prata e Esmeralda não descartam a possibilidade de Osvaldo baixar em algum terreiro. Eles, inclusive, explicam sobre a forma e local para realização de um trabalho para conseguir contato com o guerrilheiro. A maioria das indicações é que sejam em trabalhos realizados nas matas. Esses trabalhos segundo informam tem que ser para uma pessoa bem preparada e com muitas orações para proteção do anjo de guarda. As indicações levam para terreiros, cartomantes. E indicam diversos pontos do Pará e por último um médium de Goiânia que consegue estabelecer contato com qualquer espírito que se queira.

Há uma concordância de ponto de vista sobre a possibilidade de Osvaldo descer em terreiros e como há uma justificativa por parte das pessoas inquiridas sobre a razão pela qual eles/elas não fazem esse trabalho. Os e as dirigentes consultadas, alegam não estarem aptos para esse serviço, não estão preparados ou não fazem esse tipo de serviço. Esmeralda justifica que a cegueira lhe impossibilita de trabalhar, José da Prata, por sua vez, ilustra que além de sua preferência em estudar e trabalhar mais com as plantas medicinais, ainda não adquiriu conhecimentos basilares para fazê-lo fundamentando que a ciência mediúnica é vasta e demanda muito tempo de estudo, dedicação e preparação, e para fazer esse serviço a pessoa precisa estar preparada e ter o anjo da guarda bem forte.

O encantamento que deu início a esta pesquisa é uma possibilidade remota entre o grupo entrevistado, todos afirmam que Osvaldo morreu, sendo que José da Prata e Rubi apontam que a morte de Osvaldo só foi exequível graças à intervenção do Povo de Santo. Entretanto divergem sobre a pessoa ou pessoas que teriam preparado a munição¹¹⁶. Na narrativa de José da Prata, Chico Piauí e Maria Ricardina,¹¹⁷ foram os responsáveis. Rubi afirma que Piancó foi quem dentre o Povo de Santo aceitou preparar a bala.

As diferenças descritas no parágrafo anterior mostram que “[...] as memórias coletivas podem ser: construídas, desconstruídas e reconstruídas [...]” (Pollak, 1989, 10). A cisão desse enquadramento da memória nas “contra-narrativas”, como a fala evidenciada por uma dirigente de terreiro, que foi consultada sobre a possibilidade de Osvaldo ter poderes, estar encantando ou baixar em terreiros, e afirmou que Osvaldo era um homem comum, como qualquer outro, sem poderes que os diferenciava os demais, era simplesmente um “terrorista”.

¹¹⁶ Munição, assim chamado o projétil produzido artesanalmente.

¹¹⁷ As informações dão conta de que era os pais de Arlindo Piauí, o mateiro que teria sido o responsável pela morte de Osvaldo.

Dos apontamentos de que Osvaldo Orlando era também do Povo de Terreiro, tanto José da Prata como Rubi confirmaram essa informação. Diamantina não menciona, mas deixa algo de suspense ao dizer que “disseram que o Osvaldão tinha ido lá em casa me curá”.

O Povo de Santo que compõe o grupo pesquisado possui trajetória de vida semelhante e similaridades de experiências, vivências com a guerrilha, e de posse do conhecimento de que “[...] toda memória coletiva tem como suporte um grupo limitado no tempo e no espaço [...]” (HALBAWCHS, 2003, p. 106). Cabe ressaltar que partindo do pressuposto de limitação de grupo em tempo e espaço, as pessoas que cederam seu precioso tempo para contar suas vidas e conhecimentos para a realização deste trabalho, têm uma faixa etária oscilando entre 67 até 100, embora o grupo que por fim foi delimitado tem idades entre 60 e 85 anos. São pessoas com origem quase que por unanimidade no campesinato, e também como pequenos produtores ou se dedicando outras atividades desenvolvidas na região, como quebradeiras de coco, fabricante de farinha, vendedor ambulante, garimpeiros. Com exceção de José da Prata, que é o único que ainda reside na zona rural, as demais pessoas atualmente residem em cidades da região.

No processo de organização e estruturação dos discursos sobre o guerrilheiro Osvaldão, percebemos também uma forma de localizar e enfatizar o grupo Povo de Santo no conjunto de elementos que constituem a história do conflito, enquanto protagonistas do fato histórico como é verificável em Studart (2013). A sugestão de que parte dos poderes adquiridos por Osvaldo teria origem na sua relação com o Povo de Santo, em que o velho Piauí teria feito um ritual para fechar seu corpo. E foi o mesmo que também preparou sua morte.

Para a reconstituição e compreensão de parte dos fatos, o pesquisador (a) que se debruçar sobre a tarefa de pesquisar e produzir sobre a Guerrilha do Araguaia, com certeza vai lançar mão de um acervo documental de ordem diversa: documentos escritos, revistas, jornais, artigos, livros, resenhas, documentários, filmes, fotografias e, principalmente, os depoimentos, as narrativas, que ora sincronizam – se ora divergem, mas que são essenciais na produção do conhecimento sobre a guerrilha. Foi nesse emaranhado de fontes e com ênfase nas narrativas que cheguei à hipótese de que, na memória do Povo de Santo, para o “Gran Finale” da Guerrilha, representando a morte simbólica do foco guerrilheiro no Araguaia, os protagonistas fundamentais foram pessoas ligadas aos terreiros.

Para chegar a tal proposição segui pistas na bibliografia especializada, confrontando com informações e depoimentos obtidos em campo, tanto que fontes escritas, informações,

depoimentos e narrativas validaram, com o passar do tempo, a referida hipótese. Essa desconfiança surge na primeira viagem à Xambioá (TO), quando conheci o barqueiro aqui chamado senhor Cristal, que além de me informar que era amigo de Osvaldo, acabou por inserir no diálogo um fragmento narrativo que direcionava a morte do gigante negro para o “mundo mágico”, ao me dizer que: “Osvaldo foi pego porque cortou a água, atravessou a gruta”.

E seguindo essa pista fui aos poucos procurando compreender e relacionar informações iniciais com as outras que foram surgindo. De repente me deparei com um caldeirão de informações que relacionavam Osvaldo com os terreiros, não só falavam sobre sua morte, mas da vida e vivência espiritual dentro dos terreiros da região, atestavam que ele já trabalhava nos terreiros, que tinha muito “conhecimento de oração”, era homem “experiente e sabido” tanto nas artes de fazer amizades, fazer a guerra e também no mundo das magias, dos trabalhos.

Como já relatei no capítulo anterior, durante as leituras, foi possível encontrar a descrição dessa informação, a aproximação de Osvaldo com os terreiros, desde Portela (1986) até as mais recentes e diversas publicações. Em Joffily (2008, p. 10) encontrei a assertiva de que “[...] nos terreiros de terecô, a umbanda local, mestiça de índio, todo espírito da mata que baixa diz que Osvaldo é imortal [...]”. E assim em boa parte da literatura especializada aqui e acolá, aparecem sinais, vestígios dessa aproximação.

Mas foi em campo que a suspeita foi se tornando hipótese. E a hipótese primeira foi perdendo-se. Como disse no início, pensava encontrar Osvaldão baixando em algum terreiro da região. Mas Dona Diamantina não deu a confirmação de que Osvaldo baixava em seu terreiro, a dirigente diz que não havia relação, nem em tempo de Osvaldo vivo ou morto, com o seu terreiro. Confirma que o conheceu, e seu falecido esposo chegou a fazer negócios com Osvaldão, mas que o que foi dito além dessas informações, segundo a dirigente é mentira, fofoca. E foram essas mentiras e fofocas que causaram o seu “sofrer” e de toda sua família, tanto na época da guerrilha como até os dias de hoje, responsabilizando tal evento pelo adoecimento e morte de seu esposo que foi torturado e também o fato de seus quatro filhos não terem frequentado a escola, pois precisam trabalhar para ajudar nas despesas da casa, já que seu conjugue não tinha mais condições.

As conversas com o Senhor José da Prata, não só confirmam essa proximidade, como traz muitos outros e relevantes dados na construção da pesquisa. Das muitas contribuições elencadas no diálogo com Senhor José, podemos observar alguns pontos cruciais que são: a)

foi constatada a narrativa das transformações de Osvaldo; b) Osvaldo tinha conhecimento de orações poderosas, incluindo a da Cabra Preta de São Cipriano e a de São Marcos Bravo; c) Osvaldo foi morto por bala enfeitiçada, bala batizada pelo Povo de Santo e d) quem atirou em Osvaldo foi Arlindo Piauí filho de Ricardina e Chico Piauí¹¹⁸.

Seu Francisco é firme em dizer: “[...] *ele não incorporava, ele sabia das orações (Osvaldão), nas oração dele se tivesse o Sete Breve, aí ele se encantava mesmo, de corpo, alma e tudo.*” (Entrevista Oral, concedida em 05/10/2018). Seu José, afirma com veemência que Osvaldo foi morto por bala batizada, mas o espírito dele está vagando. E ainda acrescenta que seria difícil dar conta de Osvaldo senão pelo Povo de Santo, justificando que para dar conta dele precisava de um comandante sabido. Afirmando “[...] *tem uns comandante sabido também[...]*”. E assim seu José explica a sabedoria de alguns comandantes.

O comandante espera o policiamento passa todinho aí ele sente, ele arecolhe fica bem para trás, aí quando ele chega lá onde tá o outro ele bate na cabeça dele, aí fala com ele, aí ele vem embora pra trás. [...] Para matar ele foi um pessoal que foi atraindo o anjo de guarda dele, atraindo o anjo de guarda dele. Aí ele vivia pendurado na linha negra, aí os outros vão na linha branca. A linha branca é a corrente astral, aquela linha ela é de luz, aí essa outra linha aqui ela não tem luz, a luz de lá que alumia ela, aí que enxerga, por aquela luz, de lá da linha branca. Que são os espírito de luz. Aí se juntaro todo mundo [...] O Piauí ele preparou pra ele a bala, mais eles preparo a bala com a Oração de São Cipriano. A mesma que ele tinha, aí com a Oração de São Cipriano ele num pode aguenta (Entrevista Oral, concedida em 05/10/2018).

Na percepção de seu José, Osvaldo trabalhava seguindo a linha de esquerda, linhagem de Odu¹¹⁹ (o que ele chama de Quimbanda), conhecida também por magia negra. Ao notar essa característica os militares procuraram fazer os trabalhos de linha branca, não só os trabalhos, mas toda uma preparação, percebendo a ausência de luz sobre o anjo de guarda de Osvaldão, esses comandantes sabidos teriam atraído seu anjo de guarda com luz, com isso Osvaldo teria ficado vulnerável.

Para seu José, tanto Osvaldo quanto Dina, sabiam dessas orações poderosas. Afirmando que ambos sabiam muita coisa, transformavam-se no que quisessem. Das indagações sobre as transformações em lobisomem, seu Zé afirma não ser diretamente uma

¹¹⁸ Foram Chico Piauí e Ricardina na versão de senhor José da Prata os responsáveis pela preparação da bala que matou Osvaldo, os dois eram dirigentes de terreiro.

¹¹⁹ Embora a palavra não tenha sido melhor explicada por senhor José, pesquisei em sites de umbanda, e as referências encontradas assemelham a palavra a um caminho, destino, predestinação e características dos Odus de cada pessoa. Recomendo acessar.
http://www.lendas.orixas.nom.br/classificados/ebooks/012_conhecendo16odus.pdf acessado em 29/10/2018 às 15: 45 horas.

prática de terreiro, mas, há uma relação, pois para se transformar são usadas duas orações a de São Marcos Bravo e a Oração da Cabra Preta de São Cipriano. Todavia não informa conhecer essa narrativa sobre Osvaldão.

Em Marabá (PA), Dona Rubi confirma a morte de Osvaldo como feito do Povo de Santo, diverge sobre quem preparou a munição, na versão da dirigente da Tenda de Nossa Senhora de Aparecida quem teria preparado a bala teria sido o velho “bruxo” Piancó, o mesmo que trabalhava com Osvaldo em terreiros nas cidades de São Domingos do Araguaia (PA), São João do Araguaia (PA) e proximidades.

Sobre a proximidade dos militares entre o Povo de Santo também foi afirmado por Dona Rubi e seu José, ambos chegaram a conhecer alguns militares durante a guerrilha. No caso de seu José, mais de vista que de convivência. Para Dona Rubi foi uma convivência mais do cotidiano, sua casa servia como aporte para os soldados que ali dormiam e se alimentavam. Dona Rubi afirma ter visto de perto “cabeças cortadas”. Seu José ilustra inclusive o encontro entre Piancó e os militares, na façanha da metamorfose em sapo. E ainda emenda que houve coerção por parte do “exército” para que o Povo de Santo dessem conta de Osvaldão.

Entretanto, o que foi percebido durante o desenvolvimento da pesquisa é que, para findar com a vida de Osvaldão, nem mateiros e nem militares, quem deu conta de sua vida foi o Povo de Santo do qual ele fazia parte. Os mesmos que conheciam seus segredos e sua sabedoria usando o que poderia ser ilustrado na metáfora do ‘contrafogo’. Muitas foram as fugas e as escaramuças, que tornou Osvaldo um dos grandes estrategistas e comandantes da guerrilha, respeitado por camponeses, companheiros e militares. Mais vulnerável a bala batizada, preparada no terreiro e desferida pelo franzino mateiro Arlindo Piauí.

Osvaldo não teve tempo de se transformar, cortou água, teve seu anjo de guarda sequestrado, ficou vulnerável, a bala se era de prata não foi possível saber, mas foi certa, dela tombou, foi metralhado, chutado, espancado, pendurado no helicóptero de cabeça para baixo, teve o corpo ultrajado durante toda noite, no acampamento festa para os militares, seu corpo separado da cabeça, enterrado não se sabe ao certo onde.

Ele não baixa – talvez baixará no futuro. O certo é que ele se misturou à memória e está conectado ao repertório de crenças do Povo de Santo. Ele é um dos seus, era um dos seus e foi morto por causa de alguém de dentro do grupo.

Mas ainda falta explicar em que categoria do repertório de crenças, já que Osvaldo não baixava, ele estava inscrito.

3.4 – Entre encantados, fadistas e a Oração da Cabra Preta.

Assim como as pessoas que migraram para a Amazônia Oriental, vieram também elementos, alegorias e representações e influências das tradições culturais e religiosas que transitaram e transitam com pessoas e grupos que durante os processos de ocupação da região, assim como em Silva (2017), que versa sobre a “diáspora dos encantados”, essas crenças e representações se adaptaram, se moldaram e se ressignificaram com base nas peculiaridades da região amazônica.

É possível encontrar um conjunto de narrativas, de vivências e experiências, em que pessoas se metamorfoseavam em animais principalmente em situações de risco, essas metamorfoses podem ser compreendidas como ordem do destino ou um preço a pagar por uma atitude ou uma escolha. Quando Rubi menciona Osvaldo como homem poderoso e que tinha acesso a orações poderosas, sabendo ele de cor a Oração de São Cipriano, capaz de torna-lo invisível. E como Piancó conseguia passar por transformações e confundir seus inimigos? O que querem dizer os dirigentes ao exemplificarem as transformações desses personagens?

E esse conjunto de narrativas e experiências com o fantástico anda ao lado do catolicismo popular, das religiões da matriz africana e das crenças populares. Mas cada qual em seu lugar, embora às vezes pareçam situar-se em um único conjunto, são categorias sincretizadas por elementos diversos, mas não universalizantes, como podemos notar em Maués (2005), ao discorrer sobre as categorias “fado, encantados e santos na diversidade do caboclo amazônico”.

Os encantados não podem ser considerados como espíritos, mas como “seres” que podem se apresentar tanto na forma visível como também invisível, quando visível sua aparição pode ser tanto na forma humana, animal, objetos ou em outras formas. Há uma especificidade em seu habitat que pode ser tanto nas águas ou nas matas. O encantado é um ser humano que não pode ser entendido como espírito por não ter passado pela experiência de morte, mas apenas se encantou, não há corpo. Maués (2005) garante que geralmente o “encante” acontece através da atração de outros encantados. Veja o que diz o autor:

As pessoas se encantam porque são atraídas por outros encantados para o “encante”, seu local de morada. O encante se encontra “no fundo”, normalmente no dos rios e lagos, em cidades subterrâneas ou sub-aquáticas. Para que alguém seja levado para o fundo, por um encantado, é preciso que este “se agrade” da pessoa, por alguma razão. É comum a idéia de que, se alguém for levado por algum encantado para visitar o encante, deve evitar comer as coisas que lhe são oferecidas, caso contrário

se encantará, não podendo mais viver no mundo da superfície, como os demais seres humanos. Há também a idéia de que os grandes pajés são levados pelos encantados para o fundo, onde aprendem sua arte; mas, neste caso, eles retornam à superfície, como xamãs, para poder praticar a pajelança (MAUÉS, 2005, p. 265).

Existe na encantaria diversas formas de aparição ou percepção dos encantados, assim me descreveu Dona Flor em uma de nossas conversas. Ela me afirmou que ali mesmo em Tocantinópolis (TO) há no Ribeirão Prata, perto da aldeia Apinajé, um local de encante, em que a certa altura da noite as águas expressam suas emoções através de choro ou canções as águas da Prata conversam. Nesse mesmo local, há muitos anos, uma criança caiu na água e se encantou, que está lá encantado.

Os encantados, de acordo com Maués (2005) é possível pensa-los a partir de três contextos:

[...] bichos do fundo-manifestando em rios e igarapés, sob a forma de cobras, peixes, botos e jacarés; [...] sob a forma humana, nas praias e manguezais - oiaras; [...] invisíveis, sendo percebidos através das incorporações nos xamãs (pajés), são chamados caruanas, guias ou cavalheiros (MAUÉS, 2005, p. 265).

Outra categoria abordada por Maués (2005) chama atenção são os fadistas. Fadista também é uma categoria que se aproxima das transformações de Osvaldo. O fado em Maués pode ser compreendido como “[...] destino ou sina de se transformar em animais [...]”. Essa categoria se harmoniza com a assertiva de Dona Rubi ao estabelecer a relação entre Osvaldo e o demônio (diabo). Na verdade, há em sua fala a evidência de Osvaldo ser o demônio. E afirmar que esse poder foi adquirido através de orações poderosas. Em sua perspectiva, a leitura e uso da Oração de São Cipriano era uma rotina para Osvaldo, dizendo que “o Osvaldão rezava a oração de São Cipriano lá na rua em São Domingos para todo mundo vê”.

Entre os fadistas estão lobisomens e as matintas, que seguem as adaptações na fauna regional em suas metamorfoses. O fado ou “sina”, diferente do “encante,” se dá por pacto ou conduta desviante, e no caso das matintas pode ocorrer por transmissão¹²⁰. Não ouvi menções ou informações sobre a presença de fadistas nos rituais ou celebrações nos terreiros ou ainda alguma atividade de cura ou que atenda a necessidade das pessoas, mas sim percebi uma lição ou ensinamento sobre as ambições humanas, um preço a se pagar, seja na permuta feita com Satanás em troca de bens ou poderes. Esse é o resultado do ajustamento do contrato entre humanos e diabo.

¹²⁰ Transmissão quando uma avó pergunta a uma neta se ela quer um presente, se a resposta for positiva o fado é transmitido.

O fado se aproxima de São Cipriano, ao representar a dualidade humana, tanto como o bem e o mal, a disputa entre Deus e o Diabo, a fé e a razão, pureza e pecado, riqueza e pobreza, a humanidade e a barbárie. O fadista na acepção de Maués (2005) personifica essa dualidade, alguém que perpassa esses dois mundos o humano e o animal. O fadista é alguém que vai e volta em suas metamorfoses, diferentes dos espíritos, entidades ou encantados os fadistas não transitam em outros corpos senão os seus, e não tem como missão a cura, conselhos, resoluções de problemas ou quaisquer atribuições de ajuda aos seres humanos, simplesmente tem um fado (sina) a cumprir. Assim, fado embora se assemelhe em muitos pontos com o encantamento não é a mesma coisa, são condições diferentes.

Quando Osvaldo se transformava em animais (onça, cachorro, barrão) e ainda em cipó, terra, árvore, tronco de árvores, pedra, de acordo como o que diz Maués (2005) sobre os encantados, essas transformações não se aproximam do que o autor chama atenção para “[...] os três contextos ou denominações dos encantados[...]” (MAUÉS, 2005, p. 265). “[...] Aqui há uma aproximação com o fado, quando mesmo autor reconhece que ‘fadistas’, isto é, pessoas que têm o fado (destino ou sina) de se transformar em animais[...]” (MAUÉS, 2005, p. 267).

Entretanto, a sua transformação em elementos da natureza como terra, cipó, pedra e árvore não se justifica no fado. Essas formas de metamorfoses poderiam ser explicadas pela Oração de São Cipriano, a Oração da Cabra Preta¹²¹, pois ao se transformar em elementos da natureza a pessoa que está de posse da oração não pode ser vista em sua forma pelo inimigo.

Sobre as transformações em lobisomem não foi possível verificar através de entrevistas ou das conversas informais, apenas no registro de Studart (2013). Essa proposição é a que mais se aproxima da categoria fadista. Mas não foi constatada pelas narrativas coletadas até aqui.

Das histórias que ouvi contar nada pode ser dado como definitivo, são construções e registros da memória que como um todo são influenciadas pelo conjunto de crenças da região do Araguaia. Sobre esse conjunto de crenças é salutar observar as transformações, adaptações, “diásporas” de alegorias e representações que assim como os migrantes se deslocam de outras regiões e se tornam conhecidas e validadas remetendo a características trazidas e fazendo a junção com as crenças locais. Assim como exemplos da Mãe D’água, Boiúna que migraram da região Nordeste do Brasil para o contexto amazônico e assim como os fadistas são aptas às adaptações locais.

¹²¹ Oração da Cabra Preta está em anexo 3, nesse trabalho.

Essas “alegorias”, “representações” ou “conjunto imaginários”, muito além de serem entendidas como crenças ou manifestações, são uma forma de expressão, comunicação e representação das experiências e vivências das pessoas ou do grupo, que através das narrativas podem denunciar desde sua fé aos seus anseios e mesmo a violência que faz parte da sua vida e sua história.

Em meio a todas essas representações coexiste o que se conhece enquanto catolicismo popular brasileiro vivenciado nas festas de São João, São Pedro, São Benedito, Santa Bárbara [...], nas rezas, nos terços e na devoção diária. A invocação de santos e suas benesses servem na terra, na mata, na água ou no ar. O papel de aproximação entre seres humanos e transcendentais é muito no interior brasileiro, e no Araguaia os santos e suas contribuições com as pessoas na proteção, defesa e resolução de pendências é muito forte. Segundo Teles, “O dia a dia na região estava intimamente ligado ao calendário das festas e ao sincretismo religioso; muitas delas representavam um meio de obter proteção para a população, isolada e carente da atuação do Estado na região” (TELES, 2014, p. 469).

Por exemplo, o Cirió de Nazaré se tornou um dos grandes momentos de devoção na região amazônica, sendo a procissão fluvial do Cirió de Nazaré o ápice dessa devoção. Santas e santos são eleitos como protetores e cada qual responde por uma causa, no tratamento de doenças, nas relações familiares e amorosas, para causas difíceis, para questões financeiras e uma vasta gama de necessidades humanas a que se elege um santo específico para cada causa. Essa relação se dá não só como meio de enfrentamento de medos e problemas, mas como companheiros, representantes e intercessores que acompanham a vida diária das pessoas.

Nas entrevistas coletadas foi possível constatar narrativas sobre encantados entre o Povo de Santo. Em uma das oportunidades de diálogo com Dona Diamantina quando perguntada sobre os encantados a mesma usou a cabocla Jacira como exemplo. Sobre a Cabocla Jacira Diamantina diz que é uma:

Cabocla encantada, em suas palavras o encantando se encantou materialmente, pode ser na água, na terra, pode ser em tudo, beira mar. A cabocla Jacira é de beira mar, ela se encantou, num tá morta, inclusive ela é uma cabocla pesada (Entrevista Oral, concedida em 05/10/2018).

Para exemplificar como se dá o encantamento, e apontando um fato concreto, Diamantina narra a história de um parente seu que encantou. Diamantina descreve o fato em ricos detalhes, desde o encantamento até a localização e denominação recebida pelo encantado. A alegoria traz situações de mediação entre dois mundos, o mundo encantado e o

mundo “real”, porém se encerra como as tantas situações de encantamento em que há uma promessa de retorno. Veja abaixo a narrativa.

Eu tenho um tio que se encantou, encantou com 7 ano de idade, a minha avó saiu acompanhando a se a fia que morreu e minha mãe fico com 12 ano de idade com o menino. No rio em São José dos Martírios, já ouviu fala? É lá que meu tio tá encantado, aí minha avó saiu pra enterra a menina, minha mãe ficó lavano as vasia tinha passado a noite na sentinela, o menino saiu. Antes de chega na beira do rio tinha um pé capuerão e dali pra frente é areia viro o rasto do menino até no meio da areia pra lá não viro mais. Quando minha avó chego a minha mãe tava doida caçano o menino, aí viro o rasto do menino até no meio da areia. Naquele tempo trabalho espiritual chamava sessão, minha mãe foi numa sessão com a pajé, chamava pajé quem trabaia com magia. Minha mãe foi numa pajé caçano só que ela foi depois de 7 dia, chegou lá a pajé abriu a sessão e disse pra ela que se ela tivesse ido antes de 7 dias podia trazer o menino de volta, ela trazia dava pra trazer, mais o fio dela tava encantado não tinha mais jeito pra voltar minha mãe deu uns grole lá mas a minha avó deu um passamento, quando ela descobriu que não dava mais pra trazer o menino de volta. E aí a minha mãe disse eu trabaio pra ele voltar, só que não dava mais pra ele voltar, ele se encantou numa piroasca, depois ele apareceu pra uma muié e disse pra ela lá na beira da pedra, a muié pescano. Ela disse que é o homem mais bonito do mundo, disse pra ela que era pra ela ir com a tesoura virgem e quando ele é aboia que ela vem na beirada da pedra e quando ele fosse aboiando bem berano a pedra era pra ela pegá atrás das costas dele uma aba que tinha e cortar com a tesoura virgem que ele disse que desencantava, desencantava e partia o tesouro dele com ela. Ele ia colocar o tesouro de todo fora do reinado do reinado que ele tava. Assim ele poderia botar no seco pra depois que ele desencantar ele e punha, num é? Pois a mulher disse pra ele que não ia, na casa dela não tinha tesoura, ela disse que não ia não ia porque tinha medo e não veio na marca que ele marcou. O nome dele é Luís hoje ele tá Luís Rei de França (Entrevista Oral, concedida em 05/10/2018).

Aferi também junto a seu Zé da Prata sobre encantamento e a forma como esse pode ocorrer, momento em que me explicou que algumas orações podem promover o encantamento, as orações são de São Marcos Bravo, São Cipriano e o Sete Breve. Segundo Senhor José o Sete Breve todo são 49 orações, e quem a tem pode “se encantar mesmo de corpo, alma e tudo”. Com a oração de Sete Breve, segundo senhor José da Prata, se alguém a tiver em posse e rezar a pessoa se torna invisível aos nossos olhos e assim descreve como seria:

[...] Ele via nós tudinho, só que nós num via ele.[...] Sete Breve são 7x7, são 49 oração. Ali bala bate na pessoa e cai no chão e vai embora. [...] Aí a pessoa que tem esse sete breve ele se encanta. Ele fica no meio de nós e ninguém vê ele, só ele que vê nós. (Entrevista Oral, concedida em 05/10/2018).

Na exemplificação de como é um encantamento, Senhor José da Prata, mais uma vez brindou o trabalhou com mais uma de suas “maravilhosas” narrativas, contando um encantamento familiar, seu primo Francisco se encantou, e no depoimento abaixo seguem as

palavras do entrevistado contando como se deu o acontecimento que culminou no encante de Francisco.

Eu tive um primo que ele se encantou. Um menino até novo. Se encantou lá na cidade do meu pai. Ele desapareceu aí no meio do povo. A mãe dele quando morreu foi muita luta pros padre dominá ela¹²². Naquele tempo tinha padre sabido, viu? [...] Aí o Francisco ele se encantou, foi uma cigana que disse pra ele: “Oh ganjão tu tá pra se encantar! É homem novo moço, trinta e poucos ano. Ela disse tudo tá para se encantar. Ele - Mas como? Ela – Tu vai desaparecer tu vê todo mundo, anda aí no meio deles só que daí eles não lhe vê. Ele desapareceu assim do nada (Entrevista Oral, concedida em 05/10/2018).

Ainda conversando sobre encantamento abordei a referência a São Cipriano para se chegar ao encantamento Senhor José assim me explica: “Cipriano aprendeu, ele fez foi aprender, ele não tinha dom, ele foi estudou e aprendeu um punhado de coisa. Aprendeu mais um outro punhado foi aí que ele subiu mais um pouco”. E animado com a conversa me disse: “São Cipriano tem umas historinhas engraçadas, vou conta uma não é comprida não”. Dando início em seguida a “historinha”.

São Cipriano estava na casa dele, aí chegou um homem lá um padre né? Chegou o padre Adriano, chegou lá na casa dele vinha passando na estrada ele topou São Cipriano fora da casa na estrada vinha montado no animal e ele chegou ali e deu bom dia ao menino e disse: menino tu sabe ler? E o menino respondeu sei um pouco. Aí ele passou e foi embora, quando ele veio de lá para cá em que ele voltou, (São Cipriano) e chegou lá e contou para o pai dele porque tu não disseste que não sabia? Ele ficou com aquilo na cabeça passado uns dias o Padre Adriano. Padre Adriano veio voltando chegou lá e deu um bom dia lá na casa e ele disse menino tu sabe ler, ele disse: não senhor eu não sei não senhor. Tu quer se empregar comigo? Falou com o pai do Cipriano se ele quiser ir, São Cipriano foi se empregar com o Adriano ele disse: seu serviço aqui é botar esses livros no sol todos os dias e tirar, aí no livro de São Cipriano a parte em que a pessoa chama todas as encantorias. Aí ele disse olha tenha cuidado com esse livro aqui não vai ficar vendo muito essas gravuras que tem aí. São Cipriano foi logo pegou no depósito onde ele botava os livros, mas foi ligeiro Cipriano começou a pegar pancadas, pancada de um lado, pancada de outro ele lutando para se defender mas aí já começou a gritar ainda bem que o Adriano estava em casa aí o Adriano correu lá falou para ele afastar disse eu não disse para você não mexer, teima. Se eu não tivesse que aqui você ia morrer de pancada. Aí São Cipriano ficou mais velhaco, Adriano só vivia viajando e Cipriano só vivia estudando, estudando mesmo e estudando fundo para aprender. Quando foi um dia o padre Adriano foi fazer uma pesquisa com São Cipriano e viu que Cipriano estava sabido, não estava mais para dar conta dele – olha é por conta que São Cipriano na era pra ser São Adriano - Cipriano foi embora pra casa do pai dele. Cipriano descuidou um pouquinho aí o Adriano fez ele virá um cavalo veio bater lá na casa dele. Aí padre Adriano botou a bridizona na cabeça dele, colocou uma celona. Aí seguiu viagem, viagem longa. Chegou lá na casa do compadre dele Cipriano ficou lá amarrado debaixo de um pé de pau, aí e ele pensou daqui eu

¹²² Nessa passagem há o entremeio de dois episódios a morte da mãe do encantado e o encantamento. A mãe do encantado depois de morta segundo seu José atacava as missas e os padres em forma de chuva de esterco, bem ao estilo de Tereza Bicuda, Ana Jansen e outras assombrações que atormentam os vivos em passagens e acontecimentos “fantásticos e maravilhosos”.

escapo eu não vou morrer dessa. Ai o Adriano disse a seu afilhado vai dar água aos cavalos lá no poço, disse: mais cuidado não tire a bride¹²³ do cavalo. Quando ele chegou lá no poço para dar água para os animais. Chegou lá no poço aquele tantão de água para os animais, mas animal com bride não pode beber água, aquele ferro danado, né? O menino botou o cavalo para beber água, aí ele num bebia. Ai tinha um outro lá assim que disse rapaz você é mais burro do que esse cavalo menino! E ele disse por que? Porque tu não estás vendo que esse cavalo não vai beber com essa bride na boca. Não, mas o meu padrinho disse que não era para tirar. E ele disse: pois bote essa bride na boca do seu padrinho pra ver se ele bebe também, assim o cavalo não bebe. Ai ele foi e tirou a bride da boca do cavalo. Quando ele tirou o cavalo disse ai de mim virado numa piaba aí tibus na água [...]. Ai o menino veio embora, as coisas ficou tudo lá, e aí falou para o padre Adriano. O padre Adriano disse mas rapaz aconteceu isso? E ele disse onde foi? E ele disse foi bem aqui. E ele disse aí de mim virado numa traíra, aí a trairona tibungou na água. Cipriano percebeu que o padre Adriano iria pegar ele mesmo, ele deu um pulo fora d'água e disse aí de mim virado numa beija - flor o padre Adriano disse aí de mim virado num gavião, o padre Adriano mergulhou atrás da beija-flor [...]. Quando a beija-flor percebeu a presença de padre Adriano ela voou. Tinha um rei que tava assim pra morrer, e tinha uma filha, era só ele e essa filha. Ai Cipriano chegou naquela porta e desviou, apareceu um rapaz e deu sinal para princesa e disse: dê licença que eu venho muito atormentado de um gavião que está querendo me comer, ela disse pode ficar [...]. São Cipriano virou uma aliança. Ai o Adriano chegou e disse para princesa aqui tem um curador, e a condição do seu pai como ele está ele está muito doente. Ai o padre Adriano disse: eu faço seu pai ficar bom e aí você me dá essa aliança. São Cipriano já tinha avisado que Adriano ia curar o pai da princesa, mas ele iria pedir aliança e quando ela fosse entregar aliança que ela jogasse a aliança no chão. Ela disse: tudo bem. Ai o Adriano foi por ali ele e arrumou uma beberagenzinha e mandou que desce ao velho, o velho bebeu com 30 minutos mais ou menos o velho já estava falando, daí já se sentou. Ai o velho ficou conversando com Adriano e a moça, aí o Adriano disse: moça vamos ali para fora conversar. E são Cipriano estava no dedo dela em forma de aliança. Ai o Adriano disse, pois é moça cumprimos nossa missão, agora me dê a aliança. Ali ele sabia que a aliança era São Cipriano, aí a princesa tirou a aliança do dedo e jogou nos pés dele aí Cipriano virou um monte de milho e correu 3 caroços para debaixo do pé da princesa. Ai o Adriano disse aí de mim virado num peru. Ai o peru passou para o monte de milho e quando ele foi chegando perto do pé da princesa os três caroços de milho que estava embaixo do pé da princesa começaram a fazer força aí ela soltou um pouco o pé e ele disse aí de mim virado numa raposa. E ele passou pra cima e matou o Adriano, essa foi a primeira morte foi matar o mestre (Entrevista Oral, concedida em 05/10/2018).

E com essas ricas narrativas, foi possível perceber que não há uma visão estanque e unilateral sobre encantamento. As transformações são possíveis de várias formas, é possível ver aqui nos depoimentos a proximidade entre fado e encantamento. O fado e o encantamento podem acontecer através de orações, como no exemplo demonstrando por José da Prata. Mas não é regra geral. O fado ou sina pode vir em razão de um pacto, transmissão ou sentença. E nas narrativas não foi constada uma preocupação ou meio de reversão do fado.

Mas, há entre fado e encanto uma diferença importante, que pode ser percebida entre essas duas categorias. Essa diferença é que, a transformação por fado ou sina, o transformado

¹²³ Bride ou bridões – segundo explicações de seu José da Prata e verificação feita em sites de produtos agropecuários, diz – se da embocadura usada principalmente durante a doma, usada na iniciação de potros. Pode ser de ferro ou de aço. Também chamada “doma” ou “professora”.

ou metamorfo, passa da condição humana à animal, e depois retorna do animal ao humano, isso não acontece no caso dos encantados. O encantamento, em geral, se dá em um local de encante, onde a pessoa geralmente é atraída por outros encantados, ou quando ocorre por oração, como no primeiro exemplo da narrativa de José da Prata, em que seu primo fez a oração e se encantou, ficou invisível e não saiu mais desse estado.

Há, para os encantados, uma possibilidade de desfazer o encantamento, essa quebra pelo que foi observado pode ocorrer de duas maneiras: a) casamento (amor); b) ferimento com objeto cortante virgem. Os encantados buscam entre os seres humanos, pessoas com coragem para lhes desencantar. Para o ‘desencantador’ ou ‘desencantadora’, oferecem tesouros e riquezas de seu reino em troca do favor. Mas o desencantador ou desencantadora, tomados pelo medo ou pura falta de interesse, geralmente não cumprem a missão. É possível confirmar em Maués (2005), a possibilidade de ‘desencante’.

A ideia messiânica de um possível desencantamento do rei Sebastião está sempre presente na região do Salgado, entre as populações rurais. A lenda que expressa melhor essa ideia, contada em várias versões, refere-se à aparição de filha do rei a um pescador, na ilha de Maiandeuá, pedindo que ele a desencante. Se isso acontecer, ele terá como recompensa casar com a princesa. Além disso, caso isso aconteça, as cidades dos encantados aflorarão à superfície, enquanto todas as nossas cidades irão para o fundo, estabelecendo-se, a partir daí, o governo do rei Sebastião sobre o mundo. Para desencantá-la, ele terá, como no caso do desencantamento de Cobra Norato, de cortar o couro da cobra em que a princesa se transforma, com uma faca virgem, até provocar sangue. Ocorre que, em todas as versões que ouvi, o pescador sempre falha, sentindo-se apavorado com a presença daquela enorme cobra. Ao fugir, ainda ouve um lamento: “Ah, ingrato, redobreste meus encantos!” (MAUÉS, 2005, p. 264).

Outra característica sobre os encantados, é que existe uma relação, desses seres com os terreiros. E também podem interferir na vida das pessoas, trazendo ‘atrapalhos’, doenças para suas vidas ou também pode intervir positivamente, resolvendo problemas quando solicitado. O encantado ao contrário do fadista, recebe um tesouro no outro reino, em compensação ao seu encantamento. Já os fadistas, ao contrário podem pagar com as transformações um pacto feito para obtenção de algo ou algum benefício.

Categorias e representações que se moldam, readaptam-se, reinventam-se, mas que são indispensáveis nas representações e vivências não só do Povo do Araguaia, mas de todos os seres humanos, em alguns locais mais fortes e presentes, em outros como epopeias e exemplos do passado, mas que acompanham a humanidade e suas experiências desde muito

tempo. Assim, como são os Bersekers¹²⁴ para os noruegueses, Hércules para os gregos, Davi para os cristãos, os orixás para o Povo de Terreiro, Heracles para os romanos e inumeráveis outros exemplos.

Essas categorias tão presentes em nosso cotidiano são inseridas desde nossa infância, as histórias contadas à explicações de nossos infortúnios. De Norte a Sul do Brasil ouvimos e reproduzimos essas categorias, alegorias e representações. Como Tereza Bicuda¹²⁵ de Jaraguá (GO), Coronel Castrinho¹²⁶ de Jaraguá (GO), Ana Jansen¹²⁷ de São Luís do Maranhão (MA), personagens punidos depois da morte por suas atitudes enquanto vivos. E sobre essa retórica do realista maravilhoso, Lima afirma que:

Analogamente à retórica do encantamento no romance realista maravilhoso, a fusão do sociológico e do alegórico quer indicar que também a vida social pode ser concebida de modo a não separar o que se convencionou ser a sua realidade e sua representação imaginativa (LIMA, 2003, p. 43).

E dessa realidade maravilhosa em que há as experiências vividas em grupo, os depoentes tecem suas histórias de vida atrelando ao que experimentaram antes, durante e depois da guerrilha. Recorrem a personagens e passagens do conflito para justificarem suas narrativas e acontecimentos. Representam, desenham, cartografam em suas narrativas seus posicionamentos, suas crenças e seus testemunhos de uma forma ‘romântica’, esse romance não nos cânones literários, mas um romance próprio de quem aprendeu tirar do caos lições de sobrevivência. E nas histórias da guerrilha, nas histórias de vida, nos contos que recontam, na vivência religiosa o Povo de Santo se torna protagonista duplamente sua própria história. Por um lado, ao trazer Osvaldo para dentro do grupo, destacando o seu pertencimento e conexão com os terreiros, e, ainda, por estar na origem dos eventos que levaram à sua morte; por fim, porque ao final afirmar que a História ocorre, existe, funciona como desenrolar a partir da

¹²⁴ Guerreiros noruegueses, grupo de guerreiros noruegueses, eram seres humanos como os demais, porém em tempos de guerra ou batalhas se transformavam em animais.

¹²⁵ Tereza Bicuda, assim é conhecida uma personagem da cidade Jaraguá (GO), onde existe várias versões sobre sua vida e morte. Das quais é que batia em sua mãe e depois de morta seu corpo ficou seco e sua cabeça virou morada de maribondo ferozes. Segundo consta seu corpo está na Serra de Jaraguá, embaixo de um cajueiro e quem passa perto e grita Tereza Bicuda é atacado por animais. Nei Clara Lima, também traz em seu livro *Narrativas Oraís: uma poética da vida social* uma das versões sobre vida e morte da personagem.

¹²⁶ Coronel Castrinho, outra das muitas histórias de assombração jaraguenses, contam que quando vivo era muito malvado, de espírito sanguinário ceifou e mandou ceifar muitas vidas. Quando morreu a terra não aceitou seu corpo, das sete vezes que foi enterrado a terra jogou seu corpo para fora, até que a família decidiu levar seu corpo para a sede da fazenda. Lá virou corpo seco, sentado em uma cadeira parecida com um trono se alimenta de carvão de cajueiro e leite.

¹²⁷ Ana Jansen - Foi uma senhora de escravos, que de tanta malvadeza andava sobre as “costas dos escravos como se fossem tapetes”, depois de morta passou a andar pela cidade em uma carruagem, dando gritos assustadores.

relação entre este plano e o plano do encante, do fado, do maravilhoso, do mundo tal que o Povo de Santo o concebe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, meu objetivo foi compreender e registrar as memórias da Guerrilha do Araguaia nas narrativas orais do Povo de Santo da região dos rios Araguaia – Tocantins, bem como interpretam e revelam essas memórias a partir do viés de suas experiências e vivências espirituais. Em outras palavras, verificar em que medida essas memórias se ligam a vida e história do grupo, e como essas narrativas se encontram e se constituem enquanto memória coletiva e política do grupo.

A pesquisa que se inicia na busca do possível encantamento de Osvaldo, entidade ou outra categoria já existente ou que esteja surgindo entre o Povo de Santo, vai revelando outras possibilidades de compreender essas narrativas e ainda de perceber a inserção de Osvaldo no grupo enquanto dirigente, que já desenvolvia trabalhos.

Não obstante, os levantamentos bibliográficos e pesquisa de campo chamavam a pesquisadora a olhar em outras direções que o vasto campo de pesquisa lhe abria. Os dados indicaram o caminho para a inserção e percepção do grupo Povo de Santo como sujeitos históricos em cena e principalmente como protagonistas no evento que culmina com a morte do guerrilheiro, e que representa também a morte simbólica do conflito, levando em consideração que tanto historiografia, quanto as narrativas orais concorda que ele era entre os companheiros grande liderança e estrategista do grupo, e para a população trazia características que o incorporava ao mundo “representativo e imaginário”, pelo compreendem vários aspectos de suas vidas.

Entre ribeirinhos, camponeses, Povo de Santo e população local, era tido como alguém dotado de poderes e sabedorias, que o diferenciava dos demais companheiros, salvo exceção da guerrilheira Dina. Das muitas visões levantadas, coletadas, verificadas e registradas é possível percebê-lo transitando por vários aspectos e espaços da crença local.

Transita entre crenças populares ao se aproximar de personagens como Curupira, Boiúna, Mãe D'água. Aproxima-se dos terreiros nas referências à sua imortalidade mencionada pelas entidades que baixam nos terecôs, é citado em narrativas como alguém que desenvolvia trabalhos em terreiros, e apontado em fontes escritas e orais como alguém que possuía capacidades de transformações. Visto como Demônio, logo se aproxima do livro de São Cipriano, o livro da sabedoria. Daí o uso recorrente do adjetivo sabido, quando se fala de Osvaldo.

Transformações, orações poderosas como, a de São Marcos Bravo e a da Cabra Preta, lembram e são referendadas nas narrativas como pacto com o Bicho Ruim, o que também se assemelha ao fado quando se diz que o fado ou sina pode ser em razão de um pacto com o demônio em que o proponente após conseguir o que almeja passa a sofrer essas metamorfoses como forma de honrar o pacto estabelecido.

As relações com seres, rezas, orações, transformações lhe diferencia a tal ponto de as forças militares se veem obrigadas a recrutar dirigentes de terreiros, para planejar e executar sua morte. Daí é notável seu prestígio e renome no “conjunto imaginário local”, tanto que após sua morte, e com intuito de demonstrar força e querendo quebrar esse prestígio do oponente, seu corpo é exibido para a população e motivo de festa e comemoração no acampamento militar.

Ainda é visível a relação das memórias de grupo e guerrilha do Araguaia, pois quando chamados para narrarem suas vidas dirigentes e pessoas do Povo de Santo vez por outra retomam o conflito para fazerem a relação com os eventos e as relações com Osvaldão.

Dos registros e coletas foram surgindo categorias, personagens, histórias de vida, posicionamentos pessoais e de grupo, eventos “fantásticos”. Esses eventos “fantásticos” veem acompanhando exemplos, justificativas e respostas para as perguntas da pesquisadora, inclusive retomando ao mundo antigo para exemplificar a capacidade de se encantar, transformar, se esconder.

Das categorias percorridas e registradas algumas acabaram por se tornarem mais eloquentes e discutidas por razões como: A) mencionadas mais de uma vez pelos narradores; B) contar com um maior número e acesso a produção acadêmica; C) serem mais bem compreendidas no grupo pesquisado. Dessas categorias mencionadas a transformação em lobisomem não foi constatada por mim nas entrevistas, apenas encontrei essa possibilidade em poucos trechos da literatura especializada.

Todavia, a categoria lobisomem, é compreendida por Maués (2005), como fado ou sina, que dá em razão de pacto, punição ou transmissão (presente). Essa categoria convive com as práticas de terreiros na percepção de depoentes, mas não se vincula diretamente.

Das entidades, orixás, guias, encantados que transitam pelos terreiros da região reúne um panteão composto por personagens históricos, reis, mártires, rainhas, princesas, padres... Das incorporações que presenciei conversei com: Chica Baiana, Cabocla Jacira, Maria Moura, Padre Cícero e João de Orondino. Assisti baixarem: reis, caboclos, pretos velhos, princesas,

mineiros, vaqueiros, marinheiros e outros mais. Mas em nenhum dos trabalhos baixou Osvaldo ou qualquer guia ou entidade que o citasse.

A percepção de transformações de seres humanos em animais, vento, pedra, terra, árvore, água, cipó, espírito invisível, deslinda entre outras possibilidades a dualidade humana, a capacidade de transfigurar – se. Osvaldo, negro, alto, sorriso largo, astuto, simpático, amistoso, astuto e inteligente, se converte com a chegada dos militares, se embrenha nas matas, vira onça, vira cachorro, barrão, pedra, árvore, vento. O Osvaldão caçador e mariscador, garimpeiro e dono de roça, se transforma em comandante, e mata Cabo Rosa.

A guerra não subtrai de vez sua humanidade, a faz reaparecer quando perde um companheiro, um amigo. O lobisomem, o demônio, o praticante de “magia negra”, recobra sua humanidade e chora, mas também uiva, urra, pois vive um estado de trânsito.

Seu anjo da guarda sentindo a ausência de luz o abandona, está aí sua fraqueza. É feita uma armadilha, o anjo de guarda é atraído pela luz da “linha branca”, abandona Osvaldo que fica vulnerável, que atravessa a grota, corta a água, fica imune, recebe de Arlindo Piauí o balaço certo, preparado por seus pais Chico Piauí e Dona Ricardina, a quem diga que Píancó foi quem preparou. Após o tiro seu corpo recebe uma rajada de metralhadora. Sua cabeça mais tarde separada do corpo, assim como Herodes mandou fazer a João Batista.

Arlindo Piauí, segundo relatos recebeu muito dinheiro, o suficiente para montar um grande comércio em São Domingos do Araguaia (PA), e ainda sobrou uma soma para comprar um fusca zero quilômetro, ficou bem de vida, mas durou pouco, aquele dinheiro estava manchado de sangue, as coisas deram para trás, perdeu tudo em pouco tempo. Morreu anos mais tarde na miséria, o caixão para sepulta-lo foi doado pelo exército depois de muita insistência de seus familiares.

Da história de vida dos dirigentes e como desenvolveram suas atividades mediúnicas, os relatos apontam para os sinais desde a infância e muitas atribulações, doenças e perturbações até a redenção e aceitação da sua condição espiritual. Os depoentes afirmaram começar desde muito jovem a trabalhar, com idades que vão de 7, 15 e 19 anos. Exceto Diamantina, que nasceu no município de Araguatins (TO), os demais seguiram os fluxos migratórios da região Nordeste para a região Norte.

A guerrilha mudou a vida de quase todos, segundo narram. Alguns mais afetados diretamente com prisões e torturas. Outros ao presenciarem a barbárie. Outros ainda conviveram, testemunharam e presenciaram não só a guerrilha, mas os conflitos que vieram depois pela disputa pela terra.

A guerrilha e os guerrilheiros deixaram um legado, a luta por direitos, justiça social. Mas também ocasionou mudanças, os militares que estavam no poder na época percebendo potencial surgimento de novos conflitos ou foco guerrilheiro, investiram na infraestrutura local, com construção de escolas, estradas, hospitais e outras benfeitorias, o estado passou a assistir um pouco mais aquela gente.

De idas e vindas, caminhos e descaminhos que se iniciaram com a busca de “Osvaldo: o encantado”, o que fui encontrando e registrando foram as memórias do Povo de Santo, sobre a Guerrilha do Araguaia e também a percepção do grupo enquanto personagens que protagonizaram o desfecho do maior movimento armado da nossa história recente, que ao contrário do discurso produzido até então, em que emergiam apenas militantes e militares e a população local apenas como vítimas ou meros contributários que participaram esporadicamente do evento.

O que encontrei e pude tirar as minhas conclusões é que tanto militantes e quanto os militares, tiveram dentro do conjunto população local pessoas e grupos que tiveram papel crucial no desenlace da guerrilha.

À exemplo da participação local é repetitivo, mas sempre válido lembrar que sem a aquisição dos conhecimentos dos mateiros, com certeza a derrocada da guerrilha, provavelmente teria se estendido por mais alguns meses ou anos quem sabe. Tanto facilitado pelo conhecimento que os mateiros tinham do local, como também dos militantes e seus percursos, embora a ênfase do trabalho não seja sobre o papel dos mateiros, se faz necessário introduzi-los como personagens locais que ali viviam como a maioria dos seus companheiros, dividindo seu tempo de trabalho entre o trabalho em garimpos, extrativismo ou mesmo diaristas nas propriedades locais.

Sobre o Povo de Santo é oportuno frisar que a partir das observações por mim feitas a partir de narrativas e relatos, há a prenúncia a maiorias das dirigentes e dos dirigentes de terreiros eram também trabalhadores do campo, pequenos proprietários locais, trabalhadoras e trabalhadores rurais, e alguns também já desenvolviam seus dons mediúnicos ou mesmo dava os primeiros sinais da mediunidade.

A proximidade guerrilheira om os terreiros é encontrada tanto na literatura da guerrilha tal como nas narrativas por mim coletadas, e no caso de Osvaldão há uma elaboração narrativa afiançando o que discorre a literatura especializada sobre seus poderes ou quiçá dons que lhe proporcionava o poder de transformação em diversos seres animados e inanimados, entrelaçando-se com revelação de que o guerrilheiro também desenvolvia

trabalhos em terreiros assentados entre São Domingos do Araguaia (PA) e São João do Araguaia (PA).

O corpo ainda é um mistério, não foi encontrado, mas suas histórias ficaram, sua memória se atrelou a do grupo, pois eram também um deles. Notícias correm que desce em terreiros na região, em Araguaína e em Belém, não pude presenciar, mas não deixei de sentir a cada relato, narrativa, informação, até em sonho me apareceu, mas em terreiros não o presenciei incorporado. Mas, suas palavras ficaram registradas nas memórias, nos relatos, nos conhecimentos. Osvaldo está lá, é inegável, ele dança, ele canta, ele baia, ele cura, ele dá conselhos, talvez não diretamente incorporado, mas no legado deixado no Araguaia. E o Povo de Santo protagonizou o desfecho do conflito político, isso não se nega, já está registrado pela história e nas palavras de seu Francisco até entre os militares tinha “comandante sabido”.

E assim como Enoque¹²⁸ subiu ao céu caminhando ao lado de Deus, Elias¹²⁹ foi também levado ao céu em uma carruagem de fogo, Mackandal¹³⁰ permaneceu no “reino deste mundo”, e assim como Dom Sebastião voltará a qualquer momento para libertar seu povo. Osvaldão é cantado, contado e recontado como vento dirigido, espírito da mata, encantado, entidade em terreiros, espírito que vaga, lobisomem, protegido dos espíritos da floresta, da Mãe D’água, conhecedor dos mistérios de São Cipriano, entre tantos outros mais.

Enfim, não importa a categorização o que importa é como o personagem se tornou símbolo de resistência e também o fio condutor das narrativas do Povo de Santo para contarem e registrarem suas histórias e memórias e seu protagonismo na Guerrilha do Araguaia.

De repente vem a pergunta: você consegue perceber essa relação entre militantes do PC do B (visão marxiana) e a religião? Eu poderia tentar elaborar uma resposta com bases em aportes teóricos sobre aproximação e construção política de grupo a partir das relações estabelecidas – o que não deixaria de ser fato – mas parto para resposta a partir de exemplo e finalizo com a seguinte proposição: Pierre Edouard Leopold Verger, ateu, francês, fotógrafo e etnólogo, homem de muitas viagens e conhecimento, chegou à Bahia, se encantou pelo lugar e

¹²⁸ Enoque – Gn 5: 24 e Hb 11:5.

¹²⁹ Elias – 2 Rs 2: 1 e 2 Rs 2:11.

¹³⁰ Mackandal – foi um dos líderes do povo haitiano, sacerdote e conhecedor de vodu, africano e conhecedor de ervas e plantas, é associado à “magia negra”, pelo fato de se saber extrair os venenos naturais, foi condenado a morte e queimado em praça pública. Virou o principal personagem do romance histórico escrito pelo cubano Alejo Carpentier, de nome O Reino deste mundo, que compõe o conjunto de literatura caribenha do fantástico e maravilhoso.

pela fé, se torna Babalawo¹³¹ e passa a se chamar Pierre Fatumbi¹³² Verger e vira o “mensageiro entre dois mundos”.

¹³¹ Babalawo – sacerdote religioso, também chamado “pai do segredo”.

¹³² Fatumbi – nascido de novo graças ao Ifá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaína; FERREIRA Marieta de Moraes Ferreira. Apresentação. In: **Usos e abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

AMORIM, Carlos. **Araguaia Histórias de Amor e de Guerra**. Rio de Janeiro. Editora Record, 2014.

BOSI, Ecléa. A memória dos velhos. In: **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.60-63.

CARPENTIER, Alejo. **O Reino Dêste Mundo**. Tradução de João Olavo Saldanha. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 1966.

CIPRIANO, São. **O livro da sabedoria**. São Paulo – SP. Editora Nova Sampa.

DÁCIA, Ibiapina da Silva. **História oral, oralidade e audiovisual na construção de relatos de memórias traumáticas**, História Oral, 6, 2003, p. 69-94.

DEVOS, Rafael. **HOLANDA, Luiz Buarque de. (Direção). Pierre Fatumbi Verger, mensageiro entre dois mundos. Vídeo. Apresentação e narração: Gilberto Gil. Direção de fotografia: César Charlone. Roteiro: Marcos Bernstein. Trilha sonora: Naná Vasconcelos. Consultoria: Milton Guran. Edição: João Henrique Ribeiro, Vicente Kubrusly. Som: Valéria Ferro. Conspiração Filmes/Gegê Produções/GNT Globosat. Documentário em 35 mm, 80 min, 1998, Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 339-342, dez. 1999**

FILHO, Romualdo P. C. **ARAGUAIA: DEPOIS DA GUERRILHA UMA OUTRA GUERRA: A Luta pela Terra no Sul do Pará, impregnada pela Ideologia de Segurança Nacional (1975 – 2000)**, Goiânia, 2013. Originalmente apresentada como tese de doutoramento, Universidade Federal de Goiás.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

JOFFILY, Bernardo. **Osvaldão e a Saga do Araguaia**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

HAMPATÉ BÂ, Hamadou – A tradição viva, In: **História Geral da África I. Metodologia e pré-história da África**. Organizado por Joseph Ki-Zerbo. São Paulo. Brasília: UNESCO, 2010, p.167-214.

LIMA, Nei Clara de. **Narrativas orais uma poética da vida social**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003.

MAUÉS, Raymundo Herald. **Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião**. Estudos Avançados 19 (53), 2005

_____. **Medicinas populares e “pajelança cabocla” na Amazônia**. Saúde e doença: um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 174 p.

MAY, Tim. Observação Participante: Perspectivas e práticas In: **Pesquisa Social: Questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MECHI, Patrícia. **Camponeses do Araguaia: da Guerrilha contra a Ditadura Civil-Militar à luta contemporânea pela terra**. Projeto História, São Paulo, n. 46 pp. 167-195, Abr. 2013

MEDEIROS, Euclides Antunes de. **GUERRILHA DO ARAGUAIA: Memórias à margem da história**. Outros Tempos, vol. 10, n.16, 2013 p. 256-284.

MORAIS, Taís – E. S. **Operação Araguaia: os arquivos secretos da guerrilha**. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

MOURA, Clóvis – **Diário da Guerrilha do Araguaia**. Editora Alfa-Omega, São Paulo, 1979.

MUCHEMBLED, Robert. **Uma história do diabo: séculos XII-XX**. Rio de JANEIRO, Bom Texto, 2001.

NOSSA, Leonencio. **Mata! O Major Curió e as Guerrilhas No Araguaia**. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

OSVALDÃO – Produção Renata Petta e dirigido por Vandrê Fernandes, Ana Petta, Fabio Bardella e André Michiles. Clementina Filmes, 2014. Disponível em: <https://vimeo.com/149681440>. Acesso em 05/12/2017 às 22:00 horas.

PEIXOTO, Rodrigo Corrêa Diniz. **Memória social da Guerrilha do Araguaia e da guerra que veio depois Guerrilha do Araguaia and the afterwards war's social memory.** Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 6, n. 3, p. 479-499, set.-dez. 2011

POLLAK, Michael - **Memória, Esquecimento, Silêncio**, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

_____. **MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL**, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PORTELA, Fernando – **Guerra de Guerrilhas no Brasil: Documentos inéditos e na íntegra.** 2ª Ed., São Paulo, Global Editora, 1986.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política e senso comum. In: **Usos e abusos da história oral.** 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 103-130.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta.** São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RICOEUR, Paul. **A memória, a História e o Esquecimento.** Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SÁ, Glênio. **Araguaia: relato de um guerrilheiro.** São Paulo. Editora Anita Garibaldi, 1990.

SADER, R. 1990. **Lutas e imaginário camponês.** Revista de Sociologia da USP, 2(1):115-125

REIS, Naurinete Fernandes Inácio. Memória Camponesa e Guerrilha do Araguaia, **In: Culturas e dinâmicas sociais na Amazônia Oriental brasileira.** Editora Paka – Tatu, Belém – Pará, p. 169 – 199.

SILVA, Jerônimo da S. e PACHECO, Agenor Sarraf. **Diásporas de Encantados na Amazônia Bragantina.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21. n. 43. P. 129 – 156. jan/jun. 2015.

SILVA, Jerônimo da S. **“No Calcanhar... Os Encantados da Terra” Concepções de Diásporas em Cosmologias Amazônicas.** Escritas Vol. 9 n. 1 (2017) ISSN 2238-7188 p. 136-159.

STUART, Hugo – **A Lei da Selva**. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

STUDART , Carlos Hugo Studart Corrêa - **EM ALGUM LUGAR DAS SELVAS AMAZÔNICAS: As Memórias dos Guerrilheiros do Araguaia (1966-1974)**, Brasília, 2013. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade de Brasília.

TAUSSIG, Micael. Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

TELES, Janaína de Almeida. **Os segredos e os mitos sobre a Guerrilha do Araguaia 1972-1974**), Revista Unisinos. Setembro/Dezembro 2014.

THOMPSON, Paul. A contribuição da história oral. In: **A voz do Passado**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

VELHO, Otávio Guilherme. **Frentes de Expansão e Estrutura Agrária** estudo do processo de penetração numa área da Transamazônica. Rio de Janeiro, 2009.

VENÂNCIO, Sariza Oliveira Caetano - **Tenda Espírita Umbandista Santa Joana D’Arc: a Umbanda em Araguaína**, São Luís, 2013. Originalmente apresentada como Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Maranhão, 2013.

WAWZYNIAK, João V. **ASSOMBRO DE OLHADA DE BICHO: uma etnografia das concepções e ações em saúde entre ribeirinhos do baixo rio Tapajós, Pará, Brasil**. São Paulo, 2008. Originalmente apresentada como tese de doutorado. Universidade Federal de São Carlos.

ANEXOS

1 - Oração Responsório de Santo Antônio

Se milagres desejais,
Recorrei a Santo Antônio;
Vereis fugir o demônio
E as tentações infernais.
Recupera-se o perdido,
Rompe-se a dura prisão
E no auge do furacão
Cede o mar embravecido.

Todos os males humanos
Se moderam, se retiram,
Digam-no aqueles que o viram,
E digam-no os paduanos.
Recupera-se o perdido,
Rompe-se a dura prisão
E no auge do furacão
Cede o mar embravecido.

Pela sua intercessão
Foge a peste, o erro, a morte,
O fraco torna-se forte
E torna-se o enfermo são.
Recupera-se o perdido,
Rompe-se a dura prisão
E no auge do furacão
Cede o mar embravecido.

Glória ao Pai, e ao Filho e ao Espírito Santo.

Recupera-se o perdido,
Rompe-se a dura prisão
E no auge do furacão
Cede o mar embravecido.

V: Rogai por nós, bem-aventurado Antônio.

R: Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

OREMOS

Ó Deus, nós vos suplicamos, que alegre à Vossa Igreja a solenidade votiva do bem-aventurado Antônio, vosso Confessor e Doutor, para que, fortalecida sempre com os espirituais auxílios, mereça gozar os prazeres eternos. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. Amém.
(Canção Nova)

2 - MÁGICA DAS FAVAS PARA TORNAR UMA PESSOA INVISÍVEL

Matar um gato preto, enterrar no quintal, colocar uma fava em cada olho, outra debaixo da cauda e outra em cada ouvido, Depois de tudo isso feito, o cobrir de terra e regá-lo todas as noites ao dar meia-noite, com muito pouca água, até que as favas, que devem ter rebentado, estejam maduras, e quando estiverem realmente, cortá-las pelos pés. Depois de cortadas, levá-las para casa e colocá-las uma a uma na boca. Quando, porém, parecer-lhe que vai se tornar invisível, é porque a fava que está na boça é a que tem a força da mágica, E assim, uma vez escolhida a fava, quando quiser entrar em qualquer parte sem que ninguém o veja, basta pôr a dita fava na boca. Isto se dá por uma virtude oculta, sem ser necessário fazer pacto com o demônio, como fazem as bruxas, Convém ficar atento para quando se vai regar as favas: hão de aparecer muitos fantasmas, com o fim de lhe dar sustos para que não consiga o seu propósito, A razão é muito simples: é que o demônio tem inveja de quem vai usar desta mágica, sem que antes se entregue a ele de corpo e alma, como normalmente fazem as bruxas, É bom não se assustar, pois nada lhe fará mal algum, basta que se faça o sinal da cruz (Livro de São Cipriano, p. 74).

3 - CABEÇA DE GATO PRETO, MÁGICA PARA SE FICAR INVISÍVEL

Fazer ferver uma panela d'água com flores de videira, usando lenha de salgueiro, Logo que a água esteja a ferver, colocar dentro um gato e deixar cozer até que se lhe separem os ossos da carne. Depois de tudo feito, deve-se coar todos os ossos em pano de linho e se colocar diante de um espelho; pôr depois um osso de cada vez na boca, não sendo necessário introduzi-lo todo, mas pô-lo só entre os dentes, de maneira que quando a sua imagem desaparecer do espelho, deve guardar o osso que está entre os dentes, porque é esse que tem a mágica, Quando você quiser ir para qualquer parte sem ser notado, basta pôr o citado osso na boca e dizer esta reza: — Quero já estar em tal parte pelo poder da mágica preta que libera (Livro de São Cipriano, p. 76).

4 - ORAÇÃO DA CABRA PRETA

Cabra Preta milagrosa que pelo monte subiu, trouxe-me Fulano, que de minha mão sumiu. Fulano, assim como o galo canta, o burro rincha, o sino toca e a cabra berra. Assim tu hás de

andar atrás de mim. Assim como Caifaz, Satanás, Ferrabraz e o Maioral do Inferno que fazem todos se dominar, fazei Fulano se dominar, para me trazer cordeiro, preso debaixo do meu pé esquerdo. Fulano, dinheiro na tua e na minha mão não há de faltar, com sede tu nem eu não haveremos de acabar, de tiro e faca nem tu nem eu não há de nos pegar, meus inimigos não hão de me enxergar. A luta vencerei com os poderes da Cabra Preta milagrosa. Fulano, com dois eu te vejo, com três eu te prendo com Caifaz, Satanás, Ferrabraz. Reza-se esta oração com urna vela acesa e uma faca de ponta (Livro de São Cipriano, p. 305).

Figura 15: Memorial Massacre de Eldorado dos Carajás, feito por Oscar Niemeyer (anexo 5).



Fonte: Acervo Globo

Figura 5: Parede da UNIFESSPA, registra o monumento feito por Niemeyer e destruído por grupo “não identificado”(anexo 6).



Fonte: Wikipédia, 2018.

